

# A ÁRVORE FRONDOSA



NOSSAS MEMÓRIAS  
A VIDA DO CASAL COSTA CAMPOS

**Revisão de Texto:** Glória Cardozo Bertti  
Neusa Maria Dias Bicudo  
**Projeto Gráfico:** Carlos Alberto Vieira  
José Dominguez Sanz  
**Composição:** Marina de Fátima O. Moura  
**Desenhos:** Sílvio Perelra Coimbra  
**Fotografia:** Celso Lulz de Faria  
**Impressão e Acabamento:** J.A.C. Editora - SJCampos  
**Capa:** Pintura em cerâmica  
Casa dos Costa Campos - 1989  
Ana Goulart Ferraz Corrêa (Niquinha)  
Maria da Fé - MG

*Aos meus avós,  
Francisco Theodoro da Costa, Felicidade Campos Costa,  
aos seus descendentes e a todos que  
acreditaram e acreditam nesta família.*

## SUMÁRIO

**AGRADECIMENTOS .....009**

**APRESENTAÇÃO.....011**

### **CAPÍTULO 1 - HOMENAGEM AO SEU CHICO VICENTE E**

**DONA DADE.....015**

1.1 - Chico Vicente .....015

1.2 - A Devoção a São Benedito.....019

1.3 - Dona Dade .....022

1.4 - Dona Dade como Empresária.....024

### **CAPÍTULO 2 - A FAMÍLIA DE FELICIDADE.....029**

2.1 - Os Pais e os Irmãos de Felicidade .....029

2.2 - A Vida de Casada de Felicidade.....034

**CAPÍTULO 3 - A FAMÍLIA DE CHICO VICENTE.....041**

**CAPÍTULO 4 - A FAMÍLIA COSTA CAMPOS .....046**

4.1 - Início de Vida .....046

4.2 - Quadros Ilustrativos .....048

4.3 - A Árvore e seus Ramos.....057

**CAPÍTULO 5 - A ÁRVORE FRONDOSA E SEUS FRUTOS .....065**

5.1 - A Família em Foco .....065

5.1.1 - Maria Sebastiana Costa Campos (Dindinha).....067

5.1.2 - Ormindia Campos Mota Minda) .....069

5.1.3 - Benedito Costa Campos (Dito) .....070

5.1.4 - Lavínia Costa Silva (Vina).....072

5.1.5 - Francisco Costa Campos.....073

5.1.6 - Teresa Pereira da Costa (Tetê).....074

5.1.7 - Durvalina Costa Silva (Dorva).....075

5.1.8 - Oswaldo Costa Campos.....078

5.1.9 - Vivaldi Costa Campos .....079

5.1.10 - Almerinda Costa Zaroni .....081

5.1.11 - Valda Costa Campos .....082

5.1.12 - João Costa Campos.....084

5.2 - As Famílias que se Uniram aos Costa Campos .....085

**CAPÍTULO 6 - CASA GRANDE .....088**

6.1 - As Brincadeiras .....094

6.2 - Os Arredores da Chácara São Benedito.....096

6.3 - As Festas da Chácara São Benedito .....099

6.4 - A Casa que serviu de Moradia a muita Gente.....103

6.5 - Homenagens à Casa Grande .....104

6.6 - Os que Trabalharam na Casa Grande.....106

**CAPÍTULO 7 - O VOVOZINHO .....108**

**CAPÍTULO 8 - A BANDA .....111**

**CAPÍTULO 9 - AS FESTAS DE AGORA .....117**

9.1 - Natal.....119

9.2 - Festa de Setenta Anos de Durvalina.....120

9.3 - Festa de Oitenta Anos da Dindinha.....122

9.4 - Festa de Oitenta Anos da Tia Ormindá.....123

9.5 - Festa de Oitenta Anos da Tia Lavínia .....124

<b>CAPÍTULO 10 - CRÔNICAS .....</b>	<b>127</b>
10.1 - Menina.....	127
10.2 - Tio Dito .....	129
<b>CAPÍTULO 11 - MISSÃO CUMPRIDA .....</b>	<b>134</b>
<b>CAPÍTULO 12 - A VIDA CONTINUA... ..</b>	<b>141</b>

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a alguns amigos e colegas de trabalho que leram o original e fizeram valiosas sugestões para a melhoria do texto, particularmente a Sydnéa Maluf Rosa, Maria Masae Shimizu e Antonio Roberto Formaggio, aos quais agradeço a paciência e o apoio; à prima Mari-Léa Zaroni Duarte Campos a colaboração e a autoria do Capítulo "Crônicas"; às amigas Neusa Maria Dias Bicudo e Glória Cardozo Bertti a revisão de linguagem e as sugestões; aos colegas de trabalho Carlos Alberto Vieira e José Dominguez Sanz a atenção no planejamento gráfico do livro, suas orientações e empenho para que tudo saísse bem; ao desenhista Silvio Pereira Coimbra o capricho nos desenhos dos quadros; à Marina de Fátima O. Moura o trabalho de composição final do texto; ao Celso Luiz de Faria o trabalho fotográfico; ao amigo Juércio Tavares de Mattos a sugestão de idéias novas a serem colocadas; e, em especial, ao meu marido Nino o apoio e a ajuda no registro dos dados no computador.



## APRESENTAÇÃO

A organização destas memórias foi considerada difícil inicialmente, pois as pessoas nos dias agitados de hoje quase nunca têm tempo para coisas deste tipo. No entanto, o que este livro de memórias pretende é lembrar, contar, comentar fatos do passado de uma família grande, ou melhor, de uma grande família chamada **Costa Campos** (ou Campos Costa segundo alguns documentos).

Através da observação, ouvindo uma conversa aqui e outra ali, foi possível perceber que esta família é um terreno fertilíssimo de experiências, de emoções, de fatos vividos. Todos eles relacionados com os chefes do grande clã: o casal Francisco Theodoro da Costa e Felicidade Campos Costa, mais conhecidos como Seu Chico Vicente e Dona Dade. Esses contatos permitiram buscar algumas lembranças de fatos reservados no passado, os quais teceram a vida do casal e seus descendentes.

A reflexão sobre a vida destas duas pessoas tão singulares e as influências que recebemos delas permitiram delinear as suas respectivas biografias, captar nuances da vivência deles com a segurança de estar colocando no palco duas vidas exemplares.

Além disso, descartando o tom nostálgico, prevaleceu uma espécie de acerto de contas com a posteridade, com os seus descendentes, que terão nestas memórias um ponto de referência de seus antepassados. De certa forma, é este acerto de contas que me impulsionou a escrever sobre este casal tão especial.

Por isto, se no fundo do quintal da Casa Grande da Chácara São Benedito ainda ressoam os ecos de suas vidas, não há razão para fechar a porta e não conversar, falar, comentar e reviver aquelas duas vidas inesquecíveis.

A justificativa maior para reunir estas memórias está ainda naquela filosofia que diz: "Nunca devemos nos esquecer que é melhor ser do que ter. Os bens materiais são perecíveis, mas o ser ninguém nos rouba". Portanto, aquele casal "foi" muito, ele representava e representa o exemplo, e seus descendentes, para a nossa alegria, continuam sendo boa gente. Eles construíram um pequeno patrimônio com enormes sacrifícios, mas o legado mais importante são seus exemplos. Ficaram gravadas em nossas memórias as palavras do velho Chico Vicente: "Fazei o bem e não olhai a quem, e mal a ninguém!" e outras coisas deste tipo...

Portanto, estas memórias trazem lances e flashes e às vezes histórias mais longas sobre o querido casal. Não fui buscar informações em livros. Vivi, senti e retirei os dados dos descendentes dos primeiros Costa Campos.

Este trabalho está estruturado em capítulos que procuram abordar desde o início da vida do casal, os lugares onde moraram, fatos ocorridos com eles e suas famílias, seus descendentes, modos de vida etc. A apresentação desses fatos passados dá a eles próprios um sentido renovado e extrai deles um conteúdo novo que muitas das vezes não pôde ser identificado quando ocorreram.

O título escolhido para estas memórias é "A ÁRVORE FRONDOSA: NOSSAS MEMÓRIAS". Esta árvore frondosa foi uma expressão usada pelo Padre Celso Campos Salles no sermão que fez na missa de corpo presente do Seu Chico Vicente. Na ocasião ele comparou o Seu Chico e a Dona Dade com uma árvore frondosa que deu muitos frutos (os seus descendentes). Este fato chamou a minha atenção para a grande família que deixaram e resolvi escrever sobre suas vidas. Portanto, esta foi a maneira que encontrei para homenagear este casal que levou vida exemplar e ensinou seus descendentes a viver bem, amar, trabalhar, sonhar, ousar o progresso, a fraternidade. Seus exemplos frutificaram como os bons frutos de uma árvore frondosa: alimentaram todos os seus membros, fortalecendo-os com

os nutrientes essenciais para uma vida digna. Com isto conto também as histórias de seus descendentes.

**A neta e admiradora, Maria do Carmo.**

**São José dos Campos, dezembro de 1990**



## **CAPÍTULO 1**

### **HOMENAGEM A SEU CHICO VICENTE E DONA DADE**

#### **1.1 - CHICO VICENTE**

"Chico Vicente,  
filho de boa gente,  
nascido na cama patente,  
tem amigos no Campo de Semente..."

Lá vinha aquele sorriso, aquela voz amiga, cheia de amor e alegria, encarreando aquelas rimas fáceis, mas por demais conhecidas de seus filhos, netos, bisnetos e amigos.

Mesmo em sua cadeira de rodas, que foi sua companheira por longos anos, nunca perdia o humor. Sempre tinha uma palavra amiga, um bom conselho para cada um. Dizia: "Os conselhos que lhe dou, se não forem bons, pode jogá-los no rio quando passar pela ponte..." Deixava a decisão por nossa conta. Era carinhoso para com todos, sem exceção. Não tinha prediletos entre seus filhos, descendentes e

amigos. Se tinha, dissimulava muito bem. Todos recebiam aquela dose de carinho. Todos tinham a sua parte no carinho do velho Chico Vicente. Foi um homem bom.

Esta figura humana respeitável, esse meu avô formidável, marcou profundamente a minha vida, como acredito tenha marcado outros membros da família. Levarei sempre gravados no meu íntimo os seus conselhos, o seu humor, a sua maneira de encarar a vida. Não convivi com ele tanto tempo como os outros netos, pois a vida nos impulsionou (eu e minha família) para lugares diferentes, onde sofremos a distância de seu amor como também de toda a família Costa Campos.

Costa Campos (Campos Costa como consta de alguns documentos), gente boa, amiga, trabalhadora, honesta! Alguns são artistas, outros sonhadores, construtores de sonhos, ajudaram e continuam a ajudar no crescimento da pequena cidade de Maria da Fé. A presença dos Costa Campos marcou e continua marcando a vidinha pacata daquela cidade mineira encravada na serra.

Maria da Fé, cidade de clima frio, paisagem montanhosa (ninguém escapa à magia dessas montanhas) e cheia de pinheiros araucária e também de muita fartura. De qualquer lugar podemos ver as lindas montanhas emoldurando a cidade e o céu quase sempre é azul e sem nuvens. O rio Cambuí corta o vale que se abriga entre as montanhas. Maria da Fé foi crescendo por entre o vale e as montanhas. Sua igreja edificada em homenagem à Nossa Senhora de Lourdes fica no alto do morro. Igreja clara, com vitrais coloridos, tem suas paredes pintadas pelo italiano Pietro Gentili. Todos os elementos da Família Costa Campos estão ligados de uma maneira ou de outra a este "pedacinho do céu".

Aquele homem alegre, amigo, sonhador, veio plantar sementes de seus sonhos na pequena Maria da Fé quando ainda jovem e formando par com a nossa querida Vovó Dade. Vieram da fazenda herdada de seu pai que ficava lá pelas bandas do Olegário Maciel, do Capote, das margens do rio Sapucaí no município de Brasópolis, MG. Traziam na bagagem muitos sonhos, poucos bens e alguns filhos.

Em Maria da Fé iniciaram uma nova vida e continuaram a ter seus filhos. Aumentavam os filhos e, ao mesmo tempo, ganhavam amigos, dos quais recebiam respeito e confiança.

Os sonhos do nosso Vovô Chico eram sempre contrabalançados pela realidade do trabalho e da força moral da Vovó Dade. Mulher pequena, de aparência frágil, calada, geniosa, amorosa, absolutamente correta e sempre presente em todas as situações financeiras da família. Ela era a mola mestra para que toda a engrenagem funcionasse bem. O Sr. Chico Vicente sabia respeitá-la e compreendê-la e nunca tolheu a sua iniciativa de ajudar no progresso da família. Ele sempre soube conviver com a sua amada esposa.

O Sr. Chico Vicente, assim chamado porque era filho do Vicente, era homem alto e forte. Possuía cabelos claros e lisos, olhos azuis e um sorriso sempre presente nos lábios. Andava sempre com seu terno de brim cáqui, camisa clara e calçando alpargatas para não prejudicar seus calos. A bengala foi sua companheira por muitos anos, devido às conseqüências de seus problemas circulatórios. Mais tarde infelizmente teve de ser substituída pela cadeira de rodas, na qual viveu muitos anos.

Vovô Chico era homem muito ponderado e esta sua característica foi bem sentida em várias situações, até mesmo na sua atuação política na cidade. Na época das eleições ele tinha seus candidatos prediletos, e sua preferência era seguida por todos os membros de sua família. No entanto, passando as eleições, o que valia mesmo eram as amizades que uniam as pessoas, e a política ficava para trás. Ele continuava amigo dos Zaronis e dos Ferraz. Para ele o que importava era a sua postura de amigo. As suas preferências políticas ficavam guardadas.

Ficou surdo muito cedo e esta deficiência prejudicava o seu relacionamento com as pessoas. Só não prejudicava mais porque ele possuía um temperamento especial e não se importava com a maioria das coisas que eram ditas e não ouvidas por ele. Tudo o que queríamos lhe transmitir devia ser muito bem

pronunciado e em voz alta. Por essa razão ele estava mais ligado à leitura de jornais e revistas do que conversando ou vendo televisão, a não ser que tivesse alguém lhe explicando devagar o que acontecia. Este relator paciente nunca faltava.

Era homem religioso e temente a Deus, esbanjou a seus descendentes exemplos de sabedoria, amizade, justiça, bondade e igualdade. Considerava muito os seus amigos. Tinha um especial modo de ver os outros; enxergava sempre o próximo com bons olhos.

Recebia todos muito bem em sua casa, sempre se preocupando em providenciar o melhor para as visitas. A casa dos Costa Campos recebeu pobres, ricos, pretos e brancos sem distinção. Era comum uma comadre chegar para jantar e amigos para um papinho; aos domingos o número aumentava. Seus filhos, netos e bisnetos conheceram muitos dos seus amigos, como o Dr. Benedito de Poços de Caldas. Ninguém se esquece também do casal de mudos que todos os domingos vinha do bairro do Dispropósito para a missa e passava religiosamente na Chácara São Benedito para o almoço. O Seu Chico Vicente, mais no período de sua velhice, ficava observando do alpendre quem vinha andando pelo caminho da chácara (uns 200m até a ponte sobre o rio Cambuí - O Sr. Chico enxergava muito bem) e logo ia anunciando: "O' gente, lá vem chegando o compadre fulano de tal. Prepare um bom café". Gostava de oferecer bolos, roscas e doces preparados pela Dindinha. Pena que às vezes ele pedia para servir um doce e esse já havia acabado! Estava sempre preocupado em presentear os amigos e era comum, na época das frutas, preparar caixas de pêssegos, pêras, uvas, ameixas etc. para enviar aos amigos como o Dr. Benedito de Poços de Caldas.

O Vovô Chico era respeitado por todos aqueles que o conheciam e sempre era requisitado para a solução de casos importantes, tais como decisões de partilhas de terras em famílias com desavenças, aconselhamentos diversos, pois tinha uma grande compreensão das situações humanas. Possuía uma harmonia entre sua vida e sua palavra, entre sua vida familiar e profissional ou social. Era sempre o mesmo.

Mantinha tranqüilamente a mesma postura moral em qualquer ambiente. Ele nos ensinou isso com exemplos. Era também procurado para as festas religiosas beneficentes, como as famosas Festas de Agosto. Isto acontecia principalmente por ser muito querido na cidade, o que era requisito importante para preparar e conseguir uma festa de arromba.

Quantas lembranças nós temos do Vovô Chico... Cada neto que chegava na Casa Grande para uma visita era recebido com festa e ele ia logo pegando em nossas mãos para as brincadeiras (apertava as nossas mãos tão fortemente até pedirmos para parar a brincadeira). Em seguida, nos dava um pedaço de pêssego bem maduro que ele guardara especialmente para nós. Descascava a fruta com habilidade usando o seu canivete e nos oferecia: "Coma um pedacinho, o vovô guardou para você!". Outras vezes eram os doces, bolos e bolachas preparados pela Dindinha.

Considerando os níveis de longevidade atuais, o Sr. Chico Vicente viveu bastante (noventa e oito anos). Deixou como herança alguns bens materiais e muitos exemplos a seguir. Foi uma figura marcante e carismática; dele tenho muitas recordações e de seus ensinamentos retiro reflexões para a tomada de atitudes. Aquela figura alegre, na sua cadeira de rodas, tradicionalmente com seu terno de brim e seu inseparável chapéu, recebendo todos com carinho e tendo uma palavra especial para cada um, jamais sairá da minha memória.

Sua bênção, Vovô Chico...

## **1.2 - A DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO**

Vovô Chico era um homem religioso e tinha uma especial devoção por São Benedito. Por essa razão, sempre lhe homenageou. Em sua honra foi erguida uma

capela na Fazenda Santa Bárbara, localizada no município de Brasópolis, a qual recebeu como herança de seu pai.

Nessa capela de São Benedito eram realizadas festas em homenagem ao santo padroeiro como missas, terços, rezas, novenas etc. Era uma capela onde se reuniam não só a família de Seu Chico e a Dona Dade, outros parentes que moravam nas redondezas, como também amigos. Todos participavam das solenidades e festas.

Muitas vezes o mulato Quintilhano, agregado da fazenda, chamou o pessoal para o terço ao som de muitos foguetes e dos risos das crianças que não perdiam um lance: " \_ Bamo começá minha gente!", exclamava o caboclo, convidando todos para o terço. A Sá Dade, como dona da casa e como pessoa de muita fé, já estava lá dentro esperando.

O terço era rezado com cerimônia e entre um mistério e outro o povo cantava e o Quintilhano fazia o dueto a três vozes (sic), isto é, ele fazia uma oitava da primeira voz. Ele era mais mulato que negro, alto, magro, de cabelos brancos e gostava muito de cantar. Dentre as músicas havia esta:

Santa Madalena,  
Madalena Santa.  
Peço a Nossa Senhora,  
Que chova na terra,  
Que chova na terra,  
Prá molhá os pão, (sic)  
Pros grandes e pequenos,  
Não morrer de fome...

Quintilhano gostava de rezar o terço complicado e cerimonioso, seguido pelas mulheres e crianças como a Dindinha, Dona Dorva, a Tetê, a Tia Orminda, a

Tia Lavínia, Tia Almerinda, a Tia Valda, Tio Dito etc., que nunca mais esqueceram aquela figura e aquela voz tão especial duetando:

Amado Jesus, José, Joaquim, Ana e Mariia...  
Eu vos dou o meeuu coração...  
E na última agoniia...

Havia também a Mariana, mulher de voz grossa que gostava de cantar o Kyrie Eleison de uma maneira toda especial, destacando-se dos demais fiéis.

A Dona Dade, na época da quaresma, mandava fincar quatorze bambus, de distância em distância, desde a casa da fazenda até a capela de São Benedito. Neles eram instalados os quadros que representavam as estações da Via Sacra. Nesses bambus eram colocadas tochas para iluminar o caminho dos fiéis durante a oração. A Via Sacra era feita à luz de tochas todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma. Não se comia carne durante toda a Quaresma, como também não era permitido cantar músicas que não fossem sacras. E lá ia a Dona Dade, o Quintilhano, a Mariana, a família toda rezando e cantando:

Oh! Meu Senhor Amaado...

Todos os filhos do casal se lembram dessas orações, das festas, dos foguetórios, dos doces e salgados típicos servidos depois da reza.

Não se esquecem também das orações feitas aos mortos, na época da Quaresma, realizadas tarde da noite pelo povo do bairro próximo à Fazenda Santa Bárbara. Essas orações eram chamadas "Encomendações pras Almas" e eram feitas por várias pessoas que, de casa em casa, iam pela estrada cantando músicas fúnebres. Dentro de casa as crianças tinham medo, pois eles vinham enrolados em lençóis brancos e paravam diante das casas para rezar e cantar. Cantavam músicas de arrepiar. Ninguém abria a porta, acendia a luz ou olhava pela janela; poderiam

ver, segundo a tradição, almas do outro mundo. Os fiéis rezavam, cantavam e as famílias, dentro de casa, rezavam baixinho. Depois os rezadores seguiam adiante. Andavam na quietude das horas mortas, tocando matraca e, desse modo, assombrando meninos e meninas. No entanto, o medo de almas do outro mundo dominava a todos. Esse medo passava de mãe para filho (a Vovó Dade tinha muito medo desses assuntos...).

A Dindinha, com o seu bom humor, conta um lado novo dessas procissões. Havia os que rezavam e os que ficavam para trás no escurinho para farrear...

Nessas noites ninguém dormia no escuro, a lamparina ficava acesa a noite toda. De manhã todos amanheciam com o nariz preto da fumaça da lamparina...

Em Maria da Fé, seu Chico continuou homenageando São Benedito. A chácara, com a Casa Grande imponente, no sopé da montanha, recebeu o nome de Chácara São Benedito, bem como a feclaria de propriedade dos Costa Campos. Seu Chico, honrando ainda sua devoção, deu ao seu filho primogênito o nome de Benedito e doou uma imagem de São Benedito para a Igreja de Brasópolis.

### **1.3 - DONA DADE**

Dona Felicidade Campos Costa era uma batalhadora. Estava sempre inventando alguma coisa e sempre na esperança de que, com o seu trabalho e o de seus filhos, os seus projetos seriam realizados. Esteve sempre ao lado de todos os filhos quando se tratava de trabalho. Ensinou-os a trabalhar com seriedade e ganhar honestamente a vida. Todos tiveram as primeiras lições com aquela mulher de aparência frágil. E ela viveu para realizar pequenas e grandes coisas como se nunca tivesse de morrer. Amava sua família, sua casa, seus amigos, seus pertences.

Preocupava-se com o pessegueiro, se já tinha sido podado, se a floração das árvores frutíferas tinha sido boa ou não, se já tinham semeado o milho, a vagem, o feijão, a ervilha, a alface etc. Sua preocupação continuava com os bichos da chácara: o cachorro vira-lata que guardava a casa (apesar de ralar com ele...), os carneiros, os porcos, as vacas, as galinhas e o famoso bode que era bravo e enfrentava até boi. Sobre ele existem muitas histórias. Ela se preocupava e amava cada canto de seu território. Fazia planos para plantar isto, consertar aquilo, e vivia sempre disposta para o trabalho. Estava sempre apostando tudo num trabalho para poder depois sentir o gostinho da vitória. Isto nos prova que o trabalho é bálsamo para o corpo e para a alma, pois a Dona Dade passou dos noventa (93). E como o sucesso é resultado da auto-confiança, ela sempre confiou no seu trabalho.

Dona Dade era muito corajosa. Contam que quando a gripe espanhola assolou a região, ela não teve um instante de dúvidas. Procurou ajudar as pessoas doentes, mesmo sabendo do risco de vida que corria. Chupava limões puros! Com isto achava que estava protegida contra a doença. Esse ato só era possível em pessoas como ela. Ela sabia que a coragem cresce com a ocasião.

A Sá Dade era muito esperta e estava sempre no caminho certo para os negócios, para o sucesso, apesar de ter de lutar muito para consegui-lo. Dindinha disse que ela era uma pessoa que procurava sempre os desafios, corria atrás das coisas mais difíceis, e as conseguia.

E a Vovó Dade foi uma mulher que, além do seu papel de procriar como o de todas as mulheres, trabalhou para ajudar no sustento da família e para a formação do patrimônio que nos legou. Imaginem só uma mulher empresária nos idos de 1930. Teve sempre a grandeza rodeando a sua existência, mas graças aos problemas e às dificuldades que teve de vencer. Sempre forte na adversidade, soube lutar com galhardia. Mulher, mãe, esposa, tia, avó, comadre, comerciante, católica da Irmandade do Sagrado Coração e feminista no bom sentido. Era uma

mulher que devido à necessidade trabalhava, e teve a sua independência. Sua fortaleza física e moral fazia inveja a qualquer jovem.

Mulher de mãos grossas do trabalho, olhos pequenos, profundos (herança de sua mãe) e sagazes que percebiam desde o amor até as grandes dificuldades. Era uma mulher pequena, magra, tez morena, cabelos castanhos, longos, formando um coque, enrolados e presos com grandes grampos. Sua voz alternava energia e fragilidade e era bom ouvi-la. Usava sempre vestidos de mangas compridas, e a saia era também de comprimento longo. Mulher temente a Deus, estava sempre orando, ou seja, primeiro com o seu trabalho, com a vida atribulada que levava, e em segundo lugar com as ave-marias que corriam de seus lábios antes de dormir. À noite era comum vê-la apertando com fé as contas de seu terço para encerrar o dia. Aos domingos ia à missa das sete horas da manhã, o que no tempo do frio já é sacrifício em Maria da Fé, pois os termômetros estão sempre abaixo de zero. Com certeza está recebendo de Deus as recompensas por tudo aquilo que aqui plantou. Está lá no céu com os seus dedos firmes nas contas do terço rezando e torcendo por nós...

#### **1.4 - DONA DADE COMO EMPRESÁRIA**

Que mulher empreendedora foi Felicidade!

A mulher não é igual ao homem, ela é bem diferente e, como dizem os franceses, "vive la différence!" Mas nem por isso ela deve ser discriminada. Como empresária jamais concorre com o homem, ela tem seu espaço muito bem definido. Ser empresária significa para a mulher de hoje, como a de ontem, pôr de lado um sufocante e grande número de preconceitos antifeministas, liberar-se do pesado estereótipo de dona de casa e mostrar que ser feminina inclui também e principalmente a capacidade de liderança, de administração, de trabalho, como

somente uma mulher poderia desempenhar. A mulher discriminada é oprimida. Mas a Vovó Dade não foi e não queria brigar com os homens, ela os queria junto dela. Trabalhava com o marido, os filhos e outras pessoas, levando sempre em conta a dignidade do homem e da mulher. O importante para ela não era o que é feminino ou masculino, mas o ser humano.

Alguns ingredientes foram responsáveis pelo seu sucesso como empresária. Em primeiro lugar ela possuía talento para a coisa. Não podemos dizer que não foi boa esposa, mãe ou dona de casa. O que aconteceu é que ela soube administrar tudo muito bem, pois possuía infra-estrutura para apoiá-la nesse empreendimento. No início do seu casamento havia as amas de leite, as cunhadas, as comadres de confiança, as mulheres que colaboraram com ela nessa empreitada. Depois, a presença da Dindinha em casa, sua filha mais velha, criando os irmãos, deixou-a mais sossegada. Isso tudo não queria dizer que não soubesse fazer os trabalhos caseiros. Na verdade, a mulher é feminina como sua primeira vocação, e a Vovó Dade não era exceção.

Conciliar o trabalho do lar com aquele fora de casa nunca foi fácil, nem para a Dona Dade, que achava que o desafio a ajudava a crescer. Naquela geração, as mulheres eram criadas para gerar e criar filhos. Era mãe mesmo! Garanto que, como nós mulheres da década de noventa, Dona Dade saía de casa para trabalhar, mas sentia-se dividida. Só com o tempo a gente aprende que o filho sempre reclama das atitudes que tomamos com a preocupação de educá-los. Mas isso é um aprendizado que se dá com o correr da vida.

Além do talento havia um outro fator que a impulsionou a ser a empresária que foi: a necessidade. Realmente havia a necessidade de ajudar seu marido e a Vovó Dade sempre o ajudou a equilibrar as finanças, como por exemplo no início da vida do casal, quando trabalhavam com engenho no fabrico de pinga e de rapadura na Fazenda Santa Bárbara. Depois, já em Maria da Fé, quando o casal necessitava progredir e quando Vovó Chico perdeu tudo com o comércio do feijão.

Nesse momento, a Vovó Dade entrou com seu trabalho cozinhando arroz quebrado (sobras da máquina de beneficiar arroz) para a engorda de porcos. Trazia tudo para a Casa Grande, onde ficavam os chiqueiros, e aí misturava com farelo de milho, soro de leite, inhame e dava para os porcos. Assim que surgia a necessidade ela identificava uma nova maneira de reforçar a sua participação. Vovó Dade sempre apoiou o marido nas horas difíceis, mas nunca deixou de trabalhar.

Essa empresária destemida, com seu trabalho ora fazendo colchões, ora criando porcos, gerenciando a feccularia ou fazendo plantações, conseguiu pagar as dívidas da família. No caso do feijão, a dívida foi contraída por causa de uma espécie de congelamento que o governo impingiu à população. O valor de cada saca de feijão foi reduzido bruscamente e passou de 40 a 6 réis o saco. O sócio do Seu Chico Vicente nessa época era o português Antonio Peralta. Antes de perder tudo, Vovô Chico estava muito bem de vida. Viajava sempre para o Rio e trazia presentes para todos, e a vida era mais folgada.

Nada segurava a determinação daquela mulher pequena e corajosa, nem mesmo a interferência grosseira do prefeito Coronel Silvestre Ferraz proibindo-a de criar porcos na Chácara, onde por lei era possível, pois o local estava fora do perímetro urbano. No entanto, ela soube enfrentá-lo com coragem e dignidade quando ele foi até à Chácara São Benedito intimá-los a retirar os porcos dali. Dona Dade procurou dialogar para encontrar a solução, mas não conseguiu. Então, o Vovô Chico foi até o Presidente Wenceslau em Itajubá para pedir orientação sobre o caso. Como amigo da família, ele os aconselhou a tirar os porcos da Chácara mesmo tendo razão. Para isso, arranjou-lhes um local adequado. Em 24 horas não havia mais um só porco na Chácara. Quando o coronel voltou, pensando encontrá-los ainda sem solução para o caso e poder oferecer-lhes para comprar os porcos, ficou surpreso. O Coronel era assim, ora mostrava a sua força, ora a sua consideração pela família. Certa ocasião os Costa Campos não estavam financeiramente bem de situação e foram forçados a hipotecar a beneficiadora de arroz de sua propriedade. Essa hipoteca foi comprada pelo Coronel Silvestre, que

era um dos homens mais ricos da região. No entanto, nessa época ele agiu como cavalheiro e prometeu que aguardaria o pagamento e devolveria a propriedade aos Costa Campos. E assim aconteceu.

Finalmente, cabe mencionar que a pequena Felicidade colocava muitos homens no bolso por seu dinamismo, coragem e vontade de progredir. Seu tino comercial/empresarial era notório. Ela sabia o que fazer e entendia realmente do riscado. Seus negócios progrediram porque não deixava o trabalho nas mãos dos outros. A fecundidade de seu trabalho manifesta-se na vida de seus descendentes. Seus filhos aprenderam com ela a trabalhar, a gostar do trabalho e a ver não só a sua dura rotina, mas sentir que nele estão os elementos vitais da obra que cada um pretende construir. Dona Dade ensinou-lhes como o trabalho deve ser encarado com seriedade, profissionalismo, mostrando-lhes que para haver sucesso, deve existir no mínimo disciplina, ordem, coragem, responsabilidade e a determinação para chegar onde se propõe. Naquela época mulher não trabalhava fora e não tinha este tipo de responsabilidade. Ela amava o que fazia, e a seriedade e profissionalismo não lhe faltavam.

Como é através do trabalho que consumimos a maior parte do tempo que passamos acordados, é necessário gostar de trabalhar, caso contrário isto se torna um martírio. O trabalho é mais do que simplesmente ganhar a vida. E a Vovó Dade entendeu bem esse conceito. Ela trabalhava com paixão, amava e confiava em seu trabalho e colocava nele toda a sua alma. Aliás, a vocação é fundamental em qualquer atividade humana.

Ah! Dona Dade, a Senhora conquistou o seu lugar com muito sacrifício e trabalho; por isso, foi reconhecida! E mais importante ainda, passou o seu exemplo e a sua garra aos seus descendentes, formando o núcleo primordial de muita gente. O seu exemplo, como também o do Vovô Chico, a dignidade, o entusiasmo, o respeito ao próximo, que foram normas de suas vidas, ficaram intactos entre as minhas reminiscências de criança. Esse foi o ambiente que modelou a minha

juventude e a de meus primos. Com vocês aprendemos a importância de ser pessoas úteis à família e à sociedade.

Dona Dade foi uma mulher cheia de energia, com um incansável propósito de recomeço diante de qualquer fato. Como já mencionado, dividiu o seu tempo entre o trabalho fora de casa e os outros compromissos de mãe e esposa; nesse último papel ela soube conviver com meu avô, ambos tão diferentes, mas partilhando uma harmoniosa cumplicidade.

## **CAPÍTULO 2**

### **A FAMÍLIA DE FELICIDADE**

#### **2.1 - OS PAIS E IRMÃOS DE FELICIDADE**

Felicidade, filha de Dorotéia Maria de Jesus e de João Batista Campos (mais conhecido como João Braga), era das bandas do Pedrão, vila próxima a Maria da Fé. Seu avô materno, Paulo Gomes Valério, era Alferes de Cavalaria, fazendeiro abastado e dono de quase todas as terras da Vila do Pedrão. Era casado com Francisca Gomes Valério, que por sua vez foi casada em primeiras núpcias com um sobrinho para não perder a herança.

Dorotéia, nascida em 1865, no final da Guerra do Paraguai, foi criada com todos os luxos e mimos de uma Sinhazinha; tinha escravas para fazer todos os seus gostos. Era uma moça de educação fina, que gostava de música (tocava violão) e poesia. Seu amor pelas letras e pela música continuou com ela até sua morte aos 101 anos. No seu centenário houve uma grande festa no Pedrão para toda a família e amigos. Com a presença do extenso clã, houve missa, homenagens, comemorações e, nesta ocasião, ela não deixou por menos: discursou, recitou, cantou e percebeu que seu gosto pela música e pelas letras rendeu muito, pois passou para os seus descendentes. Uma prova disso era a Banda Feminina que estava animando a sua festa, com quatorze componentes só de sua família.

Madrinha Téia, como era chamada pelos íntimos, casou-se com João Batista Campos e teve muitos filhos, e sua vida mudou do luxo para o trabalho, pois casou-se com homem pobre. Mesmo assim ela se sobressaiu e criou uma grande

família. Sua figura ficou comigo como uma mulher de fala mansa, franzina, de cabelos grisalhos, puxados para trás em forma de coque, olhos profundos, pele amorenada, brincos de ouro (do tipo português), muito risonha e simpática. Usava saias longas e blusa de mangas compridas. Sua voz tinha um timbre mais para o grave e era muito agradável ouvi-la. A imagem de minha bisavó era antes de tudo o referencial mais antigo, a representação do clã. Nela eu encontrava um elo entre nossas descendências.

Criança, naquela época, não podia dar palpites e nem entrar em conversa de adulto. Isto tudo, somado à minha constante timidez, fez com que eu a observasse bastante, verificando e analisando todos os detalhes possíveis daquela figura magnetizante, mas nunca conversasse com ela, além do costumeiro cumprimento: "Bença vó". Lembro-me dela em uma das suas visitas à Casa da Vovó, em cuja oportunidade os netos, bisnetos iam visitá-la. Sentada na grande cozinha ela era alvo de todas as atenções! Ali as histórias corriam...

Dizem que ela fazia desde versos até pequenas cirurgias nos escravos. Contam que quando nasciam as crianças dos escravos ela estava sempre presente dando assistência. Certa ocasião nasceu uma criança com os dedos das mãos unidos por uma pele, mas a Madrinha Téia cuidou logo de desgrudar os dedos do negrinho, que ficou bom.

Dos filhos que o casal Dorotéia e João teve, Vovó Dade era a segunda. Felicidade teve uma boa educação, apesar de não existirem escolas no Pedrão. Isto aconteceu porque a Madrinha Téia providenciou para ela e seus irmãos um professor particular. O professor da jovem Felicidade ensinou-lhes as letras e, simpatizando-se com ela (quem sabe, amando-a), dedicou-lhe alguns versos melosos, guardados para sempre com sua aluna, que os sabia de cor e ensinou-os à minha mãe Dorva. Estes versos formavam o acróstico FELICIDADE CAMPOS.

Feliz, feliz se eu pudesse  
Esposar-te ainda em flor,  
Lembrando aquelas poesias  
Imenso sofro de amor.  
Céus meus que jardins, que flores,  
Igual tu sonhas também?  
Dizem sonhar com amores....  
Afirmas são para quem?  
Ditoso sou de possuir-te  
E para vivermos juntos sem fim.

Cerradas mesmo as pupilas  
Ah! pensaste tu mesmo em mim!  
Meu nome é simples e pobre  
Por ti sofrendo paixão,  
Oferecendo-te a vida,  
Sismando (sic) peço tua mão.

Autor: Francisco Teodoro Porto  
Data: 1900

Vovó Dade, muito séria e recatada, procurava não comentar este assunto. às vezes falava nele e ria comedidamente dos fatos passados.

O casal Dorotéia e João Braga vivia em uma fazenda na Vila do Pedrão, onde criava animais, plantava de tudo, mas principalmente cana-de-açúcar. Sua principal atividade era o fabrico de rapadura e açúcar mascavo. Continuaram morando também no Pedrão todas as irmãs de Felicidade em pequenas fazendas, sítios, vivendo do trabalho da terra. O casal teve os seguintes filhos:

- 1) **José Macário Campos**, casado com Almeir, teve uma filha: Josefina, mais conhecida como Yuta. Josefina, por sua vez, era casada com Geraldo Siqueira. Casal muito amado e respeitado por todos da família Campos. José Macário Campos, mais conhecido por Tio Zequinha Braga, casou-se pela segunda vez com Maria Arruda, casamento este sem filhos. Tio Zequinha, como primeiro filho do casal Dorotéia e João Braga, foi sempre muito mimado pela Madrinha Têia que lhe dava um tratamento diferente, deixando os outros filhos enciumados e aborrecidos. Esta diferença causou-lhe mal, pois psicologicamente passou a se sentir mais fraco do que os outros e não fazia trabalhos pesados. Daí para arranjar alguma doença foi um pulo. Era um hipocondríaco. Quando se achava doente, agasalhava-se bastante, usando sempre chapéu com cachecol, vários casacos, evitando tomar correntes de vento e tomava remédios. Com os sobrinhos era muito gentil, educado e amoroso, tendo sempre reservado para eles (quando visitavam a casa de Vovó Dorotéia) um cafezinho especial adoçado com açúcar, ao invés de rapadura. Teve vida longa e morou muitos anos com sua filha Josefina, que sempre lhe dedicou amor e respeito. Era muito estimado pelos sobrinhos.
- 2) **FELICIDADE CAMPOS**, motivo central destas memórias, como já dissemos, era casada com Francisco Theodoro da Costa, com o qual criou doze filhos. Viveu 93 anos em busca de algo melhor para sua família, sem nunca desanimar. Foi feliz desafiando a vida.
- 3) **Petronília Campos**, mais conhecida como Tia Pita, foi casada com um dos filhos de Evaristo Mota. Era uma moça muito bonita e tão trabalhadeira quanto sua irmã Dade. Em sua casa ela era o esteio, e com o fruto de seu trabalho educou todos os seus filhos. Seu marido não era muito dedicado ao trabalho e nem tinha tino comercial. Por isto ela se empenhava em trabalhar, e sua casa sempre teve mesa farta. Lutou para dar o melhor para os seus filhos, mas não teve na vida a recompensa que merecia.

- 4) **Deolinda Campos** (Tia Diola) era casada com José Valério Fernandes (seu parente) e teve cinco filhos. Destacou-se entre as irmãs como aquela que fez um ótimo casamento. Diola e José Valério viviam como namorados e foram assim até o fim de suas vidas. Era muito bonito ver a atenção dele para com a esposa. Ela vestia-se muito bem e estava sempre arrumada, de acordo com os gostos do seu marido. Foi uma mulher muito forte para enfrentar adversidades e sofreu muito com o assassinato de um filho (na sua presença), mas nunca perdeu a coragem de viver. Era a mãe do Isac, artesão caprichoso que trabalhava muito bem com a madeira.
- 5) **Vitalina Campos** foi uma das moças mais bonitas do Pedrão em sua época. Veio morar com sua irmã Felicidade e, muito trabalhadeira e caprichosa, cuidava com muito esmero da casa da Chácara. O capricho é uma característica da família Campos. Enquanto morava na chácara, seu noivo sofreu uma fratura na perna e desta fratura apareceu uma complicação que lhe tirou a vida. Nessa época ela colocou luto fechado e sofreu muito. Mais tarde arranhou outro namorado, vindo a se casar com ele em Maria da Fé. Joaquim Valério Fernandes e Vitalina casaram-se enquanto ela ainda morava com sua irmã. Dessa união nasceram quatro filhos.
- 6) **Avelino Campos**, casado com Cândida Lopes, teve seis filhos. Tio Vila, como era conhecido, foi um grande sofredor. Sua vida foi cheia de resignação com sua mulher e filha doentes mentais. Sua bondade e paciência foram conhecidas por todos.
- 7) **Cezarino Campos** foi casado com Helena e deste casamento nasceram cinco filhos. Tio César, como era mais conhecido, tocava violão e tinha facilidade para a música, habilidade herdada de sua mãe. No entanto, era uma pessoa desanimada e não tinha a garra de sua irmã Felicidade.

- 8) **Maria Campos**, casada com José Paes, português alegre e muito bom, teve seis filhos. Sua casa era de todos, na qual nos recebia muito bem. Ela e o Tio Paes acolheram muita gente em sua casa, próxima à Rodoviária de Itajubá. Realmente era o ponto de encontro de muita gente, principalmente dos parentes que chegavam a Itajubá. A família Costa Campos deve muitas obrigações a este casal de tios. Tia Maria vive em Itajubá em companhia de dois de seus filhos.
- 9) **Eduardo Campos**, casado com Rita Francisca Pereira Campos (Rita Pereira era irmã do Sr. José Olímpio Pereira, cuja filha mais tarde veio a se casar com um Costa Campos), teve oito filhos. Este tio ainda é vivo e reside com uma filha em Itajubá. Tio Eduardo também tem aquele veio artístico da Madrinha Téia, sua mãe, e gosta de tocar violão e sanfona. Sua visão também está fraca, como aconteceu com a sua irmã Felicidade. Sua esposa Rita era muito asseada e sua casa na Vila do Pedrão era toda limpinha e rebocada com tabatinga, barro branco da região. Uma limpeza de dar gosto.
- 10) **Francisca Campos**, casada com José Matias, não teve filhos. Esta tia, muito animada para festas e bailes, vive em Itajubá sozinha, mas ainda pretende se casar. Tia Chica, muito parecida com a Madrinha Téia, toca violão e ainda tem muita energia para festas. A Dindinha recorda-se que em sua casa no Pedrão, Tia Chica preparava para as visitas camas fofas e muito gostosas com colchão de palha de milho. Até hoje a Tia Chica gosta de dançar e participa de forrós como se fosse uma mocinha.

## **2.2 - A VIDA DE CASADA DE FELICIDADE**

Felicidade, jovem como todas de sua idade, sonhava com um marido digno, trabalhador, que a amasse e respeitasse. Era apaixonada por Oscar, mas teve de

deixá-lo por recomendação de sua mãe. Terminou o namoro e o sonho, pois os casamentos naquela época eram decididos pelos pais. Venceu, portanto, o lado prático da vida. O namorado representava o impossível e a Vovó Dade deixou o sonho de lado para casar-se com Francisco Theodoro da Costa (Chico Vicente), conforme o gosto das famílias. Dizem que o Vovó Chico soube que ia casar com Felicidade quando estava assistindo a uma missa, junto com outra namorada...

Francisco Theodoro da Costa, mais conhecido como Chico Vicente, nascido lá pelas bandas de Brasópolis, mais precisamente na Fazenda Santa Bárbara, casou-se com Felicidade Campos, que passou a assinar Felicidade Campos Costa, na intimidade chamada Dona Dade. Chico Vicente veio buscá-la na Vila do Pedrão, próximo a Maria da Fé.

Chico Vicente e Felicidade, depois de casados, foram morar na fazenda Santa Bárbara, que ele ganhara de seu pai. As terras dessa fazenda eram plantadas com culturas de subsistência; havia gado e animais comuns em uma fazenda. Sua maior fonte de renda estava no engenho que fabricava rapadura e pinga; para o seu funcionamento, havia uma grande plantação de cana-de-açúcar. O milho era plantado para o trato dos animais e moído no monjolo tocado à água. O engenho era movido pelo cavalo que o dia todo circulava para moer a cana. O Tio Dito ficava sentado numa cadeirinha, de onde comandava a agilidade do cavalo. Este trabalho era também executado por duas de suas filhas: Dindinha e Ormindá. O caldo retirado da cana ia para o grande tacho para se tornar mais tarde rapadura. Ficava fervendo lá até dar o ponto de puxa. Dali seguia para o coxo, onde era batido com uma pá até dar o ponto de açucarar. Nesse momento, a rapadura era transferida para as formas através de canecas próprias. Eram rapaduras claras e gostosas.

Por outro lado, o caldo destinado à pinga deveria fermentar durante oito dias. Depois seguia para o alambique de cobre (cabia uma pessoa dentro). Ali o caldo fervia para depois ir para o destilo. Aquele líquido cheiroso, quase pinga, era

medido em graus pelo especialista Chico Vicente, que experimentava "a branquinha" na palma da mão. A pinga pronta era guardada na pipa (mil litros) e nos barris (cem litros). As garrafas que deveriam receber o aguardente eram antes bem lavadas no rio pelos filhos do Chico Vicente, que também as rotulavam. Enchiam-se então as garrafas, as quais eram fechadas com rolhas por uma máquina. Estava pronta a pinga do Chico Vicente.

Com relação ao seu casamento e à sua mudança, Dona Dade comentava com os filhos mais velhos que, nessa época, a Vila do Pedrão era um local mais adiantado do que o local onde ficava a Fazenda Santa Bárbara. Nesse lugar ela sentira como se o céu tivesse aberto um buraco, no qual ela tinha ido morar. A diferença era enorme, e a mudança foi muito brusca. A vida era nova, mas mesmo muito jovem ela conseguiu superar tudo com a ajuda do marido e de sua família (suas cunhadas eram muito boas).

O Sr. Chico Vicente prosperava e nasciam os filhos. Como na região não havia escolas, Seu Chico enviou suas duas filhas mais velhas para estudar em Maria da Fé, na Escola Pública para meninas. Mais tarde decidiu deixar a fazenda e mudar-se para Maria da Fé. Sua fazenda, com plantações, gado e alambique foi deixada para trás por causa do estudo de seus filhos e ficou a cargo de seus irmãos. Mais tarde foi vendida.

Seu Chico e a família mudaram-se para Maria da Fé no início do século, indo morar perto da Estação Ferroviária e mais tarde na Chácara do Tio Zeca Batista. Seu Chico Vicente iniciou seus negócios em Maria da Fé como dono de uma casa de bebidas que cresceu e tornou-se armazém (chamava-se Represa). Chico Vicente transformou-se em comerciante de cereais. O progresso urbano do início do século trouxe do campo muitas famílias como a do Seu Chico e Dona Dade que trocaram a fazenda pela cidade. Trabalhou muito tempo nesta atividade, a qual lhe deu muitos lucros, pois foi um grande comerciante, trabalhando com grandes quantidades de mercadorias que seguiam em vagões especiais da Estação

Férrea de Maria da Fé até seus grandes compradores. Trabalhou ainda na engorda de porcos, que eram enviados para o abatedouro de Cruzeiro - SP, também em vagões da Rede Mineira Viação, que na época era um vagão por semana. Depois dessa atividade o Seu Chico passou para a máquina de beneficiar arroz e para a feclaria, trabalho esse que acompanhou o casal durante toda a sua vida. A Vovó Dade esteve sempre presente no trabalho do Seu Chico Vicente.

A máquina de beneficiar arroz merece mais detalhes, pois Seu Chico e Dona Dade conseguiram grandes coisas com ela. Houve um tempo que o Sr. Antonio Peralta era sócio do Seu Chico nesse negócio. Nessa época ele beneficiava 60 sacos de arroz por dia, o que era considerado bastante. Todos os filhos ajudavam na máquina de arroz, principalmente nos momentos difíceis. O pequeno Dito sempre estava lá trabalhando como maquinista da beneficiadora. Ele era tão pequeno e fraco que para empurrar um saco de arroz para dentro da grande caixa era necessário muito esforço de sua parte. Suas irmãs e irmãos também o ajudavam, empurrando o arroz na bica antes de cair na máquina. Além disto, as irmãs também atendiam o telefone, que era uma extensão da Chácara São Benedito.

Porém, Chico Vicente teve um grande prejuízo. O comércio de feijão foi o responsável, muito mais tarde, por sua derrota como comerciante. Nessa ocasião, houve necessidade de hipotecar as instalações da beneficiadora de arroz e uma casa ao lado. A propriedade hipotecada passou a pertencer ao Coronel Silvestre Ferraz, político rico e poderoso, o qual prometeu a Sá Dade vender tudo de volta a eles quando tivessem o capital. Ela, percebendo que esse era o momento de enfrentar tudo, animou o meu avô e tocou o negócio com os filhos. Conseguiu reaver o que estava quase perdido. "Eta mulher de fibra!"

Dona Dade tinha uma personalidade marcante e era conhecida em toda a Maria da Fé. Ao lado de suas obrigações femininas, fez carreira como mulher que trabalhava fora. No entanto, ninguém se esquece de suas prendas domésticas como as carnes assadas, que eram uma delícia, suas roscas doces, os doces de frutas, os

pés-de-moleque etc. Sabia costurar, como sabia fazer todos os serviços de uma casa. Esteve sempre ao lado do meu avô trabalhando duramente para o progresso da família.

O trabalho a seduzia profundamente, e as pessoas que a conheciam costumavam dizer que ela era trabalhadeira porque nasceu no dia do trabalho, primeiro de maio. Fora a atividade da feccularia que lhe absorvia maior tempo, não se pode esquecer seu trabalho com os colchões de capim, com os carneiros para produzir lã e fazer os edredons não só para esquentar a família como também para vender. Engordou porcadadas e mais porcadadas, com as quais saldou muitas dívidas contraídas pela família. Fazia hortas, plantava milho, verduras, pessegueiros, pereiras, ameixeiras e fazia enxertos para as laranjeiras. Certa vez ficou empolgada com algumas sementes de trigo e aveia que ganhara de seu cunhado Olímpio. Plantou-as com muita expectativa e ficou muito alegre ao descobrir que estas plantas davam muito bem em Maria da Fé. Fazer sabão de cinzas também era uma de suas atividades. Para iniciar o trabalho ela preparava o barreleiro, com cinzas do fogão e água. A água filtrada através da cinza dava uma ótima diquada que era usada para fazer o sabão. A diquada era colocada no tacho junto com as gorduras. Aquela mistura ficava cozinhando até dar o ponto do sabão. Estava sempre trabalhando e produzindo, e havia fartura na casa dos Costa Campos.

Em 1950 mais ou menos, eu e minha família moramos vizinhos da Fecularia São Benedito e consegui, através de meus olhos de criança, verificar o quanto a Vovó Dade era importante e trabalhava naquela feccularia. O Tio Dito estava sempre por ali, mas a Dona Dade era imprescindível. Lá, encontrava-se sempre farinha gostosa e bem feita pelas mãos prestimosas das torradeiras Inácia, Terezinha e Glória. Canjica, canjiquinha, fubá, farelo não faltavam. A paisagem daquela rua nos dias de sábado era fascinante. Cavalos parados em frente à Fecularia à espera de seus donos que traziam milho para trocar por farinha, fubá, canjica e canjiquinha. Entravam com aqueles sacos e sacolas, muito brancos de tanto alvejar ao sol, e neles colocavam suas encomendas. Eles entravam e diziam:

\_"Dona Dade, preciso de um pouco de fubá branco e quero trocar por milho".  
\_"Quanto pesou?" "Quero um pouco de canjica para fazer um cozinhado." \_ "Dona Inácia, esta farinha saiu agora?" E lá ficava a Dona Dade, Tio Dito, Inácia, Terezinha e Glória trabalhando o dia todo e servindo bem a freguesia.

À tardinha Dona Dade enchia um balde com farelo e seguia para a casa da Chácara. No tempo do inverno, ela voltava mais cedo, pois o frio começava lá pelas quatro horas da tarde. Quando já estava na ponte em frente da casa, as galinhas iam ao seu encontro para receber o farelo gostoso, parecendo saber o que estava no balde trazido por Dona Dade. Era um crepitar de asas e bicos, e as galinhas voavam ao encontro da comida. Esta cena, se eu fosse pintora, com certeza a teria registrado em tela. A simplicidade e a pureza dessa cena ficaram gravadas em minha memória. Vovó Dade chegava na ponte e chamava as galinhas: tititiii... tititiii... e elas vinham ao seu encontro na certeza de receber alimento. Outras vezes trazia da feclaria um balde de brasas para aquecer a noite na Chácara, sempre muito fria... Eram brasas grandes, retiradas das grandes fornalhas de fazer farinha, resultado de grandes toras queimadas.

Sabemos que o trabalho com a feclaria não começou aí. Sua primeira semente nasceu da pequena feclaria que ela fez no rio Cambuí em frente à Chácara São Benedito. Era uma feclaria que começava com um monjolo de duas mãos, tocado pela correnteza do rio. Havia também uma roda d'água que acionava o monjolo e um forno redondo de latão onde se torrava a farinha. Esse forno tinha mais ou menos um metro de circunferência, segundo o Tio Vivaldi, que lembra direitinho dessas instalações antigas. Essa roda d'água também iluminava a Casa Grande. Dona Dade queria que a luz elétrica iluminasse sua casa e batalhou até conseguir que a roda d'água gerasse essa eletricidade. Dindinha conta que certa noite a luz começou a piscar e a ficar fraca. Dona Dade, muito corajosa, desceu até o rio para verificar o que estava acontecendo. Percebeu que alguma coisa estava atrapalhando a roda d'água e enfiou a mão na caixinha do monjolo. Na hora percebeu que era um rolo de cobra...

Após 1957, minha família e eu já tínhamos mudado para Caçapava e nas férias íamos para a Casa da Vovó. Eram as noites frias, os cobertores de lã, o braseiro da cozinha, a comida gostosa, as conversas até tarde... De manhã a preguiça não nos deixava levantar cedo e o frio arrepiava... Do quarto escutava-se a Vovó Dade dando início ao café. Moía os grãos no moinho de parede e fazia o café mais cheiroso e gostoso que conheci. Ouvia-se também sua voz quando conversava com a pessoa que se levantasse primeiro... Seu timbre de voz rouco, seguido sempre de algumas pigarras, provocava em mim uma sensação muito gostosa, uma espécie de acalanto, uma certeza de carinho, de paz... Lá da cama eu me sentia acarinhada.

Meu pai conta que esta mulher pequena deu mostras de sua força física quando, na época da Segunda Guerra Mundial, seus filhos e genro (no caso o meu pai) estavam ameaçados de seguir para as frentes de batalha. Como fizeram muitas mães brasileiras, ela rezou, pediu e fez promessas. Pediu especialmente para Nossa Senhora Aparecida proteger seu pessoal. Prometeu então que se eles não seguissem para a guerra ela iria, com eles, a pé, de Maria da Fé até o Santuário da Aparecida (130 km). E assim aconteceu! Ela andou e sua coragem arrastou seus filhos e genro (Tio Dito, Tio Oswaldo, Tio Vivaldi, José Ribeiro) até Aparecida. Foram caminhando e descansando nas paradas de tropeiros, em hotéis ou em casa de amigos. Em Delfim Moreira, no alto da Serra da Mantiqueira, ficaram hospedados em um hotel. A canseira era tamanha que o Tio Dito estava sentado na sala do hotel quando apareceu o primo Virgílio para cumprimentá-los. Ele não aguentou nem se levantar para os cumprimentos. Esticou-lhe as mãos dali mesmo da cadeira... Logo após a cidade de Piquete (SP), um dos caminhantes, o Tio Oswaldo, disse que não aguentava mais andar e que não daria nem mais um passo. Seu genro, José Ribeiro, que era o mais forte de todos, carregou por um bom trecho aquele caminhante cansado. Mas aquela mulher formidável seguiu firme até a capela onde agradeceu a Nossa Senhora Aparecida a graça recebida. Depois foram todos descansar no Hotel Negro Reis e mais tarde tirar uma fotografia para registrar o momento.

## CAPÍTULO 3

### A FAMÍLIA DE CHICO VICENTE

Formar a árvore genealógica ou escrever sobre a vida, os usos e costumes de uma família não é tarefa fácil. Nem sempre encontramos documentos para as pesquisas e na maioria das vezes é necessário recorrer à memória de pessoas testemunhas da história ou portadoras das notícias. Conseguimos pouco do passado da família de Chico Vicente, mas já nos sentimos recompensados.

Quanto aos avós do Vovô Chico, sabemos somente sobre parentes do lado materno. Sua mãe, Teresa Ribeiro Mota, era filha de Manuel Marcelino da Mota e Maria Ribeiro da Mota. Este casal teve onze filhos: José Marcelino Mota, Gregório da Mota, Joaquim Mota (que morou no Paraná), Isalina Pereira da Mota (mãe do Geraldo Mota que morava no Bairro do Piranguinho), Alzira Pereira da Mota, Maria Ribeiro da Mota, Cornélio Mota, "Tataco" (padre), Tereza Ribeiro Mota e Evaristo Mota (este foi quem criou o Vovô Chico, após a morte de sua irmã Teresa). Todos fazendeiros fortes e donos de terras próximas a Brasópolis e Olegário Maciel.

Férias! A cozinha da Chácara São Benedito estava cheia de gente e havia alegria no ar. Estava lá com minha família, minha mãe e meu irmão, a Dindinha, Tia Lavínia, Tetê, Tia Orminda e a Tia Valda. Aproveitando as delícias do feriado, oportunamente resolvi entrevistar as queridas tias e também saborear as delícias que elas faziam. Todas as tias têm suas lembranças e esta reunião aguçou ainda mais suas recordações. O fato de estarmos naquela cozinha especial também facilitou as idas e vindas no passado e em "dois tempos" eu já tinha alguns dados

para começar a escrever. São momentos muito especiais e particulares da Família Costa Campos e todos sentem orgulho de seus antepassados.

Da família do Sr. Chico Vicente não se têm muitos dados e as únicas pessoas que no momento podiam me ajudar estavam naquela cozinha. Passei então a explorar a memória das tias, as quais orgulhosas forneceram os dados que relembavam. Segundo a Tetê, Francisco Theodoro da Costa, Chefe da Família Costa Campos, nasceu no dia 9 de novembro de 1882, no dia de São Theodoro e, por isto, recebeu este nome. Seu pai era Joaquim Pereira da Costa e sua mãe Tereza Ribeiro Mota. Este casal teve onze filhos e quando Dona Tereza faleceu deixou-os por conta do marido e dos familiares, já que a maioria era de pouca idade. Na época da morte de sua mãe, Chico Vicente ainda não andava (só engatinhava), era um pouco surdo e necessitava de cuidados especiais. Por essa razão foi morar com o Tio Evaristo Mota (irmão de sua mãe Tereza) e com sua mulher Ana Borges; mulher de olhos azuis, magra e muito alta. Com o tio Evaristo morava ainda sua irmã solteira, a famosa Tia Malica, gorda, de colo farto e que ajudou a criar a criançada da família.

Percebe-se que a família Mota era grande como também foi grande a influência que ela teve na família Costa Campos. A constituição física dos Mota é de pessoas altas, morenas e fortes. Vovô Chico era alto, forte, mas não era moreno. Pelo contrário, cabelos claros e olhos azuis. Misturas de raças!

Amassando rosquinha doce e contando os casos, a Dindinha fazia todos rirem. Ninguém desconhece o bom humor desta querida tia. A Tia Lavínia tinha lembranças que se misturavam com as da Tia Orminda e da Dindinha, mas todas se lembravam com detalhes da fazenda do Tio Evaristo Mota, onde o Vovô Chico foi criado. Esta fazenda ficava situada no Bairro de Santa Bárbara, próximo ao Inferninho, Açudinho e Serrinha, no Município de Brasópolis. Lembraram então da figura do preto velho da fazenda, chamado Mané Cassiano. O preto contava que o menino Chico Vicente engatinhava pela casa. Queria brincar com o garoto, mas

não adiantava chamá-lo, uma vez que ele não ouvia bem. Porém, Mané Cassiano não desistia e jogava de leve uma pedrinha para que o menino percebesse a sua presença. O problema da surdez acompanhou o Vovô Chico a vida toda.

Todos foram unânimes em afirmar que a fazenda do Tio Evaristo era tão grande que dava medo. As tias lembraram-se que a casa tinha cômodos enormes. Havia duas salas, disse a Dindinha. Mas a Tia Valda lembrou que eram três. Logo a Dindinha concordou. A descrição continuou. Havia duas despensas (uma para guardar os mantimentos e outra para o pessoal lavar os pés nas bacias grandes, comentou a Dindinha), cinco quartos ou mais, um escritório (lindo! com papel de parede, disse a Tia Valda), um corredor grande, perto da sala de jantar. Nele ficava o famoso relógio carrilhão, tão grande que cabia uma pessoa em seu interior. Na sala de jantar havia uma mesa enorme com bancos que lembravam refeitórios de quartel. Suas paredes eram também empapeladas e seus armários embutidos cheios de louças lindíssimas. A cozinha possuía três fogões de lenha. Havia um cômodo só para torrar farinha e outro para fazer sabão. A entrada da fazenda era calçada com pedras grandes até na escadaria. Guardavam a fazenda quatro cachorros Dálmatas.

O pai do Vovô Chico permaneceu em sua fazenda criando os outros filhos. Era homem conhecido nas redondezas e amigo particular do Presidente Wenceslau Brás, que sempre se hospedava em sua casa para as famosas pescarias no rio Sapucaí. Joaquim Pereira da Costa era seu nome, no entanto todos o conheciam por Vovô Vicente, o qual sempre se reunia com o Dr. Wenceslau para as pescarias, nas quais não faltava anedotas nem mentiras... Dizem que a amizade entre os dois foi tão sólida que a filha do Vovô Vicente, Tia Joaquina, levou o Presidente para compadre, pois batizou um de seus filhos.

Vovô Vicente possuía barbas longas, olhos e cabelos claros, conforme o retrato que está dependurado na sala da Chácara São Benedito. Dizem que ele era um famoso contador de mentiras, como aquela da mandioca que era tão grande que atravessava o rio Sapucaí...

O casal Joaquim Pereira da Costa (Vovô Vicente) e Tereza Ribeiro Mota teve doze filhos, confirma a Tetê, a qual mantém de memória nomes e datas referentes a esta família tão grande. Com um orgulho de sua memória, ela passou a contar:

- 1) **Joaquim Pereira da Costa Filho** casou com Francisca da Cunha e com ela teve sete filhos. O casal morreu com menos de quarenta anos, vítimas da gripe espanhola que assolou a região, e seus filhos foram criados pelos irmãos de Joaquim, sendo que a Tetê foi criada pelo Vovô Chico.
- 2) **Ambrosina Tavares da Silva**, casada com o português Custódio Tavares da Silva, nunca teve filhos, mas ela e o marido criaram filhos dos outros, como o Tio Olímpio, irmão de Ambrosina, e vários sobrinhos. Devota de São Bom Jesus, Tia Ambrosina construiu uma capela em sua homenagem nas terras de sua propriedade. Tia Valda lembrou-se que era muito bom passear na casa dessa tia. A casa da Tia Ambrósia, como era chamada, era um chalé muito bonito e muito bem mobiliado. Suas paredes eram todas forradas com papel de florzinha e em seus armários tinham xícaras pintadas em ouro. Ela recebia todos os convidados importantes que passavam pela região.
- 3) **Maria Mercedes Lisboa** casou-se com Manoel da Costa Lisboa, fazendeiro abastado da região, do qual teve 18 filhos. Eram os donos da fazenda Palmas, que é de seus filhos até hoje. Eles eram os pais das famosas primas Chiquinha e Afonsa Lisboa, as quais são muito ligadas à família Costa Campos.
- 4) **FRANCISCO THEODORO DA COSTA** casou-se com Felicidade Campos. Tiveram onze filhos, criaram uma sobrinha (Tereza Costa), uma menina chamada Margarida, a neta Maria José (Lilia), o parente Adelmo Pereira Guimarães e foram pais postigos de muita gente. Formaram a Família Costa Campos, objetivo principal destas memórias.

- 5) **Simplicio Pereira da Costa** casou-se com Maria Gomes da Costa. Dessa união nasceram muitos filhos.
- 6) **Eliza Pereira da Costa** foi casada com João Inácio.
- 7) **Alzira Pereira da Costa**, casada com Ambrósio Mota, teve muitos filhos.
- 8) **Joaquina Pereira da Costa** casou-se com o "bonitão" Vicente Leite. Apesar de ter se casado com mais idade, teve quatro filhos.
- 9) **João Lourenço da Costa** casou-se com Tereza Gomes (ainda viva).
- 10) **Azarias Pereira da Costa** era solteiro.
- 11) **Olímpio Pereira da Costa** foi casado com Francisca Mota. O casal teve cinco filhos. Ele foi criado pela Tia Ambrósia e o único da família que não ficou morando na região da Fazenda. Mudou-se para o Paraná onde viveu até o fim de sua vida.
- 12) **Belarmino Pereira da Costa** faleceu ainda pequeno.

Esta família grande foi sempre muito unida.

Francisco Theodoro da Costa, o quarto filho do casal, foi criado por seu Tio Evaristo Mota lá no município de Brasópolis, vindo a se casar com a jovem Felicidade Campos que residia na Vila do Pedrão. Naquela época os casamentos eram arranjados pelos parentes e este não fugiu à regra. Os noivos quase se conheceram no dia do casamento...

## CAPÍTULO 4

### A FAMÍLIA COSTA CAMPOS

#### 4.1 - INÍCIO DE VIDA

As famílias grandes são raras hoje em dia e mais raro ainda aquelas que são unidas. A família Costa Campos é uma dessas famílias que têm no amor, respeito, carinho os motivos dessa união. No entanto, esses frutos não nasceram do nada, eles são o resultado do trabalho e do esforço do casal Francisco Theodoro da Costa e Felicidade Campos Costa, que sempre lutou (cada um a sua maneira) para transmitir à família a essência da vida: a necessidade de fazer o bem, de dar e dar-se. Mostraram-nos a necessidade de sermos sempre corretos e verdadeiros, pois cada momento da vida é único. Não há dúvida que eles formaram uma bela família, com uma descendência respeitável não só em Maria da Fé, mas também nas vizinhanças. Eles plantaram e cuidaram de uma árvore, não de uma qualquer, mas de uma Árvore Frondosa que deu muitos frutos!

Dona Dade, mais realista, marcou sua vida pelo trabalho, pela seriedade, e Seu Chico, apesar de ser na essência um romântico, foi um comerciante de nome, fez grandes negócios, prosperou, teve seu fracasso financeiro, mas recuperou-se, sempre com o apoio da esposa. Seu Chico, de temperamento alegre, era um homem bom e respeitado por todos, assim como a Dona Dade. Os dois formavam um casal que, apesar de suas diversidades, pautaram suas vidas na retidão de caráter, no respeito ao próximo, fosse quem fosse esse próximo. Os dois, com uma vida exemplar, mostraram que vale a pena pontuar nossas vidas na honestidade, na dedicação, na honra, na sinceridade, na autenticidade, no trabalho, na amizade.

Não devemos levar uma vida de mediocridades e sem colorido, devemos acreditar nos mais altos valores. Mostraram-nos que esse tipo de vida não é utopia, como também, os possíveis caminhos e o roteiro a seguir.

A família é composta atualmente de 177 membros, desde filhos até tataranetos. Seu Chico e Dona Dade tiveram uma prole bonita: alguns claros, quase louros e de olhos azuis (como a Dindinha), outros de pele clara, mas de cabelos castanhos, e ainda outros bem morenos. Dizem que a filha que mais se parece com a Dona Dade quando moça é a Tia Valda, pele bonita, cabelos escuros e bem tratados. Dizem que o Vovô Chico quando moço era uma mistura do Tio Oswaldo e do Tio Vivaldi.

Entre os descendentes da família, observamos que alguns têm o veio artístico-musical herdado da Madrinha Téia (mãe da Vovó Dade), outros têm o tino comercial da Sá Dade, ou ainda a alegria e o dom de saber receber as pessoas, que eram características do Seu Chico.

Entre os membros da família temos aqueles habilidosos que conseguem fazer de tudo. Daí haver as costureiras caprichosas e detalhistas como a Tia Valda e a prima Nilza; as mãos de fada na cozinha, como a Dindinha, Tia Orminda e uma seqüência de filhas e netas com esse dom. Do lado dos homens a habilidade está na mecânica, como o Tio Oswaldo e Tio Vivaldi (este último também gosta de eletrônica e eletricidade). O Tio Dito e o Tio Oswaldo, além de ótimos motoristas, eram músicos.

Essa tendência e gosto pela música, originada da Madrinha Téia, deu não só esses dois músicos homens, mas uma série de outros apaixonados. A Tia Valda, além de instrumentista (acordeom e bombardino), encantou os ouvidos marienses com sua voz doce no coro da igreja de Nossa Senhora de Lourdes. Quem quisesse ouvi-la cantando, era só ir à missa das dez aos domingos. Que missas maravilhosas. A emoção se apoderava de todos quando ela cantava. Mas o gosto pela música ultrapassou esses limites. Através da dedicação de várias pessoas e inclusive dela,

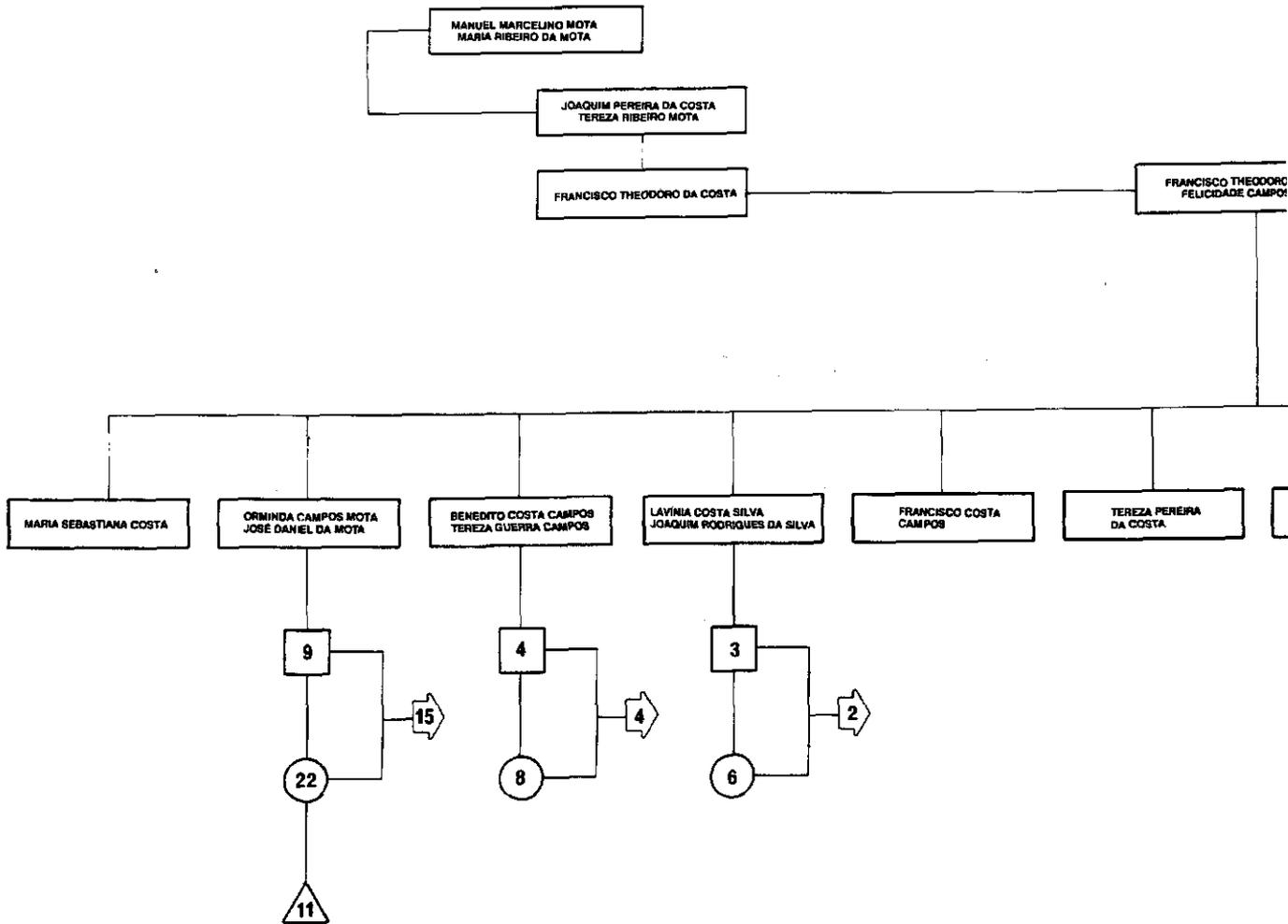
foi formada a Banda Feminina de Maria da Fé (Corporação Musical Santa Cecília), da qual participavam 14 elementos da família Costa Campos. Esta banda espalhou felicidade por Minas, Rio e São Paulo. Por outro lado, os homens também formaram uma Banda em Maria da Fé, a qual, junto com a feminina, foi orgulho da cidade. O primo Nilson tocava nessa Banda.

No momento essas 177 pessoas vivem com dignidade, de acordo com os ensinamentos do casal Costa Campos. A maioria reside em Maria da Fé, Itajubá, Cristina, e alguns estão espalhados por São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul etc.

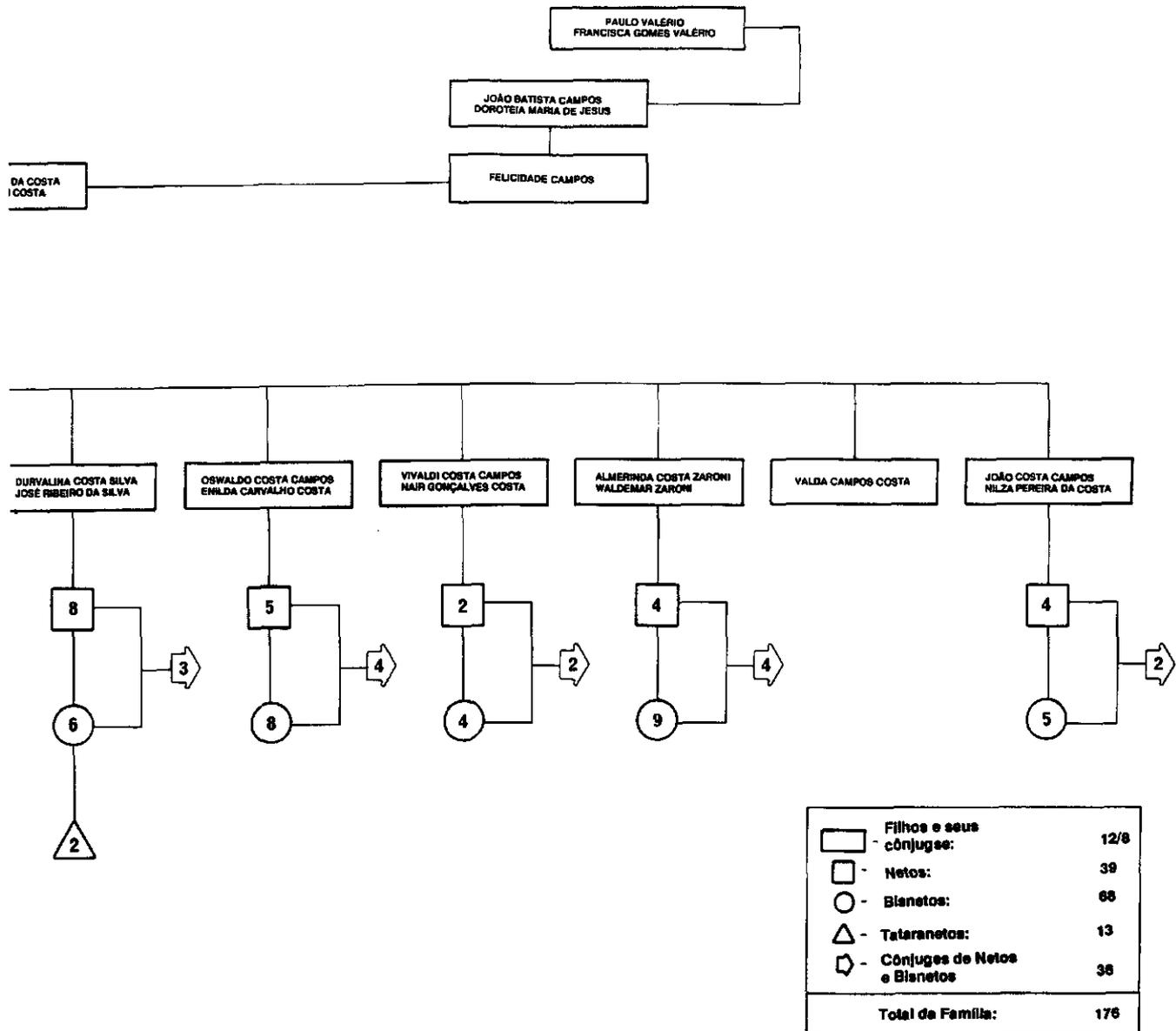
#### **4.2 - QUADROS REPRESENTATIVOS**

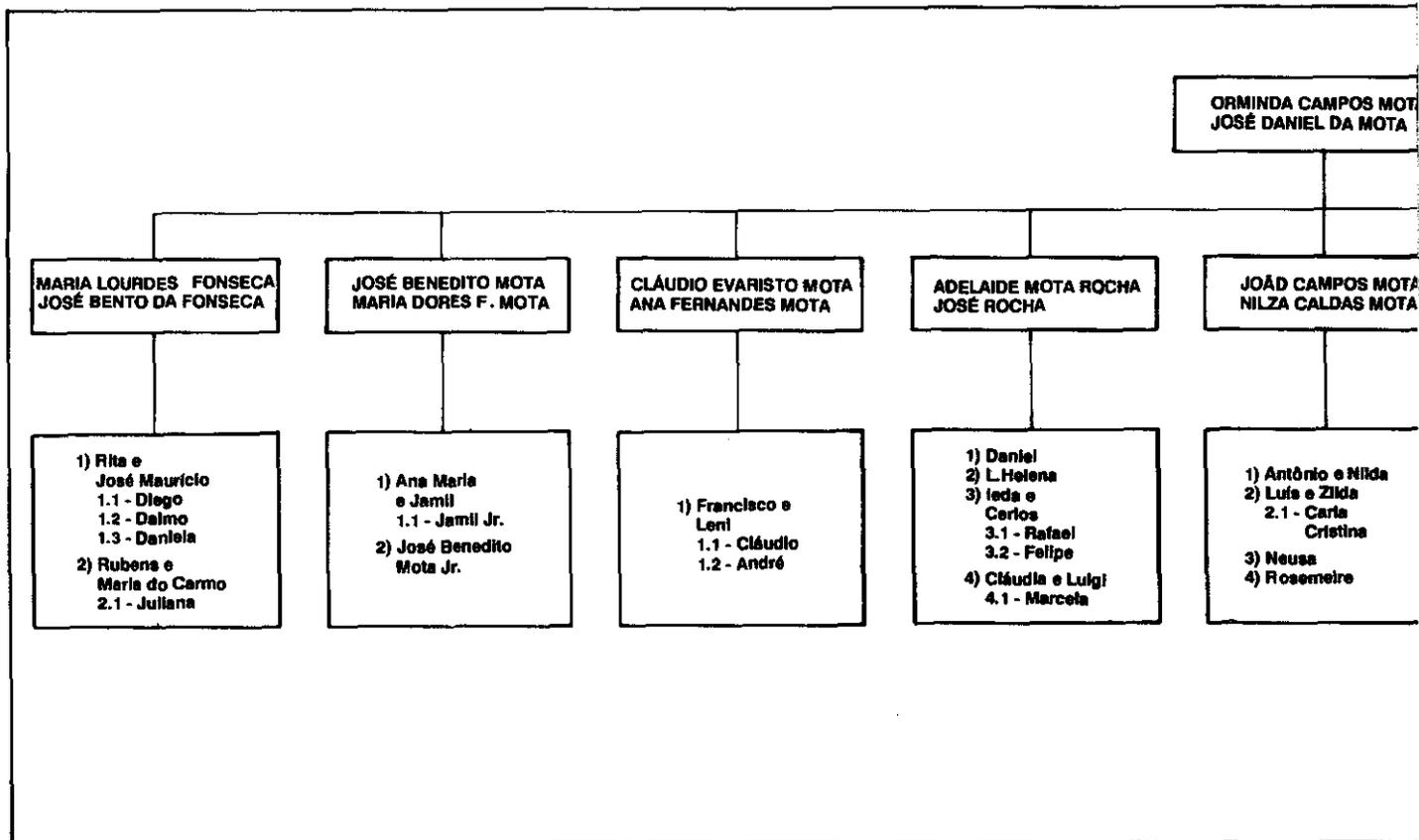
A seguir estão os quadros representativos da família Costa Campos.

# A FAMÍLIA COSTA

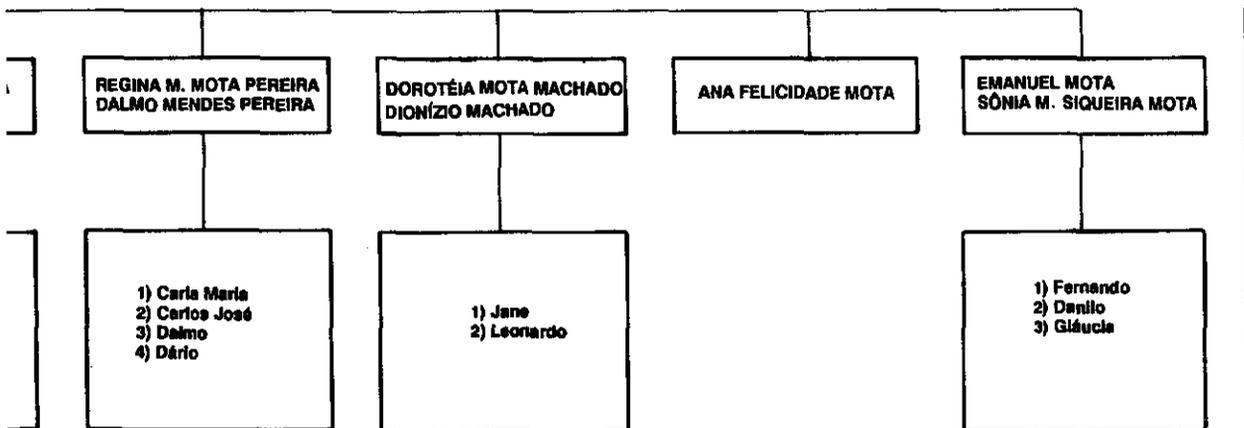


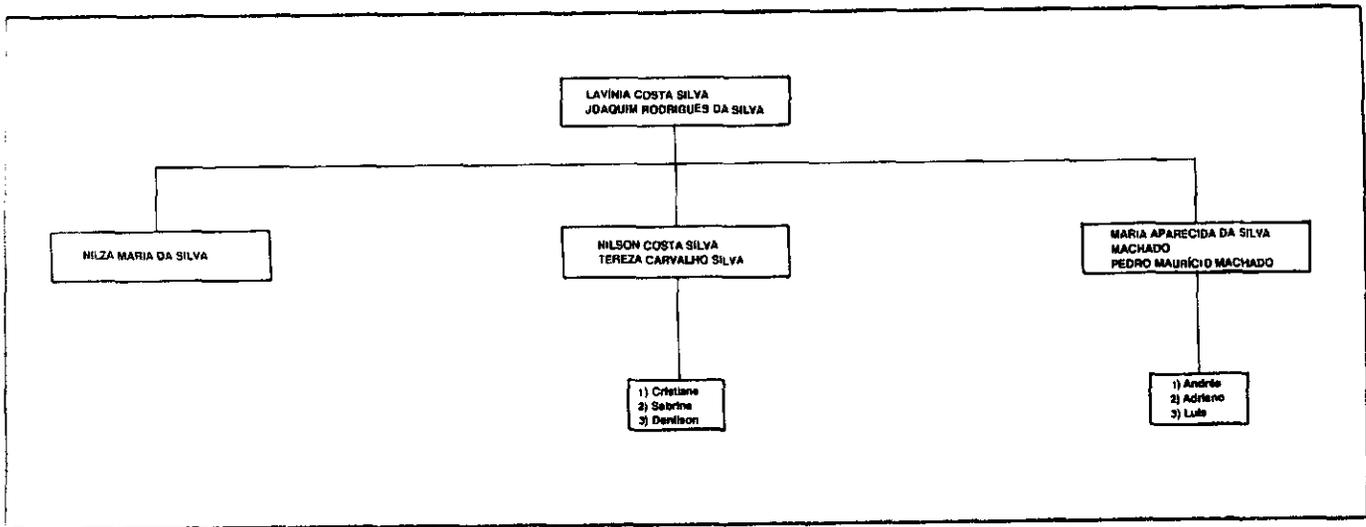
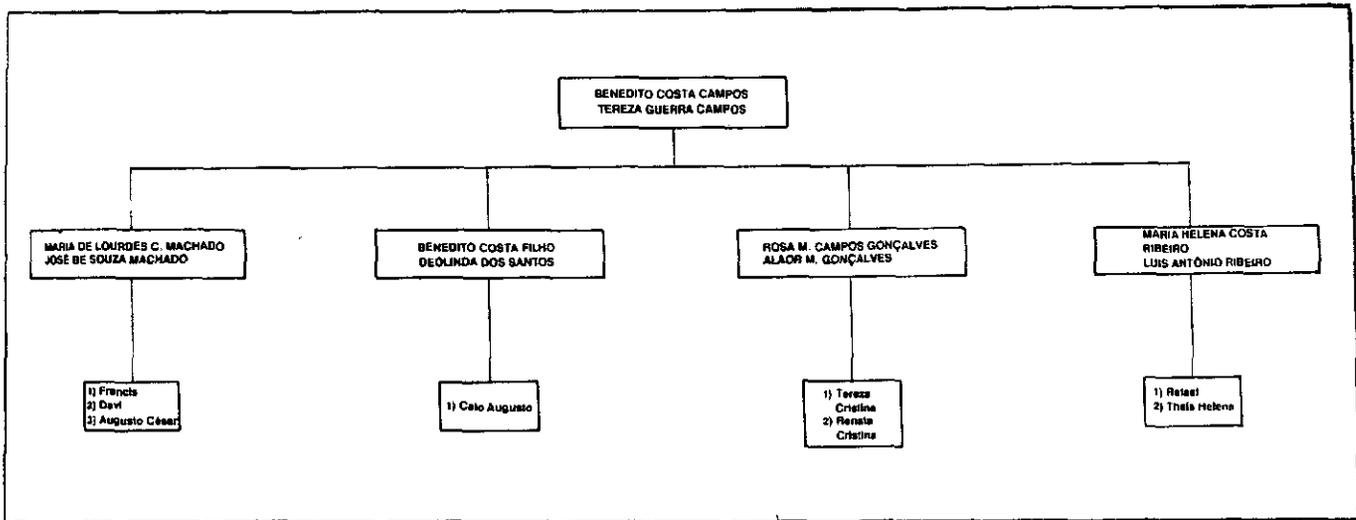
# A CAMPOS

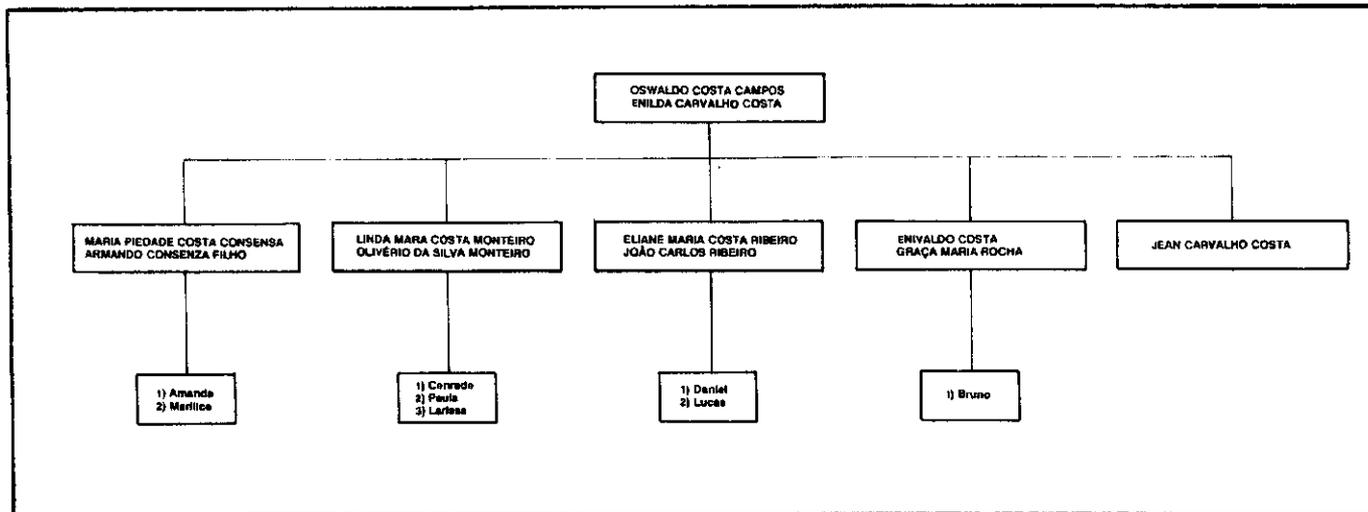
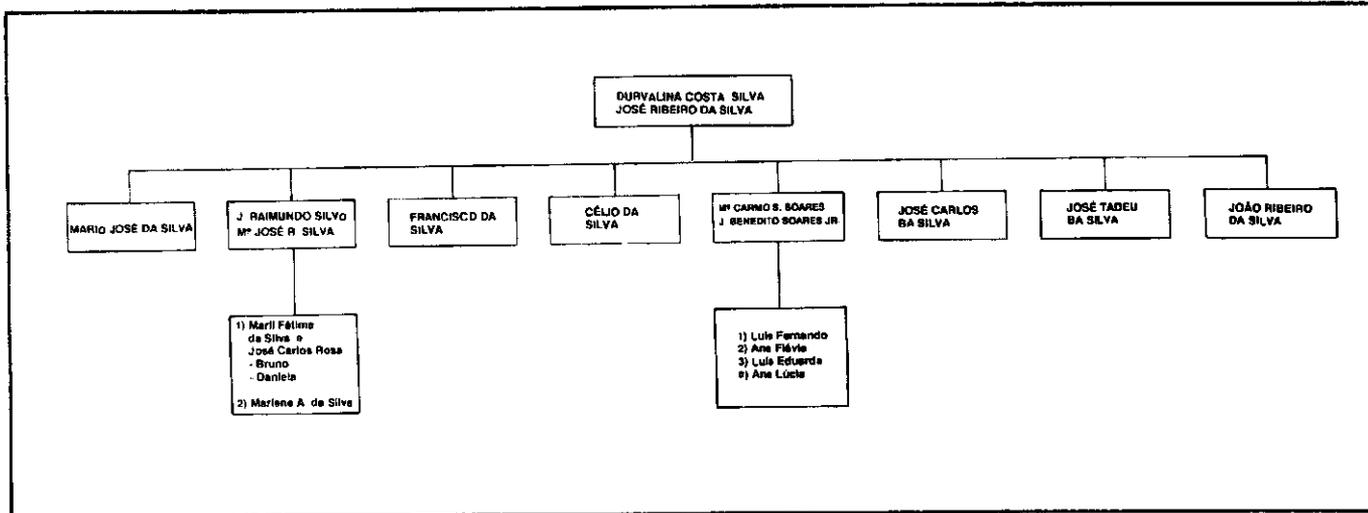


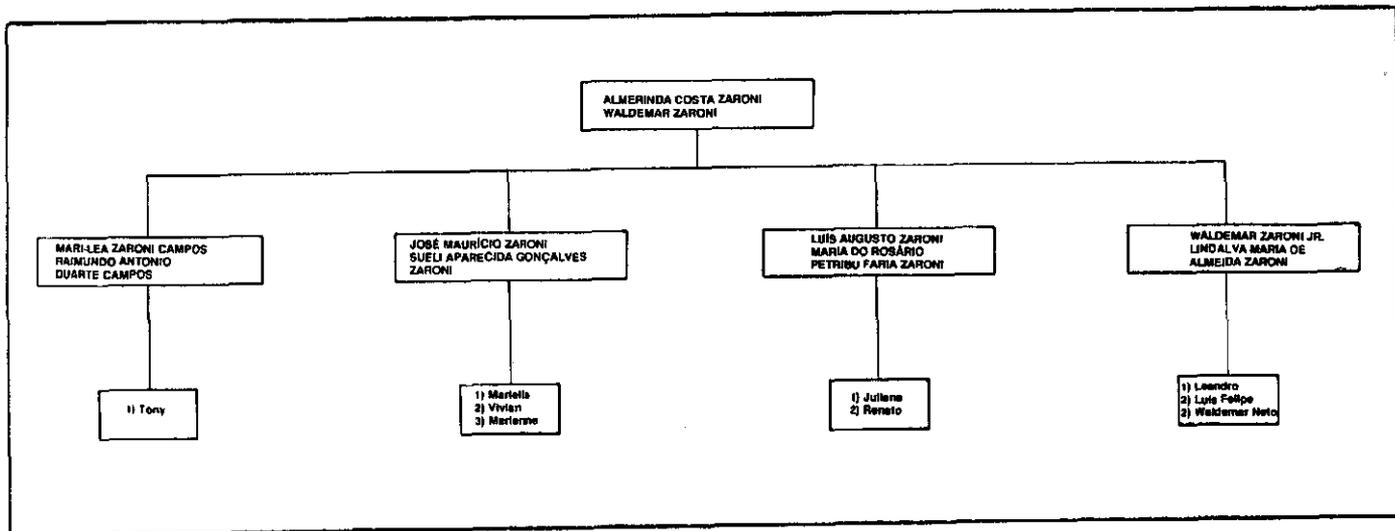
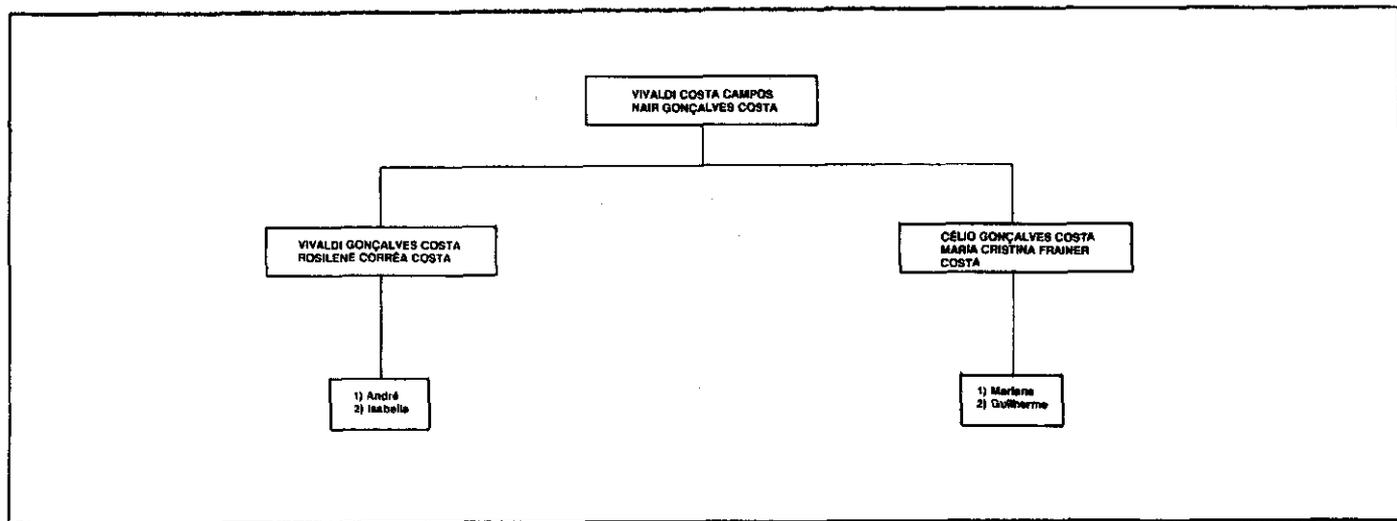


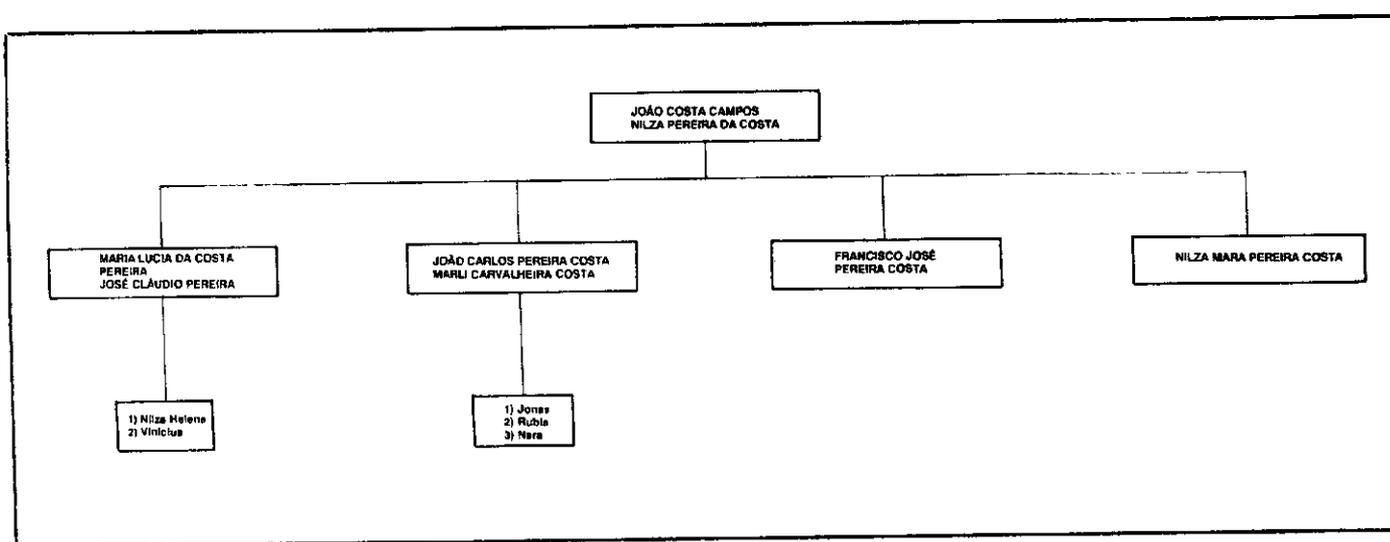
A















### **4.3 - A ÁRVORE E SEUS RAMOS**

Os primeiros anos da vida do casal, como já dissemos, foram passados na Fazenda Santa Bárbara que pertenceu ao pai de Chico Vicente (no município de Brasópolis) e mais tarde, já em Maria da Fé, criaram raízes, progrediram e tiveram filhos, netos, bisnetos e tataranetos. Ao todo, o casal Costa Campos teve doze filhos, sendo sete mulheres e cinco homens. São seus descendentes:

- 1) **MARIA SEBASTIANA COSTA**\_(Dindinha), que foi a primeira filha do casal a nascer na Fazenda Santa Bárbara, não se casou, mas foi a mãe postiça de muitos sobrinhos.
- 2) **ORMINDA CAMPOS MOTA** (Minda) casou-se com José Daniel da Mota e tiveram onze filhos, sendo quatro homens e cinco mulheres. José Daniel da Mota já é falecido. Seus descendentes são:
  - A filha Maria de Lourdes Mota casou-se com José Bento da Fonseca e deu à Dona Orminda os netos Rita de Cássia Mota Fonseca e Rubens Urias Mota Fonseca. Rita casou-se com José Maurício Costa e deu a sua avó Orminda três bisnetos: Diego Fonseca Costa, Dalmo Fonseca Costa e Daniela Fonseca Costa. Seu irmão Rubens casou-se com Maria do Carmo Miranda da Silva Fonseca a qual lhe deu uma filha, Juliana Miranda Fonseca, que veio a ser mais uma bisneta da Dona Orminda.
  - Seu filho José Benedito Mota (Zezão) casou-se com Maria das Dores Fernandes (Dodô), dando a Dona Orminda os netos Ana Maria Fernandes Mota e José Benedito Mota Jr. Ana Maria, por sua vez, casou-se com Jamil Ganan Aley e deu a sua avó Orminda o bisneto Jamil Ganan Aley Jr., que

veio a ser o primeiro bisneto de Ormindia e o primeiro tataraneto de Seu Chico Vicente e Dona Dade, pais de Ormindia. Jamil Jr. nasceu em 16-5-79. Nessa ocasião, a Dona Dade disse para o seu neto José: "Oh meu neto, me dá cá o seu neto." Havia, portanto, as seguintes gerações: 1) Seu Chico e Dona Dade, 2) José e Ormindia, 3) José e Maria das Dores, 4) Ana Maria e Jamil, 5) Jamil Jr.

- Seu filho Cláudio Evaristo Mota casou-se com Ana Fernandes, irmã de Dodô, casada com Zezão, irmão de Cláudio. Desta união nasceu Francisco Luís da Mota, filho único do casal. Francisco casou-se com Leni Gomes Silva e deste casamento nasceram os bisnetos de Ormindia: Cláudio Augusto Gomes Silva Mota e André Henrique Gomes Silva Mota. Cláudio faleceu sem conhecer seus netos.
- A filha Adelaide Mota casou-se com José Rocha e deste casamento nasceram mais quatro netos para a Dona Ormindia: Daniel Mota Rocha, Lúcia Helena Mota Rocha, Ieda Mota Rocha e Cláudia Mota Rocha. Duas de suas filhas já se casaram. Ieda Mota Rocha casou-se com Carlos Alberto Costa e deu a sua avó dois bisnetos: Rafael Mota Rocha Costa e Felipe Mota Rocha Costa. Por sua vez, a neta Cláudia Mota Rocha casou-se com Luigi Monferino e deu mais uma bisneta para a Dona Ormindia: Marcela Rocha Monferino.
- O filho João Campos Mota casou-se com Nilza Caldas e teve quatro filhos: Antonio José Caldas Mota, Luís Carlos Caldas Mota, Neusa Caldas Mota e Rosemeire Caldas Mota. Luís casou-se com Zilda Maria da Silva e deu a sua avó Ormindia a bisneta Carla Cristina Silva Mota. Antônio José é casado com Nilda Honório dos Santos, mas não têm filhos. João já é falecido.
- A filha Regina Maura Mota casou-se com Dalmo Mendes Pereira (Dadá) e deu a Dona Ormindia netos gêmeos: Carla Mota Pereira e Carlos José Mota

Pereira. Carlos faleceu ainda bebê e Carla é hoje uma adolescente. Regina teve dois outros filhos: Dalmo Mota Pereira e Dário Mota Pereira (falecido).

- A filha Dorotéia Campos Mota casou-se com Dionízio Machado e deu a Dona Ormindá a neta Jane Mota Machado e Leonardo Mota Machado (falecido ainda bebê).
- A oitava filha de Ormindá é Ana Felicidade Mota, solteira, que reside com Dona Ormindá em Maria da Fé.
- O último filho do casal, Emmanuel Mota (Maninho), casou-se com Sônia Maria Siqueira que deu à Dona Ormindá três netos: Fernando Siqueira Mota, Danilo Siqueira Mota e Gláucia Maria Siqueira Mota.

3. **BENEDITO COSTA CAMPOS** (Dito), casado com Tereza Guerra, que acrescentou Campos ao seu nome. O casal teve um filho e três filhas, os quais lhe deram oito netos. Tereza faleceu muito cedo. Benedito criou os filhos e faleceu em 1982.

- Sua filha Maria de Lourdes Campos casou-se com José de Souza Machado e deu a seus pais três netos: Francis Campos Souza Machado, Davi Campos Souza Machado e Augusto César Campos Machado.
- Seu filho Benedito Costa Filho (Nego), casado com Deolinda dos Santos, tem um filho: Caio Augusto dos Santos Costa.

- A filha Rosa Maria Campos casou-se com Alaor Mendes Gonçalves e teve duas filhas: Tereza Cristina Campos Gonçalves e Renata Cristina Campos Gonçalves,
- A filha caçula, Maria Helena Costa (Lelena), casou-se com Luiz Antônio Ribeiro e teve dois filhos: Rafael Costa Ribeiro e Thaís Helena Costa Ribeiro,

4. **FRANCISCO COSTA CAMPOS** faleceu ainda recém-nascido.

5. **TEREZA PEREIRA DA COSTA** (Tetê) é solteira e vive com as irmãs Dindinha e Valda na Casa Grande da Chácara São Benedito.

6. **LAVÍNIA COSTA SILVA**, casada com Joaquim Rodrigues da Silva. O casal teve três filhos. Joaquim faleceu antes de conhecer os netos.

- A primeira filha do casal, Nilza Maria da Silva, é solteira e vive com a mãe.
- O filho Nilson Costa Silva casou-se com Teresa Carvalho e tem três filhos: Cristiane Carvalho Silva, Sabrina Carvalho Silva e Denilson Carvalho Silva.
- A filha Maria Aparecida da Silva (Nenzinha) casou-se com Pedro Maurício Machado (Canário) e teve três filhos: Andréa da Silva Machado, Adriano da Silva Machado e Luís da Silva Machado (falecido recém-nascido).

**7. DURVALINA COSTA SILVA\_(Dorva)** casou-se com José Ribeiro da Silva (Zezinho) e teve oito filhos.

- A primeira filha do casal, Maria José da Silva, foi criada até dezoito anos por Seu Chico e Dona Dade. Depois foi morar com os pais. Faleceu com 42 anos.
- O filho José Raimundo da Silva casou-se com Maria José Rocha. Eles deram ao casal Dorva e Zezinho duas netas: Marli Fátima da Silva e Marlene Aparecida da Silva. Marli casou-se com José Carlos Rosa e teve Bruno da Silva Rosa e Daniela da Silva Rosa, hoje com três anos e um ano, respectivamente. Raimundo faleceu sem conhecer seus netos.
- O filho Francisco de Assis da Silva faleceu ainda bebê, como também o quarto filho do casal Célio da Silva.
- A filha Maria do Carmo Silva casou-se com José Benedito Soares Júnior (Nino) e deu ao casal Dorva e Zezinho quatro netos: Luís Fernando Silva Soares, Ana Flávia Silva Soares, Luís Eduardo Silva Soares e Ana Lúcia Silva Soares.
- Os gêmeos José Carlos da Silva e José Tadeu da Silva faleceram sem completar um ano.
- O filho caçula do casal é João Ribeiro da Silva, solteiro, que vive com Durvalina em Caçapava - SP.

**8. OSWALDO COSTA CAMPOS** casou-se com Enilda Carvalho. Tiveram cinco filhos, sendo três mulheres e dois homens:

- A filha Maria Piedade Costa, casou-se com Armando Consesa Filho e deu duas netas ao casal Oswaldo e Enilda: Amanda Costa Consesa e Marilice Costa Consesa.
- A filha Linda Mara Costa casou-se com Olivério da Silva Monteiro e teve três filhos: Conrado Costa Monteiro, Paula Costa Monteiro e Larissa Costa Monteiro.
- A filha Eliane Costa Ribeiro é casada com João Carlos Ribeiro. Desta união nasceram: Daniel Costa Ribeiro e Lucas Costa Ribeiro.
- O filho Enivaldo Carvalho Costa casou-se com Graça Maria Rocha e deu a seus pais mais um neto: Bruno Carvalho Costa Rocha.
- O filho caçula do casal, Jean Carvalho Costa, é solteiro.

9. **VIVALDI COSTA CAMPOS** casou-se com Nair Gonçalves. Vivaldi e Nair tiveram dois filhos: Vivaldi e Célio.

- O filho Vivaldi Gonçalves Costa casou-se com Rosilene Corrêa e deu dois netos ao Casal Vivaldi e Nair: André Corrêa Gonçalves Costa e Isabela Corrêa Gonçalves Costa.
- O filho Célio Gonçalves Costa casou-se com Maria Cristina Frainer. Desta união nasceram: Mariana Frainer Costa e Guilherme Frainer Costa.

10. **ALMERINDA COSTA ZARONI**, casada com Waldemar Zaroni, teve quatro filhos. Waldemar faleceu em 1982.

- A filha Mari-Léa Zaroni casou-se com Antonio Raimundo Duarte Campos. Desta união nasceu Tony Zaroni Duarte Campos.
- O filho José Maurício Zaroni casou-se com Sueli Aparecida Gonçalves. Deste casamento nasceram: Mariella Zaroni, Vivian Zaroni e Marienne Zaroni.
- O filho Luís Augusto Zaroni, casado com Maria do Rosário Petribu Faria, deu ao casal Waldemar e Almerinda dois netos: Juliana Faria Zaroni e Renato Faria Zaroni.
- O filho caçula Waldemar Zaroni Júnior casou-se com Lindalva Maria de Almeida. Deste casamento nasceram: Leandro de Almeida Zaroni, Luís Felipe de Almeida Zaroni e Waldemar Zaroni Neto.

11. **VALDA COSTA CAMPOS** é a caçula das mulheres. É solteira e vive com suas irmãs Dindinha e Teresa na Casa Grande dos Costa Campos.

12. **JOÃO COSTA CAMPOS** casou-se com Nilza Pereira. O casal teve quatro filhos. Nilza faleceu sem conhecer seus netos.

- A filha Maria Lúcia da Costa casou-se com José Cláudio Pereira. Tiveram dois filhos: Nilza Helena da Costa Pereira e Vinicius da Costa Pereira.
- O filho João Carlos Pereira Costa casou-se com Marli Carvalheira. O casal teve três filhos: Jonas Carvalheira Costa e as gêmeas Rúbia Carvalheira Costa e Nara Carvalheira Costa. Elas são as mais novas bisnetas de Chico Vicente e Dona Dade.

- O filho Francisco José Pereira Costa é solteiro.
- A filha caçula de Nilza e João, Nilza Mara Pereira Costa, é solteira.

## CAPÍTULO 5

### A ÁRVORE FRONDOSA E SEUS FRUTOS

#### 5.1 - A FAMÍLIA EM FOCO

Se formos questionar os porquês da vida, por que surgiu o universo? por quem foi criado? por que nascemos aqui e não acolá? por que somos desta e não daquela família? por que somos brancos, pretos, ricos ou pobres? isto tudo nos deixaria um tanto malucos. São coisas pensadas, repensadas, discutidas, lidas e sobre as quais não existem conclusões absolutas e definitivas. Assim, nascemos na Família Costa Campos e a partir dela formamos outras famílias. Essas reflexões nos levam a pensar que nascemos no meio de uma família forte, de pessoas que enfrentam a vida de frente e não se escondem na retaguarda. Não temos muitas riquezas materiais. Somos quase todos remediados, salvo algumas exceções para mais ou para menos. No entanto, somos riquíssimos em dons recebidos e em amigos. O casal Costa Campos nos transmitiu riquezas imensas através de seus genes: qualidades morais, espirituais, físicas, habilidades que nos tornam únicos. **Somos os Costa Campos.** Isto demonstra que há uma comunhão de propósitos deixados em nós pela herança genética de nossos ancestrais, como também heranças históricas e aquelas do chamado inconsciente coletivo. Temos qualidades e defeitos, como quaisquer outros seres humanos, mas com a marca registrada dos Costa Campos. Estamos juntos nesta vida por alguma razão. Deus sabe porque devemos caminhar e crescer juntos.

Muitos dizem que a família é a base da sociedade, outros afirmam não ser mais necessário mantê-la. Eu particularmente acho bom fazer parte dessa grande

família. Os cientistas sociais já fizeram muitas pesquisas sobre esse tema; no entanto, até agora não encontraram outro sistema melhor que viesse substituir a família. Existem falhas, é lógico, mas isto é normal, pois os seres humanos não são iguais. Deus nos fez um a um. Essa nossa comunidade especial, com laços profundos de afetividade, apesar de todas as rusgas, diferenças de opinião, tem algo que nos une: o sangue (a herança genética). Uma família unida se torna forte, e quando um de seus membros está ameaçado, todo o grupo corre a acudi-lo. Não há como negar. Nossas raízes estão enredadas nas montanhas de Maria da Fé e em tudo aquilo que lembra nossa origem. Por isso, a nossa "árvore" se torna cada vez mais frondosa. Nós temos um forte sentimento tribal. Realmente formamos uma tribo.

Chico Vicente e Sá Dade iniciaram a vida de casados inexperientes como qualquer jovem. Mas, assim que foram tendo filhos amadureceram e se fortaleceram com os revezes da vida e, portanto, conseguiram formar uma grande família. Procuraram ensinar aos filhos os verdadeiros caminhos da vida. Chefiaram o grande clã com maestria e, sem saber, praticaram o que o poeta Kalil Gibran falou sobre os filhos:

" Vossos filhos não são vossos filhos/ São os filhos e filhas da ânsia da vida por si mesma. /Vêm através de vós, mas não vos pertencem.../Podeis esforçar-vos para ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós/.../Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas."

Seu Chico e Dona Dade foram pais extremosos e amorosos. Tinham para com os filhos cuidado, atenção e respeito. Viveram, lutaram, amaram, sofreram e ensinaram muitas coisas a seus filhos, isto é, alguns segredos para viver bem. Seus filhos são:

### 5.1.1 - MARIA SEBASTIANA COSTA (Dindinha)

Completados os oitenta e dois anos, Dindinha continua a ser aquela "mãe de todos", e nela não vemos esta idade. Ela para nós é aquela tia maravilhosa que o tempo não acrescenta anos. Não foi mãe de nenhum filho, apesar de ser a mãe de todos. Parece contradição, mas é a pura verdade. Cuidou de todos os irmãos, de alguns sobrinhos e até hoje se preocupa com alguém. Não só criou os da família, como a minha irmã Lilia, mas também foi a mãe da pretinha Margarida. Até hoje é sempre mãe postiça de alguém.

Sua dedicação e carinho são distribuídos a todos. Para quem chega à Casa Grande, Dindinha tem sempre o seu famoso doce de leite em pedacinhos, as rosquinhas doces, os bolos, os doces de frutas, o biscoito de polvilho, os bolinhos sonhos. Seus doces e quitandas era e ainda é a sua forma de agradar os parentes e amigos. Tem uma formidável dose de humor e ninguém fica sem rir perto dela. Este seu bom humor reflete-se na música, pois tocava bandolim.

Seu tom tranquilo é demonstrado por suas atividades em casa. Antes fazia de tudo: costurava, cozinhava, fazia crochê, cuidava de plantas, crianças e adultos, enfim se dedicava e ainda se dedica aos outros. Ela pontuou a sua vida na máxima de Jesus: "Amai ao próximo como a ti mesmo".

Gentil, discreta, bem humorada (sempre alegre), de constituição franzina, Dindinha tem como hobby o trabalho. Não sabe viver sem ele. Nem mesmo depois do infarto em 1989, quando foi proibida pelo médico de certas tarefas. Ficou aflita com a ordem médica. Não sabia se deitava, andava ou se via televisão. Quando foi liberada, ficou aliviada. Gostava também de um cigarrinho de palha, que foi a primeira coisa a ser cortada pelo médico.

Sala ampla, papo gostoso, descontração, uma sensação aconchegante. Dindinha, entre um intervalo e outro da novela ou das reportagens, nos fala de

coisas do passado. Dela fala pouco, mas está sempre nos relatando passagens interessantes da grande família. Ali na Casa Grande ela, a Tia Valda e a Tetê têm nos recebido há anos com o maior carinho. Esse tratamento não é só dado a nós, mas a todos que visitam a Casa da Vovó. Até hoje a Casa Grande é chamada carinhosamente de Casa da Vovó.

Da infância na Fazenda Santa Bárbara, onde nasceu, ela tem boas lembranças. Foi a primeira filha do casal e recebida com muito carinho. Loira, de olhos azuis, sempre foi muito bonita e cortejada pelos fãs. Com o seu sempre presente bom humor, faz piada de si mesma: "Fui a filha mais bonita do Chico Vicente e não me casei". Não sentimos mágoa em sua declaração, já que não foi por falta de pretendentes. Acho que ela queria um especial. Preferiu escolher e ficar solteira. Continua a fazer piada sobre seu casamento. "O Zezinho da Dorva devia se casar comigo. Eu faço pamonha e doces do jeito que ele gosta. Errou quando se casou com a Dorva". Do seu tempo de mocinha comenta que namorou bastante. Até mesmo nas noites frias de Maria da Fé, quando ficava lá na porteira com o namorado e voltava para a casa com os cabelos molhados de geada.

Não há mistérios em sua vida, que é realmente um livro aberto, feito de dedicação e trabalho. Tem mãos de fada para qualquer trabalho de casa. Na cozinha ninguém esquece seus doces e quitutes que faz para as visitas. No tempo do Seu Chico ele oferecia suas guloseimas para o primeiro visitante que chegasse. Hoje seus visitantes somos nós e podemos afirmar sem exageros que ela nos dá tratamento especialíssimo. Sabe do nosso gosto e já vai preparar a guloseima. Ela nós dá carinho de mãe. Gostamos tanto de ficar com ela, Tia Valda e Tetê naquela casa gostosa, com aquela paisagem maravilhosa, aquele cheirinho de mato...

Além disso, ela encontra tempo para os crochês que são lindos. Sabe de cor os pontos e vai tecendo almofadas, toalhas de mesa, bicos pequenos de todos os tipos, caminhos de mesa ...

### **5.1.2 - ORMINDA CAMPOS MOTA (Minda)**

Casada com José Daniel da Mota (já falecido), mais conhecido como José Evaristo, Orminda é de constituição física franzina, de pele morena, cabelos castanhos. Sempre muito elegante no andar, muito disposta, tem até hoje, com 81 anos, o saudável hábito de longas caminhadas. É elétrica como uma mocinha de 18 anos e vai até o Bairro da Turquia várias vezes se necessário. Anda lépida, com passos rápidos, corpo ereto e sempre com disposição. Sempre toma o ônibus para Itajubá, Cristina, Olegário Maciel e outras paragens para visitar os filhos e parentes, o que demonstra que para ela não existem fronteiras. Seu temperamento também é especial. Tem uma alegria constante e sabe, como seu pai, receber as pessoas. Fica sentida quando algum visitante da família que se encontra na cidade não vai à sua casa.

Orminda e José tiveram nove filhos, cinco mulheres e quatro homens. Como primeira filha a casar, foi a primeira a dar ao casal um neto, um bisneto e um tataraneto ao Casal Chico Vicente e Dona Dade. No início da vida de casada, trocou a vida em Maria da Fé pela fazenda que seu marido ganhara de seu pai, próximo à Fazenda Santa Bárbara. Seu marido, meio parente nosso, era homem muito alto, forte, moreno, sério, calado e bonito. Seus filhos são na maioria como o pai: altos, morenos e fortes. Na fazenda, Tia Orminda fazia de tudo, mas se destacou como professora, preparando as crianças das redondezas para a leitura, para a vida e para a primeira comunhão em Brasópolis. Estava sempre fora de casa trabalhando. Por isso, tinha sempre alguém para ajudá-la a criar seus filhos. A última pessoa a ajudá-la nesta tarefa foi a bondosa Maria Antônia. Ela foi ainda pequena para sua casa, e mais tarde tornou-se a segunda mãe de seus filhos. Até hoje todos adoram a Tonha que dividia a responsabilidade da casa com a Maria de

Lourdes, filha mais velha do casal. Cuidavam de tudo. Dizem que a Tia Orminda só tinha o trabalho de ter os filhos, o resto era com elas.

Seus filhos são: Maria de Lourdes, Zezão, Cláudio, João, Adelaide, Regina, Ana, Dorotéia e Maninho. Com exceção da Ana, que é solteira e mora com a mãe, todos se casaram e tiveram filhos. Orminda é a filha dos Costa Campos com maior número de filhos, seguida da Dorva. Hoje mora em Maria da Fé com sua filha Ana e rodeada dos outros seis filhos, dezenove netos e onze bisnetos. Apesar de ter perdido dois filhos e dois netos, continua alegre e vivendo a sua vida de mãe, vó e bisavó.

Seus biscoitos de polvilho são uma delícia...

### **5.1.3 - BENEDITO COSTA CAMPOS (Dito)**

Nasceu de sete meses e só sobreviveu graças aos extremos cuidados de Dona Dade. Sem outros recursos, ela enchia garrafas com água quente e as colocava para aquecer o berço do menino. Sobreviveu, cresceu pouco, mas apesar de prematuro foi a mão direita dos Costa Campos durante muito tempo.

Trabalhou duro para ajudar a família e exerceu grande influência em todos os irmãos, sobrinhos, filhos etc., pois seus exemplos foram muito fortes. Na Fazenda Santa Bárbara era o responsável pelo trabalho que o cavalo realizava para girar o engenho e pela lavagem do alambique de cobre. Já em Maria da Fé, trabalhou na máquina de beneficiar arroz, onde foi o primeiro maquinista.

Mesmo com dificuldades, estudou o quanto pôde e aprendeu música nas horas vagas. Tocava clarineta.

Casou-se com Teresa, filha de Luís Guerra e de Mariquinha Guerra. Ela, muito loira, de olhos azuis, pele muito alva e bonita, muito trabalhadeira, alegre, mas de personalidade forte, como indicava seu nome de solteira. Os dois se completavam. Tiveram quatro filhos: Lourdes, Nego, Rosinha e Lelena. Todos claros e bonitos como a mãe. Teresa era mãe exemplar (enérgica). Sua casa sempre limpa e sua comida sempre gostosa. Não me esqueço de seus doces de abóbora e batata doce que, depois de prontos, eram postos para secar em assadeiras, no sol, sobre o telhado da cozinha de fora. De lá eles eram cobiçados por mim, mas como eu tinha vergonha, nunca lhe pedi um.

Tio Dito era aquela criatura boa que existe em qualquer família. Trabalhava com o caminhãozinho (apelidado vovozinho), com a feclaria, sempre tendo ao seu lado a Vovó Dade. Como a Tia Lavínia, Tio Dito era considerado por todos da família como um homem extremamente bom, amoroso, alegre, espirituoso e prestativo. Tenho certeza que todos da família (que o conheceram) foram testemunhas ou até mesmo sentiram sua bondade. Depois de casado, ia religiosamente à Chácara visitar a família. Lá conversava, consertava coisas, providenciava outras. É impossível esquecer esse tio, que andava devagar por causa dos calos (mal de família) e que viveu para servir os outros e distribuir amor. Religioso, como a família Costa Campos, era da Irmandade de São Vicente e estava sempre ajudando um aqui e outro acolá.

Sua tolerância com os filhos era grande, talvez para contrabalançar a Tia Teresa que era muito enérgica. Ela morreu muito nova, deixando o Tio Dito com os quatro filhos para acabar de criar, sendo a caçula bem pequena (quatro anos). Esse tio foi pai e mãe, amigo e protetor dos filhos. Era amigo inseparável de outro tio maravilhoso, Tio Waldemar. Jogavam cartas, comentavam o jornal juntos, falavam de política e iam todos os dias na chácara cuidar dos dois velhos já quase centenários, revezando-se com as tias Valda e Dindinha. Tio Dito faleceu em maio de 1982 e seu amigo Waldemar daí a dois meses.

#### 5.1.4 LAVÍNIA COSTA SILVA (Vina)

Casou-se com Joaquim Rodrigues da Silva, já falecido. Baixinha, morena de cabelos crespos, clara de pele, santa, segundo o Tio Dito. Essa tia simpática e alegre faz jus às brincadeiras do Tio Dito que dizia: "Se eu morrer, não se esqueçam de canonizar a Vina...", ela visita todos os doentes, está em todas as festas de aniversário, formatura, casamentos. Não se esquece de ninguém. Trata todo o mundo com uma deferência especial de príncipes e princesas. Por isso, todos da família reconhecem que ela é boa, simpática e justa. Deram a ela na festa de Natal de 1989 um presente: a auréola de santa. Essa tia, mesmo passando por grandes dificuldades na vida nunca deixou de lado a alegria. Não posso me esquecer dela se dirigindo à Chácara cantando baixinho e batendo palmas (num exercício de cruzar as mãos para frente e para trás). Ela sabe que quando caminhamos nesta vida devemos viver este caminhar.

Brincadeira ou não, esta tia merece ser chamada entre nós de santa. Eu mesma senti inúmeras vezes sua bondade. Na minha infância em Maria da Fé, aos domingos íamos à missa das 10:00 horas e passávamos em sua casa que era no centro da cidade. Certa vez, meu sapato novo apertava e machucava, mas a vergonha não deixava que eu comentasse a minha dor com ninguém. Quando cheguei em sua casa, essa tia logo percebeu o que acontecia e se prontificou a colocar um esparadrapo para amenizar a dor. Depois me ofereceu um docinho gostoso para esquecer. Em sua casa sempre encontrávamos alguma delícia doce ou salgada. Tio Joaquim temperava e assava carne muito bem. Estávamos ainda na rua e já sentíamos o cheiro da carne assando. Outra bondade da Tia Lavínia: naquela época ninguém se importava muito com criança; só essa tia era capaz de conversar com elas. Tia Lavínia compreendia intuitivamente que a criança não é menos pessoa que o adulto.

Teve por muitos anos a responsabilidade pelo posto telefônico da cidade, que ficava nas duas salas de entrada de sua casa. Havia uma grande sala de espera com cabine e cadeiras e, ao lado, uma outra pequena com os aparelhos. Tia Lavínia trabalhou trinta e cinco anos como telefonista e aposentou-se depois de muita luta. Essa profissão lhe permitiu conhecer quase todas as pessoas de Maria da Fé e de outras cidades, assim como ajudou na manutenção da casa. Apesar desse lado positivo, o telefone a trazia cativa nos horários de sua responsabilidade. Tinha outras ajudantes e até sua filha Nenzinha foi telefonista, mas de madrugada a responsabilidade era só sua. O telefone era pior que bebê chorão. Pedia atenção à noite toda. Essa querida tia, além do trabalho de telefonista, fazia doces como pé-de-moleque, bala preta, chupetas doces etc. É trabalhadeira como a Vovó Dade.

Seus filhos, duas mulheres e um homem, são também exemplo de trabalho e dedicação. Eles trazem no sangue o capricho dos Campos. O Nilson é habilidoso e, apesar de nunca ter aulas teóricas, faz desde trabalhos que envolvem eletrônica, eletricidade até mecânica. A Nenzinha foi telefonista, costureira, maestrina da banda de música, e hoje é professora diplomada em Música, Artes e Português. A Nilza, além de professora e muito culta, é a modista mais famosa de Maria da Fé (deixou de ser professora para ser modista, que é a sua vocação). Dona Lavínia orgulha-se da família que tem, agora com cinco netos.

#### **5.1.5 - FRANCISCO COSTA CAMPOS**

Faleceu ainda bebê.

### **5.1.6 - TERESA PEREIRA DA COSTA (Tetê)**

Inteligente, boa memória, vaidosa, professora aposentada, morena clara, de cabelos ondulados, olhos claros, Teresa demarcou bem o seu território com o trabalho de professora na Vila do Pedrão, próxima a Maria da Fé e terra natal da Vovó Dade, embora tenha lecionado também no Bairro da Mata. Professora dedicada, foi responsável pelo ensino do primeiro ao terceiro ano primário na escola do Pedrão e orgulha-se de ter ensinado muitas crianças, dentre as quais algumas tornaram-se grandes homens.

Durante a semana ficava no Pedrão para dar aulas e viajava de trem para passar os fins de semana e férias em casa. O trem era um transporte muito bom e muito usado naquela região. Ela vinha aos sábados e voltava no trem da noite aos domingos. Naquela época, era a Maria Fumaça que puxava os vagões e por essa razão a Tetê usava sempre seu guarda-pó impecável quando entrava no trem. Todos os viajantes rotineiros tinham seu guarda-pó. Isto é explicado pelo fato de a Maria Fumaça soltar fagulhas durante a viagem, as quais caíam na roupa, queimando-a e provocando pequenos furos. Lembro-me dela com seu guarda-pó, sua bolsa preta chegando e saindo do trem.

Depois de aposentada como professora trabalhou muitos anos no balcão, colaborando para o bom andamento do supermercado do Tio Waldemar. Mais tarde passou a trabalhar com a Tia Valda na loja. Era boa vendedora, ótima nas contas e no trato com os fregueses.

Esta tia foi criada pelo Vovô Chico desde pequena, após a morte de seus pais. Atualmente vive com suas duas irmãs, Dindinha e Valda, na casa da Chácara São Benedito. Está sempre preparando com orgulho gostosos pratos para o jantar ou para o almoço do domingo. Prepara comidas gostosas como também mantém

conversas agradáveis. Sabe muito sobre a família Costa Campos. Conhece fatos, nomes e datas como ninguém.

#### **5.1.7 - DURVALINA COSTA SILVA (Dorva)**

Muito trabalhadeira desde pequena, mamãe dentre as irmãs é a mais alta, de cabelos castanhos claros, pele clara, olhos azuis, nariz muito bem feito. Dizem que foi muito bonita quando jovem. Dançava muito bem e todos queriam formar par com ela, principalmente no tango. Em criança já tinha a sua marca registrada: a ordem e o asseio. Trazia a casa dos Costa Campos um brinco, com toalhas engomadas e cheirosas. Geniosa, limpava tudo, mas ai de quem sujasse...

Namorou bastante, e já estava quase noiva quando papai, que era amigo de seu namorado, conquistou-a. Zezinho (José Ribeiro da Silva), moreno de pele queimada do sol, muito bonito, encantou Durvalina. Casaram-se em apenas seis meses. Sua vida de casada foi desde o início muito tumultuada, entre os sucessos e insucessos profissionais de meu pai. Mamãe, como boa quituteira, o ajudava manter a casa fazendo não só os gostosos pés-de-moleque, como também as comidas gostosas que servia na época que teve pensão. Com isso, equilibrou por muito tempo a economia da família. Papai, sempre muito amoroso com a família, foi um bom pai. Lembro-me dele fazendo um café "bem doce", colocando nas xícaras e nos servindo... Não sabia dizer não para nós. A enérgica era minha mãe.

Em uma ocasião difícil, Durvalina, Zezinho e filhos foram morar ao lado da Casa Grande. Vovó Dade providenciou uma pequena reforma em seu paiol e lá foi a Dorva... Dizem que ela transformou o paiol em um lugar agradável, limpo e aconchegante. Tempos depois, mudou-se para uma casa melhor que a D. Dade reformara para ela. Era uma das casas próximas à Chácara. Lá teve os gêmeos, que

foram criados até mais ou menos um ano. Morreram de doenças que hoje seriam facilmente curáveis com antibióticos. Dizem que eram lindos.

Nossa casa estava sempre em ordem e obedecia a um ritual. Havia dia certo para fazer isso ou aquilo. Sexta-feira era impreterivelmente o dia de fazer quitanda. Desde manhã ficava atarefada, com ajudantes ou sem elas, preparando o fermento para a rosca, amassando as rosquinhas, bolachas, bolos e assando tudo logo em seguida. Os sábados eram dedicados às limpezas. As panelas de alumínio brilhavam como um espelho e todas as toalhas eram trocadas e as roupas de cama e mesa engomadas. O chão era lavado ou encerado e dava gosto entrar em nossa casa. Minha mãe ficava absorvida nas tarefas da casa, em fazê-las a tempo e muito bem. Cuidava dos pormenores, amava a limpeza e o esmero, para que cada coisa ficasse no seu lugar. Os amigos e vizinhos que atravessavam a porta da frente de nossa casa ficavam envolvidos na sensação de aconchego da casa e com a amabilidade das pessoas.

Mamãe teve nove filhos, entre eles um "mau sucesso", como se dizia antigamente. Desses perdeu quatro ainda pequenos, inclusive os gêmeos. Mamãe sempre reagiu a estas investidas da vida. Trabalhou, lutou e conseguiu dar a volta por cima.

É a filha que herdou os problemas circulatórios e de varizes do Vovô Chico. Por isso, depois de vários filhos, teve de fazer algumas cirurgias para tentar resolver o problema. Vive até hoje sofrendo as consequências disso. Portanto, usa a bengala de seu pai.

Nossa família passou por muitas dificuldades, desde doenças até grandes problemas financeiros, os quais culminaram com a falência de meu pai, que provocou uma total mudança em nossas vidas. Essa transformação nos aconteceu como uma avalanche, e uma série de outras experiências difíceis ocorreram. Saímos de Maria da Fé onde tínhamos uma vida equilibrada, com apoio familiar, moradia excelente, vida social adequada, morando bem numa casa de chácara, com dinheiro,

para uma vida em lugar distante (Caçapava-SP), onde iniciamos, em 1957, uma temporada como anônimos e enfrentando enormes dificuldades. Muita coisa mudou em nossa vida.

Graças a Deus e aos sacrifícios de toda a família conseguimos sobreviver nessa terra distante. Foi uma mudança radical e difícil de enfrentar. Em Caçapava, Raimundo e Lilia, como filhos mais velhos, arranjam emprego e ajudaram a família a se estabilizar. Raimundo casou-se com Maria José Rocha em 1960, com a qual teve duas filhas. Lilia ficou solteira e morando com os pais. Eu, em 1970, casei-me com o Nino e tive quatro filhos. João é solteiro.

É difícil ser mãe. Acho que dentre os vários papéis que temos de enfrentar na vida, nenhum é tão rico em experiências, tão difícil e tão variado como o de mãe. Assim, hoje, mãe de quatro filhos, analiso a minha mãe. Filha da Sá Dade, ela só podia ser trabalhadeira, enérgica, firme em suas decisões. Instintivamente ela era aquela mãe que fazia tudo para o "filhote" não perecer. Trabalhava até a exaustão para que não faltasse comida na hora certa, roupa limpa, ordem na casa. Mamãe não sabia paparicar, mas fazia seus carinhos nas entrelinhas da vida. Preparava uma sopa de macarrão deliciosa, pois sabia que eu gostava muito, ficava acordada esperando-me chegar da faculdade, cuidava das minhas roupas com carinho etc. No entanto, era muito exigente e não permitia deslizes. Tinha muito ciúme dos filhos e os queria sempre perto dela.

Sofremos perdas dolorosas, mas as piores foram relacionadas com a morte de meu irmão Raimundo e, cinco anos mais tarde, de minha irmã Lilia. A família ficou ainda abalada com a separação de meu pai e minha mãe. Essas mudanças só foram digeridas com a ajuda dos amigos que fomos fazendo, os quais nos apoiaram e ainda apoiam. Amizades sinceras como as primas Didi e Filhinha Ferraz, a professora Zélia e sua filha Lourdes, a italiana Maria Helena Roveda, o casal Ademar e Olívia, Dona Maria, Dona Diva, Dona Áurea e tantos outros. São mais do que amigos, consideramos que fazem parte da família.

Hoje, com dois filhos, mamãe vive com meu irmão João que lhe trata como uma rainha, segundo ela mesma, e cuida de tudo com amor e preocupação. Está bem de saúde e com 76 anos. Seu mal é o mesmo de Chico Vicente. A doença circulatória nas pernas foi agravada com um derrame, o que faz com que use hoje a bengala que seu pai usou ontem. Papai também está bem e muito forte para a sua idade. Zezinho e Dorva têm seis netos e dois bisnetos; estes filhos da neta Marli.

### 5.1.8 - OSWALDO COSTA CAMPOS

Tranquilo, bom, com o jeitão do mineiro, constante em sua profissão, correto, amigo, pacato e ponderado. Assim é o sétimo filho do casal Costa Campos. Alto, cabelos castanhos ondulados, olhos também castanhos, é conhecido pelos mais íntimos como Iasão. Casado com Enilda Carvalho, vive na medida exata do que a cidade lhe oferece.

Trabalhou desde menino com a Vovó Dade ajudando na chácara e na máquina de arroz. Estudou o quanto pôde (o equivalente ao primeiro grau de hoje). Seu gosto pela música era muito forte e aprendeu a tocar saxofone mais ou menos às escondidas, já que o vovô Chico achava supérfluo o estudo da música. A vovó o apoiava. Tornou-se, portanto, um bom músico, atividade que exerceu por muito tempo. Quantos carnavais ele animou com o seu saxofone! Sua profissão mesmo era a de motorista. Ele e seu irmão Vivaldi eram os proprietários da única linha de ônibus que ligava Maria da Fé a Itajubá. Enfrentava aquela estrada poeirenta todos os dias com a maior tranquilidade e conhecimento. Foi responsável pela linha de ônibus de estudantes para Itajubá, desde há muito tempo núcleo estudantil do Sul de Minas. Tio Oswaldo, muito tolerante aguentava a algazarra dos meninos e meninas em sua jardineira. Eu fui uma de suas passageiras. Era uma

aventura a cada dia. Ele nos levava e apanhava na porta do colégio. Tempos bons aqueles. Levantar cedo com a geada - o ônibus saía às seis horas (Ver crônica "Menina" de Mari-Léa, no Capítulo 10), vestir o uniforme rapidamente, tomar café, pegar o material escolar, viajar com solavancos, poeiras, brincadeiras, estudar no regime austero de colégio de freira, voltar para a casa com a segurança de estar nas mãos do Tio Oswaldo que dirigia o ônibus. Além disto, ele fazia todos os dias uma criteriosa revisão em sua jardineira.

Tio Oswaldo é casado com Enilda Carvalho. Ela, muito alegre e expansiva, é também muito ligada à música (toca violão e gosta de cantar). Morena de pele clara, Tia Enilda está sempre se preocupando com os filhos. Tiveram três filhas e dois filhos, todos de cabelos castanhos, pele clara, bonitos e alegres como a mãe e o pai.

A resistência do Tio Oswaldo foi posta à prova quando teve de enfrentar um enfarte, o qual foi superado após uma cirurgia e uma ponte de safena. Reagiu bem aos regimes, às caminhadas diárias, ao controle que deve nortear sua vida. Hoje, apesar de safenado, vive aposentado, amado e respeitado por toda a família.

### **5.1.9 - VIVALDI COSTA CAMPOS**

Olhos e cabelos claros, alto, alegre, muito político, negociante como a Vovó Dade. Vivaldi é casado com Nair Gonçalves, muito clara de pele, olhos azuis, organizada, limpa, metódica. Tiveram dois filhos, Vivaldi e Célio, que foram criados com o maior mimo pela mãe. Seu carinho estava desde o suco preparado para os filhos até o banho, na hora certa, com a roupa separada, a toalha cheirosa etc.

Vivaldi também participou da vida atarefada do casal Costa Campos, trabalhando duro como seus outros irmãos. Sua ocupação estava nos trabalhos da

chácara e da máquina de arroz. Mas havia os momentos de lazer. Todos da família sabem da experiência engraçada vivida pelos dois irmãos Vivaldi e Oswaldo. Certo dia, os dois queriam ir ao cinema, mas só havia um par de sapatos. Então, como resolver? Logo os dois arranjam uma solução: cada um deles calçaria um pé de sapato e colocariam nos dedos do outro pé uma atadura, como se estivessem com o pé machucado e, assim, disfarçariam. Na hora da sessão de cinema, lá foram ambos com um pé calçado e o outro descalço assistir ao filme, tendo se divertido muito.

A primeira experiência de trabalho de Vivaldi junto com os pais foi de grande importância para o seu futuro como profissional, burilando o seu senso comercial, sua relação interpessoal. Tudo isto e mais alguma coisa o prepararam para a vida. Teve sucesso como motorista de ônibus, sendo, juntamente com seu irmão Oswaldo, proprietário da linha Maria da Fé-Itajubá. Sua vida dividida praticamente entre duas cidades possibilitou-lhe mais conhecimentos, mais amizades. Conhecia Deus e todo o mundo, desde Maria da Fé até Itajubá.

Como era muito político, foi eleito vereador em Maria da Fé, Presidente do Hospital da cidade, amigo particular de Aureliano Chaves (que foi Vice-Presidente da República), tendo colaborado em muito para grandes melhorias na pequena Maria da Fé. Conseguiu agilizar a pavimentação da estrada Maria da Fé-Itajubá, a melhorar o Hospital Municipal, a Casa da Criança e o Asilo. Além disso, batalha para conseguir empregos para muita gente através de seus amigos médicos, gerentes de banco, industriais, políticos etc. Nas horas vagas curte montar e desmontar televisões, rádios etc. como também é muito bom na área de mecânica.

Como filho do Chico Vicente, gosta de um bom papo, de política, de economia e de receber amigos em Maria da Fé. Hoje vive aposentado usufruindo de suas rendas.

### 5.1.10 - ALMERINDA COSTA ZARONI

Baixinha, clara de olhos e de cabelos, discreta no falar e em suas atitudes, extremamente boa e prestativa, Almerinda casou-se com o igualmente bom Waldemar Zaroni. Esse casal sempre foi exemplo de vida. Observava-os de longe e admirava o jeito que se amavam. Eles formavam um par que dividia alegrias e tristezas. Tio Waldemar, carinhosamente chamado de Demá, estava muito além das outras pessoas. Seu crescimento interior era muito acima do nosso. Estava num estágio que lhe permitia ver claramente que as riquezas interiores são infinitamente mais importantes que as terrenas. Era muito bonito ver o seu relacionamento com as pessoas, com os filhos e com sua esposa. Foi um dos homens mais cristãos que conheci, sem freqüentar a Igreja, pois praticava na íntegra os ensinamentos de Cristo onde estivesse. Era culto, sensível e muito amoroso. Visitava a Casa Grande todos os dias até o final da vida dos sogros. Foi mais filho do que genro, mais irmão do que cunhado, mais amigo, como um parente. Sem fazer alarde, ajudava a Tia Valda, a Dindinha e o Tio Dito a cuidarem dos dois velhos. Sempre admirei este casal e pensava: Quando me casar, eu vou tentar ser como eles...

Almerinda é muito caprichosa e talentosa para cozinhar. Sabe desde o trivial até o mais sofisticado. Por isso, em sua casa, sempre hospedava as autoridades que visitavam a cidade, preparando jantares de gala sem defeitos. Muito amorosa, já deu demonstrações de sobra de sua caridade, ajudando quem precisar dela, seja em que situação for. Nunca falta a ninguém. Eu especialmente tenho muito a lhe agradecer. Em primeiro lugar, pelo tratamento de filha que tem me dado desde pequena. Como nasci com alguns dias de diferença de sua filha Mari-Léa, ela me trata como se eu fosse sua também. Fazia um vestido para a filha e outro para mim. Assim foi por muito tempo. Não só coisas materiais ela me deu, mas muito apoio, alento, consolo, conselhos nas mais diversas situações de minha

vida e de minha família. Sempre encontrei segurança ao seu lado, a cumplicidade que preciso para as minhas emergências. Efetivamente nós lhe somos devedores.

Waldemar e Almerinda tiveram quatro filhos: Mari-Léa, José Maurício, Luís Augusto e Waldemarzinho. Todos muito semelhantes aos pais. Hospitaleiros, amorosos, alegres. Eu e Mari-Léa somos irmãs. Desde pequenas nos consideravam irmãs, mais do que isto, gêmeas. Somos muito ligadas e realmente até hoje temos vivido assim.

Tomar o café da tarde com bolos, tortas, bolachas, sobre uma grande mesa numa cozinha muito bonita, é coisa que encontramos na casa da Tia Almerinda. O seu café com leite é diferente, é cremoso, e tem sabor de quero mais. Sempre tem coisas gostosas para comer e bom papo, o que faz com que nossas relações se estreitem ainda mais. Sua hospitalidade sempre foi muito grande para conosco e para quem procura sua casa.

#### **5.1.11 - VALDA COSTA CAMPOS**

Talentosa, a caçula das meninas é do tipo "mignon", de cabelos castanhos escuros, pele muito clara. Muito bonita, foi admirada por diversos fãs. Praticava a alta costura e era responsável pelas mais bem vestidas da sociedade mariense. Como proprietária de uma escola de costura, diplomou (com festas e bailes) muitas moças. Junto com seu irmão João, era uma freqüentadora assídua de bailes, festas, viagens, boates (principalmente em Poços de Caldas, onde Vovô Chico tinha casa de veraneio). Nos carnavais fantasiava-se fazendo par com seu irmão. Lembro-me de uma de suas fantasias. Era de cigana. Chamou a atenção pelo colorido da saia, feita com fitas emendadas uma a uma. Completava a saia

multicolorida um bustiê preto e um bolero de seda solferino, cheio de medalhas douradas. No cabelo o lenço e nas orelhas os tradicionais brincos...

Seu tempo era dividido com trabalho (costura), passeios, vida em família e música. Tocava acordeom muito bem. Tinha professor particular em casa. E mais. Além do natural talento para a música, recebeu de Deus outra dádiva: sua voz. Era componente do coro da Igreja como solista. Era muito bom ouvir a Tia Valda cantar naquela igreja linda, carregada de bons fluídos, emoções por todos os lados...

Bonita, sociável, elegante, independente economicamente desde mocinha com suas costuras, Valda reconhece que responsabilidade teve de sobra. Cuidou dos pais durante muitos anos até seus últimos dias. Só repartia esses cuidados com algumas poucas pessoas, mas ainda lhe sobrava muito trabalho. Desde o curativo na perna do Vovô Chico até o banho na Vovó Dade eram por sua conta. Sua tarefa de enfermeira dos pais é reconhecida por todos da família. Depois da morte dos velhos sofreu muito a falta deles, como também suas irmãs que com eles compartilhavam a mesma casa.

Até hoje Valda trabalha muito em casa e na loja que possui na rua principal da cidade. Sua missão principal é a de cuidar de suas irmãs mais velhas e zelar pela vida na Casa Grande, que conserva com o maior carinho. Quanto às irmãs, controla remédios, horários, comidas, excessos etc. Toma conta de tudo!

Estudou e formou-se depois de adulta. Fez curso universitário, é professora mas não dá aulas. Cuida de uma loja de sua propriedade. Está sempre informada com a leitura de jornais, que não dispensa. Por mais atarefado que seja o dia, arranja um tempinho para a leitura.

Quando estamos em Maria da Fé nos hospedamos na Casa Grande, ocasião em que ela e as outras tias nos cobrem de carinhos. Elas nos envolvem com uma hospitalidade maravilhosa. Lá nos sentimos em casa, com a tranquilidade que a natureza nos oferece e com o tratamento especial que recebemos. Quando

chegamos, vão logo preparar coisas gostosas, a cama fofa e limpa. É muito prazeroso estar com elas, curtindo toda a emoção que há na Casa Grande, o cheiro da mata verde, das flores, do café gostoso, do bolo assando, do fogão de lenha que nos aquece...

#### **5.1.12 - JOÃO COSTA CAMPOS**

Estatura mediana, cabelos claros e pele clara, comerciante de sucesso, muito abonado financeiramente, alegre, cultivava o dom herdado do pai: saber receber e tratar as pessoas. Casou-se com Nilza Mendes Pereira e tiveram quatro filhos: Maria Lúcia, João Carlos, Francisco e Mara. Nilza também era de uma família que sabia e gostava de receber visitas. A casa de seus pais (José Olímpio e Emerenciana) recebia pretos e brancos, ricos e pobres. Assim, Nilza e João pautaram suas vidas no trabalho e na amizade.

João trabalhou como todos os seus irmãos ao lado de sua mãe. Aprendeu muito com ela e com o pai, e foi ganhando pontos como comerciante até conseguir construir um cinema para a cidade, que há muito tempo não tinha um. João lutou muito para construir aquele cinema, muito bonito para a época, com a melhor máquina, um bom palco, boas acomodações, música, "bombonière", venda de revistas etc. Foi responsável por muitos momentos sociais da cidade, como formaturas, festas, flertes, e através dele a cidade tomava conhecimento do que acontecia no mundo. Essa era uma época sem televisão (1950), a qual só veio a prejudicar o seu funcionamento na década de setenta.

João e Nilza moravam na Casa Grande e lá foram tendo os seus filhos. Só mudaram para a cidade quando os filhos aumentaram e precisavam de instalações mais amplas. Nilza era clara, de cabelos castanhos, muito alegre, simples e muito caridosa. Filha de pais ricos, era muito simples, sua casa muito farta e muito

visitada. Não havia hora para as visitas chegarem, como ainda é até hoje, apesar de sua falta. A porta está sempre aberta. É só entrar. A essa tia também devemos muitos favores, pelos quais somos eternamente gratos. Tenho certeza que Deus já lhe deu a recompensa por tudo de bom que fez.

Tio João, hoje viúvo, é fazendeiro, grande plantador de batatas, as quais são cultivadas não só em Maria da Fé mas em outras fazendas de sua propriedade como em Pouso Frio, Cristina, Alfenas etc. Vive sozinho e para os negócios. Sempre dedicado aos filhos e netos, ainda mais agora que é avô de duas lindas meninas gêmeas.

Esses filhos do Seu Chico e da Dona Dade uniram-se a outras famílias e produziram frutos. A grande árvore cresceu e, no momento, compõe-se de: doze filhos; quatro genros e quatro noras; trinta e nove netos; sessenta e oito bisnetos e treze tataranetos. Ao todo são cento e trinta e dois descendentes diretos. Trinta e nove pessoas vieram constituir famílias com os Costa Campos. O total geral é de cento e setenta e sete pessoas.

## **5.2 - AS FAMÍLIAS QUE SE UNIRAM AOS COSTA CAMPOS**

A família Costa Campos sempre gozou de alto conceito na cidade de Maria da Fé e redondezas, e seus filhos e filhas eram considerados ótimos partidos para casamento, pois Seu Chico e Dona Dade souberam criá-los com bons exemplos e orientações práticas. Dona Dade, muito sensata, encaminhava-os ao trabalho, ensinando-os a enfrentar a vida. Seu Chico, por outro lado, apesar de estar também preocupado com o sustento das novas famílias que seus filhos iriam formar, queria saber qual era a descendência do pretendente, a família a que pertenciam, pois achava que através da árvore ele conheceria os frutos. Ele estava sempre de olho nos valores morais das pessoas. Para ele a família era fundamental. Dizia sempre

que ao educar uma filha estaria educando uma família, seus próprios descendentes. Assim, não foi à toa que seus filhos e filhas revelaram ótimas qualidades como seres humanos. O denominador comum entre Seu Chico e Dona Dade estava na retidão de caráter e na força de trabalho, os quais foram passados aos filhos.

Os casamentos aconteceram e as famílias que surgiram iniciaram uma nova aventura humana, crescendo e multiplicando-se. São netos, bisnetos e tataranetos do Seu Chico e Dona Dade que carregam no sangue as heranças deixadas por eles. Assim, com o entrelaçamento entre as famílias, os parentes esforçam-se para ajudar-se mutuamente, preservando a tradição familiar e a cooperação mútua e contínua.

Muitas famílias vieram fazer par com os Costa Campos e sem elas o grande clã não existiria. Somaram qualidades, defeitos, trouxeram sangue novo e deram continuidade à família. São loiros, outros morenos, uns altos, outros baixos, alegres, prestativos, reservados... Muitos são de Minas, poucos além das alterosas. No entanto trouxeram para suas famílias costumes, ensinamentos diversos, modos de vida que promoveram o seu crescimento.

São descendentes dos FONSECAS, FERNANDES, GANANS, ALEYS, ROCHAS, CALDAS, GOMES, MIRANDAS, MONFERINOS, outros COSTAS, MENDES, PEREIRAS, MACHADOS, SIQUEIRAS, GUERRAS, SANTOS, GONÇALVES, RIBEIROS, RODRIGUES, CARVALHOS, SILVAS, SOARES, ROSAS, CONSENSAS, MONTEIROS, CORRÊAS, FRAINERS, ZARONIS, DUARTE CAMPOS, FARIAS, ALMEIDAS, CARVALHEIRAS... Estas famílias que se uniram aos Costa Campos estão representando a matéria nova na formação dos novos Costa Campos, os quais estão, no seu dia-a-dia, pondo em prática os ensinamentos que receberam dos Costa Campos e das novas famílias.

Como uma grande família, os Costa Campos compartilham hoje a terra deixada por Seu Chico e Dona Dade. São lotes residenciais que eles dividiram (em vida) entre os filhos. Como homem justo e lúcido, Seu Chico Vicente, em comum acordo com Dona Dade, deixou seus bens já divididos, demonstrando uma

preocupação com o futuro da grande família. Repetiu o ato que seu pai havia feito antes. Agora, cabe a nós, descendentes, a preservação de tudo aquilo que nos deixaram, mantendo os calorosos laços familiares que nos unem.

## CAPÍTULO 6

### A CASA GRANDE

Que bela visão temos da várzea do rio Cambuí! De lá vemos a casa da Chácara São Benedito. Seu Chico e Dona Dade compraram as terras da Chácara do Sr. Joaquim Gomes Franqueira por 18 réis. Foi a portuguesa Dona Rosa Peralta quem emprestou o dinheiro para a compra das terras.

Todo o planejamento e a construção da casa foram de responsabilidade do português Sr. Barbosa, que providenciou tudo, não se esquecendo da beleza e da sua apresentação. No frontispício da casa ele colocou as iniciais de seu proprietário (FTC) e o ano de sua construção (1922) em um livro feito de massa especial.

Casarão antigo que se preze deve ter mais ou menos uma dúzia de janelas! A casa do Sr. Chico Vicente tem quatro janelas frontais e mais cinco laterais, das quais uma foi trocada por "vitraux", pois fica na cozinha. Do lado do alpendre e entrada social da casa existem mais cinco janelas. E aí então ultrapassa as doze janelas. Sua pintura foi feita pelo pintor Chico Lomônaco, que levou seis meses para terminar o serviço. A casa foi toda pintada a óleo, que era a última novidade da época, e a tinta era preparada pelo próprio pintor que utilizava uma máquina especial para temperá-la. A parede tinha um barrado lindo pintado com pequenas flores. Em todas as portas havia um cabideiro de louça.

Nessa casa moravam Seu Chico Vicente, sua amada esposa Dona Dade e seus filhos. Hoje habitam essa casa suas filhas Dindinha, Tereza e Valda, as quais continuam com as tradições iniciadas pelo casal.

Feita com o maior capricho e com a melhor técnica da época, ela resiste de 1922 até hoje. Foram várias as reformas para conservá-la melhor. A última realizada em 1985. Como os filhos respeitavam os gostos dos pais e não queriam magoá-los (a casa necessitava de reparos, principalmente na cozinha e no banheiro), deixaram a reforma para depois. Seria um sofrimento para o casal de velhos ver a modificação daquela cozinha de ladrilhos em xadrez vermelho e branco e daquele fogão de lenha do mesmo material...

Na entrada, a escadaria dava um ar majestoso a casa. Em 1989 a casa sofreu outra reforma, agora na sua parte externa. A escadaria que era em frente a casa foi transferida para o lado e ficou mais bonita e mais fácil de subir, já que tem dois lances. Foi toda murada e foram colocadas grades de proteção sobre os muros baixos. Colocou-se piso de pedra em todo o quintal e jardim. Foi refeito o galinheiro e a edícula com banheiro, cozinha e área de serviço.

Nesta casa tudo respira simplicidade: quando se entra na sala de visitas encontra-se invariavelmente aquele chão de tábuas largas sempre brilhantes. Esta sala, sempre muito arrumada, tinha antigamente sofás de palhinha, que era a última moda. Nos recostos havia capas feitas de pano branco, nos quais estava bordado o monograma de Felicidade e Francisco. Estas capas eram sempre engomadas pela filha Durvalina, que trazia tudo brilhando de tão limpo! Nos cantos da sala havia duas cantoneiras com dois vasos cobertos de conchas marinhas, lembrança de uma viagem feita pelo casal ao Rio de Janeiro. Folhagens não faltavam. Hoje os móveis mudaram, mas a organização é a mesma. Em uma de suas paredes vemos uma fotografia do casal Chico Vicente e Sá Dade quando ainda moços. Os dois muito bonitos. Acompanha os dois a fotografia do Vovô Vicente (pai de Chico Vicente) com suas barbas longas e um olhar sério.

Dessa sala de visitas passamos ou para um quarto à esquerda ou prosseguimos para a sala de jantar, onde vemos a mesa, a cristaleira cheia de lindas louças e um móvel onde são guardados utensílios de jantar. Na parede maior está o

relógio, relíquia da Fazenda Santa Bárbara, que toca de hora em hora, não nos deixando esquecer das horas. O acesso aos outros quartos, como também à cozinha, está nessa sala. Portanto, atualmente a casa tem duas salas, quatro quartos grandes, uma cozinha grande, um banheiro, alpendre, jardins, edícula reservada para os trabalhos mais ligados à cozinha, galinheiros etc. Na sua horta não falta a couve para o almoço nem a abóbora para o doce. No galinheiro sempre temos ovos e frangos para a despesa. O pomar fornece frutas como pêssegos, peras, laranjas, ameixas, figos etc. Na entrada da casa encontramos os majestosos pés de hortênsias que colorem e dão um ar de cartão postal à Casa Grande.

A Casa Grande, também chamada Casa da Vovó ou Casa da Chácara, já sofreu várias reformas. Originalmente na sala de visitas havia uma porta que dava para o escritório do Seu Chico Vicente. Lá existia uma escrivaninha bem grande, sobre a qual ficavam papéis e do lado o telefone, cujo número era 25. Essa escrivaninha tinha a parte de escrever inclinada para facilitar o trabalho do escrevente.

Na época da construção da Casa Grande existiam pouquíssimos telefones na cidade. O posto telefônico da cidade pertencia a Dona Antonieta, e estava situado no local da atual casa da Tia Lavínia (era de propriedade de D. Rosa Peralta). Tia Ormindá foi telefonista desse posto.

Voltando à Casa Grande, o quarto do lado do escritório pertencia aos Tios Oswaldo e Vivaldi. A porta de um outro quarto dava para a sala de visitas. Era o do Tio Dito. Esse quarto é onde atualmente está instalada a sala de televisão (antes eram dois quartos). Como esse quarto era grande, a metade era o quarto do Tio Dito e a outra era o quarto de hóspedes, cuja porta dava para a sala de jantar. Essa sala dava acesso também ao quarto do casal, que, por sua vez, dava acesso ao quarto das filhas que dormiam todas numa cama de casal, pois não queriam dormir em camas separadas de medo. Da sala de jantar pode-se passar para a cozinha.

Ah! Casa Grande... Se você falasse! quantas histórias passaram por você, quantas vidas foram iniciadas ali, já que alguns netos do casal nasceram lá. Todos os descendentes da grande família Costa Campos recordam o casarão da Chácara São Benedito com um certo orgulho, prazer e emoção. Lá acontecia de tudo, festas, bailes, missas, jantares, saraus, nascimentos etc. Os filhos e os netos iam pelo menos uma vez por semana (e continuam ainda hoje este ritual) fazer uma visita para os chefes do grande clã. "\_Bença vó", "-Bença vô", "-Tudo bem tia?" As pessoas invariavelmente se dirigiam para a cozinha grande, que é o local onde o mineiro gosta de receber. Lá, ajuntando-se perto do grande fogão de lenha, enquanto as mulheres lidavam na cozinha, iniciavam a conversa, contavam suas vidas, extravasavam sentimentos.

Seu Chico e Sá Dade eram amigos de todos. Em volta da Casa Grande havia muitas casas pequenas onde moravam várias famílias, inclusive o casal de pretos Sá Generosa e Seu Cândido. Eles moravam próximo ao antigo caminho para a casa da Maria de Lourdes e do Zé Mugango. Estes pretos vinham regularmente à Casa Grande, mas especialmente quando era época da colheita do amendoim, ocasião que ajudavam a Sá Dade a limpar e debulhar amendoim. Eles chegavam à noite para um bom papo e ao mesmo tempo trabalhar debulhando o amendoim. Sá Dade armazenava grandes quantidades de amendoim em balaios de taquara (tuia), que chegavam a guardar 600k. Este casal de pretos, muito amigos da família Costa Campos, era tratado com certo receio pelo pessoal da cidade, que achava serem eles feiticeiros. Na verdade nada tinham disto, eram amigos e gente boa. Tudo não passava de preconceitos da gente da cidade. Quando tiveram de mudar dessa casa, voltavam sempre para visitar o casal Chico Vicente e Sá Dade. No mesmo caminho onde morava o casal de pretos havia outro casal de amigos, Seu Antonio Borges e a Sá Cota. Ela, boa cozinheira, preparava um macarrão com batata e costelas de porco que cheirava de longe... Como era bom aquele prato que ela servia com o maior gosto e com a maior simplicidade para quem estivesse em sua casa.

Na Casa Grande a taipa do fogão de ladrilhos xadrês, com alguns banquinhos, acolheu e acolhe meninos de 10 a 80, ou até quando conseguirem empoleirar-se nele. Nos dias frios, tão comuns nas paragens de Maria da Fé, não há outro remédio senão aproximar-se daquele fogão tão familiar. Enquanto a lenha queima, soltando línguas de fogo, as pessoas aquecem seus corações falando e ouvindo, dando e recebendo carinho.

As pessoas se dirigem à Casa Grande a qualquer hora, como a Tia Orminda que numa manhã muito fria chegou ao casarão toda encapotada para a costumeira visita matinal e disse:

"\_ Esta noite fez muito frio, Dindinha! Acho que agora não dá para ir até à horta ver o que sobrou. Mais tarde chego até lá..."

A Tia Orminda, preocupada com as plantações, acalma a Dindinha que, com o seu exagero, acha que a geada "torrou" tudo. Nessas manhãs frias as plantas ficam queimadas pela geada que queima desde a alface até as bananeiras.

Nesta casa respira-se saudade por todos os lados. Não uma saudade tristonha, mas aquela saudade gostosa que todo mundo curte. Desde o cheiro da fumaça se espalhando pelo ar frio do grande terreiro, até o cheiro do café passadinho na hora que nos faz recordar a Vovó Dade moendo os grãos para passar um café novinho.

Na sala de jantar, como já foi mencionado, há um relógio suíço, relíquia de família e herança da Fazenda Santa Bárbara. Ele bate as horas nesta casa desde a sua fundação. Antes da Tia Valda, foi responsável pelo acerto das horas o estimado Tio Dito. Certa vez, este relógio, necessitando de reparos foi enviado a um restaurador. Este transformou sua madeira escura em clara. Ficou tão diferente que a Dindinha foi logo dizendo: "\_ Parece até mulher regateira!"

Este relógio contaria, se pudesse, que o Tio Dito, muito companheiro de suas irmãs, compactuava com elas das brincadeiras quando queriam ir a alguma

festa ou baile. O Seu Chico Vicente, muito exigente, passava ordem severa para que todos voltassem cedo da festa. Deixava as filhas participarem do baile se a Dona Dade as acompanhasse e se chegassem cedo. Como elas queriam ficar até mais tarde, o Tio Dito era solicitado a atrasar o relógio para que Seu Chico não percebesse o horário tardio... E assim era feito!

O relógio da sala bate e nós acordamos dos nossos devaneios e voltamos ao presente. Ouvimos as vozes das tias na cozinha fazendo coisas gostosas, rindo e contando casos. A Dindinha xingando o frio: " \_ Deus me livre, que frio medonho! "A Tia Valda mais séria responde: " \_ Que isto, Dindinha, já tivemos frio pior que este... "E a Tetê arremata: " \_ A Dindinha como sempre exagerada!"

Realmente o frio aqui não é para ninguém botar defeito. Quando se aproxima a tardinha, o melhor a fazer é agasalhar-se, colocar no fogão toda a lenha disponível, sabugos e gravetos para começar a esquentar o ambiente. Principalmente na Chácara São Benedito, que está muito próxima da mata e não recebe mais sol depois das três da tarde. A casa é grande e tem o pé direito muito alto, o que dificulta o aquecimento do ambiente. Mas a cidade toda sente o frio. Todos procuram se aquecer a seu modo. Depois, haja cobertores de lã, meias, xales, aquecedores de todos os tipos, fogões e lareiras, chocolate quente, café e mesmo uma boa pinguinha, que é o cobertor do pobre. À noite o frio é mesmo de bater o queixo e o termômetro desce sem dó nem piedade...

Ruas desertas, pessoas se aconchegando... Quando muito vemos alguns corajosos conversando nas esquinas, com as mãos nos bolsos, soltando fumacinha pela boca. No outro dia a geada aparece mesmo, branquinha como açúcar cristal. Bonita, mas racha os beijos, trinca os calcanhares e queima as plantações. Mas que é bonita ninguém discute! Lá da chácara vemos a várzea e os telhados das casas brancos de geada... A ponte sobre o rio Cambuí fica totalmente branca, como se tivesse sido salpicada com açúcar cristal.

Na Casa Grande a vida começa cedo, mesmo depois de uma grande geada. Todas as camas amanhecem grossas de cobertores de lã...

## 6.1 - AS BRINCADEIRAS

Tirando a friagem de lado, própria do tempo das geadas, a Casa da Vovó continua tendo muito calor humano; lá sempre encontramos alguém para nos ouvir... Ela sempre foi local de reuniões, festas etc. Quando os Seu Chico tinha os filhos em idade escolar, eles traziam para a chácara seus amigos para as mais diversas brincadeiras, como por exemplo barra manteiga, pastelão pra começar, bete, boca de forno, ou apostar corrida, jogar futebol (meninos e meninas), brincar de pique, ou ainda de teatro. A brincadeira preferida era brincar de roda. E a fantasia estava presente no dia a dia daquelas crianças.

O porão da Casa Grande foi local de brincadeiras diversas, inclusive as de teatro. Os participantes levavam tudo muito a sério. Armava-se um palco no fundo do grande salão do porão (usando colchas, lençóis, madeiras etc.), e lá eram feitas as suas representações teatrais. O grupo se reunia com frequência para os ensaios a fim de que tudo sáisse a contento. Certa vez houve uma representação, cujo ingresso foi cobrado e o dinheiro arrecadado, destinado à construção da igreja. Devido ao sucesso dessa peça, ela foi repetida no Cine Pátria (que pertencia ao Sr. Joaquim Gomes) para um número maior de pessoas. Esse espetáculo rendeu muito dinheiro para a igreja nova. Foi nessa representação que o Tio Dito contracenou com a Filhinha do Tio Zeca Batista, onde ele, como engraxate declamava:

Oh que pernas, que perninhas,  
que pernaço, que pernãõ,

Minha boa freguezinha,  
que nunca acaba ou não (sic)

E os artistas mirins? Quem eram eles? Dentre eles temos Áurea Batista Campos (Filhinha) e Benedita Batista Campos (Didi), filhas do primo da Dona Dade, Pedro Batista Campos, filho do Tio Zeca Batista, cujo nome verdadeiro é José Batista Campos (atualmente residem em Caçapava-SP). Participavam todos os filhos do Seu Chico Vicente e a Ilda do Seu Tarquínio, a Dita da Sá Francelina, o Jorge Franqueira, a Juju Franqueira etc. Nesta primeira apresentação do teatro no porão da Casa Grande participou também um adulto, o Sr. José Carvalho, que recitou a poesia "O Melro". Seu sucesso foi grande como artista, apesar de ter batido com a cabeça no forro do palco. O Sr. José era alto e o palco era baixo, pois foi planejado e construído pelas crianças. No entanto, não se intimidou e terminou de recitar a sua poesia, apesar da linda cabeçada. Essas representações teatrais chamavam para a chácara grupos de crianças e jovens da cidade, e muitos namoricos começaram por lá...

O terreno em frente à Casa Grande era o local para outras brincadeiras que iam até tarde da noite na maior animação. Só paravam quando a Dona Dade chamava o pessoal. A chácara era grande e tinha lugar para todos os tipos de brincadeiras. Havia uma casa de agregado, próxima da atual horta, na divisa da propriedade do Sr. José do Naro, que estava desabitada e, portanto, servia de local para brincadeiras. Lá a Tia Almerinda e a Tetê fizeram muitos "cozinhadinhos" em companhia de outras crianças, algumas famosas e importantes hoje, como é o caso do Bispo Dom Marcos Barbosa, do Dr. José Barbosa (médico em cujas mãos eu nasci) e do Dr. Bigodinho (dentista em São José dos Campos) que vinham brincar com as meninas da chácara. Após a refeição eles se dirigiam para a Casa Grande onde a Sá Dade tocava a sua sanfona de botões miúdos dos dois lados (oito baixos). Tocava repicado para as crianças dançarem. Assim passavam parte do domingo...

As escadarias da entrada principal da casa da chácara era local para, no mês de maio, brincarem de "coroação". As crianças se reuniam, vestiam-se de anjo e providenciavam o ritual da coroação como era feito na igreja, entoando hinos próprios, como "minha mãe, eu quisera". A diferença era que a "coroação" da Casa Grande não era feita com uma imagem de Nossa Senhora, mas coroavam uma das crianças que representava Nossa Senhora, com todo o direito de sua inocência.

## **6.2 - OS ARREDORES DA CHÁCARA SÃO BENEDITO**

A Chácara São Benedito fica num local bonito, no alto do morro, tendo ao seu lado pomares, hortas, jardins, nos fundos uma mata natural que recobre um morro alto e na frente a entrada da casa com as famosas hortências azuis. Em frente está o rio Cambuí e logo adiante o loteamento com casas novas, terreno que pertencia ao Seu Chico e Dona Dade, hoje a seus filhos. Antes da construção de casas, este local era pasto para os animais tanto da chácara como dos amigos. O Seu Chico Vicente não recusava o pasto da chácara para nenhum amigo, nem mesmo para os ciganos, tropeiros e viajantes descansarem seus animais. Da chácara tem-se uma bonita e completa visão da cidade se espalhando pelo vale e pela montanha do lado oposto. Vê-se a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, imponente no alto do morro, bem em frente à chácara, protegendo a cidade.

Quanto aos animais da chácara, não podemos nos esquecer do famoso cavalo "Camurça" que um dia, assustando-se com uns urubus que levantaram vôo repentinamente na sua frente, derrubou a menina Durvalina no chão. Ela devia comprar alguma coisa na cidade para a Dona Dade e resolveu ir a cavalo. Mal montou o Camurça e já caiu na primeira volta do caminho. Havia também a vaca "Maracangalha", a "Maravilha" (pintada de marrom avermelhado), a "Mansinha"

(cinza) e a "Figueira" (grandalhona e também pintada), que era a mais brava de todas. O Seu Chico chamava sua filha Durvalina de Figueira, pois era tão brava quanto a famosa vaca. Elas forneciam leite para família, para vender e para visitantes amigos que passavam temporadas em Maria da Fé. O Dr. Plínio Salgado, famoso político brasileiro, tomou leite de vaca e de cabra em Maria da Fé para se recuperar fisicamente.

Havia também o famoso e temperamental "carneirão", que estava sempre correndo atrás de alguém. Era muito bravo e morreu de tanto bater a cabeça num touro, como que querendo medir forças com ele. Esse carneirão está nas lembranças de muitos dos membros da família Costa Campos como exemplo de "valentia inútil". Apareceu até em fotografia.

Dona Dade adquiriu alguns carneiros para fazer uma experiência de criação na chácara. Os carneiros forneciam lã, mas a criação não progrediu por causa dos cachorros das casas vizinhas à chácara que os atacavam à noite, matando-os. Estes animais não berravam e, portanto, não davam alarme algum, morrendo quietinhos. Dona Dade, desgostosa com estes acontecimentos, acabou com a criação. No entanto, os descendentes mais velhos da grande família se recordam da Dona Dade tosqueando os carneiros, lavando as lãs, secando-as, e à noite, junto com a família na cozinha, limpando e cardando montes e montes de lã. As lãs ficavam fofas e claras e depois eram enviadas para o bairro da "Ilha", onde os artesãos transformavam-nas em fios. Estes fios eram mandados para São José do Alegre onde era tradição tecer cobertores de lã pura. Eram cobertores simples, mas à altura do frio de Maria da Fé. Parte desta lã ficava em Maria da Fé e era costume fazer edredons com estas lãs. Usavam-se tecidos dos mais variados padrões (floridos ou lisos) para a confecção de edredons cheios de desenhos e de "calor". No tempo do frio estes cobertores eram usados todos os dias e aqueciam de verdade...

Dona Dade gostava de animais e sabia tirar deles um certo lucro. Ela era uma pessoa com tino para negócios e, muito correta em suas contas, procurava

arranjar sempre um trabalho que garantisse a ela e a seus filhos um certo progresso. Dona Dade e Seu Chico fizeram grandes negócios com a criação de porcos, e o chiqueiro chegava a abrigar e engordar mais de cem porcos de uma só vez. A porcada era criada com farelo de milho, soro de leite, abóbora cozida, arroz quebrado, inhame etc. Os porcos, depois de criados, eram vendidos, e o lucro obtido com eles pôde saldar muitas dívidas da família. Eles eram vendidos aos lotes para a cidade de Cruzeiro, no Estado de São Paulo, para a qual seguiam pela via férrea. Outros eram comercializados na redondeza mesmo.

Era costume da família, como dos mineiros de um modo geral, comer mais carne de porco do que de vaca. Quinzenalmente era abatido um porco para as despesas da família. A Dona Dade era uma especialista em cortar e separar as partes do porco. Passou esses ensinamentos aos seus filhos e filhas. O porco era abatido e logo dividido em partes. A parte do toicinho era logo cortada em pedacinhos que seriam fritos para se conseguir a gordura. Quando queriam um torresmo especial, separava-se um bom pedaço de toicinho que era colocado no fumeiro e depois frito no momento oportuno. Deste torresmo a Dona Dade fazia uma paçoca com farinha de milho que ficava uma delícia! As carnes eram divididas em pedaços nobres, como o lombo e os pernis, e os outros eram moídos para fazer a saborosa lingüiça. Os miúdos eram também preparados para, por exemplo, serem saboreados refogados com todo o tempero, acompanhados de angu, couve, arroz e feijão. As carnes nobres eram temperadas e depois feitas em panelões e depois conservadas na gordura. Essas carnes eram consumidas pela família toda, pois Dona Dade quando abatia um porco mandava sempre um pedacinho para cada filho.

O consumo da carne de porco era alternado com a de galinha. A chácara sempre teve criação de galinhas para a produção de ovos e carne. As galinhas eram tratadas com farelo da Fecularia da Dona Dade, verduras da horta e com o pasto farto. Os franguinhos refogados, fritos ou assados eram feitos pela Dona Dade ou

suas filhas, principalmente a Dindinha, com a melhor técnica. Quem já provou deles sabe a diferença...

### **6.3 - AS FESTAS DA CHÁCARA SÃO BENEDITO**

Nos aniversários do Seu Chico Vicente, Dona Dade ou dos filhos sempre havia festa. Os amigos pediam e seu Chico providenciava! Era contratado o sanfoneiro, preparados os comes e bebes, arrumada a sala ou o terreiro para o baile, e a festa começava. Dançava-se à noite toda ao som da sanfona ou do "jazz band".

Quando as filhas se casavam, o Seu Chico preparava aquela festa para os parentes e amigos. Contratava-se doceira de Pedralva para fazer os doces, sequilhos, broas, roscas etc. e a Sá Vinina para fazer outros quitutes e o famoso bolo da noiva. A Tia Almerinda, como sempre muito jeitosa para os pratos mais finos, ia "dar uma mãozinha" para a Sá Vinina na hora de confeitar o bolo. Tudo para o maior brilhantismo da festa.

Tudo preparado para a festa, os noivos se dirigiam a pé para a igreja, seguidos pelo cortejo da família e amigos. Quando voltavam, a casa se enchia de amigos e começava a festa. Havia muita comida, música e divertimentos. Era costume servir chá com sequilhos, broas, bolachas e doces para os convidados. Arrumava-se uma mesa grande, no quarto de visitas e na sala de jantar, onde os convidados eram servidos fartamente por turmas. Quando algumas pessoas já tinham sido servidas, outras sentavam-se à mesa para nova rodada de guloseimas. Isto era feito até acabar a festa.

A primeira grande festa realizada na chácara foi em homenagem a São Benedito, santo da devoção do Seu Chico, e aconteceu em maio de 1928. A festa

teve muita música, com a presença da Banda de Meninos da vizinha cidade de Silvestre Ferraz (hoje Carmo de Minas). O Seu Chico Vicente, preocupado com a alegria de todos, não se esqueceu dos humildes e providenciou o "tambu" para os negros. Ele gostava muito do ritmo contagiante dos tambores e dizia que tinha sangue de negros, daqueles que vieram "da costa" africana. Seu gosto pela música e festas era grande e eu me recordo dele sentado em sua cadeira de rodas balançando os braços e imitando o som dos tambores "tam...tam...tam...tam...". Não era nascida ainda, mas segundo informações, na noite desta primeira festa, o Mané Teto dançou a noite inteira ao som do "tambu".

O altar para a missa foi montado no alpendre. Naquela época a frente da casa era voltada para o lado, para a atual horta, pois a ponte era em outro local. Na frente da casa a banda ressoou o tempo todo. O terreiro para as danças foi onde é atualmente a frente da casa. Lá o "tambu" ressoou várias noites. Os filhos menores do Seu Chico e Dona Dade assistiram a festa agarrados na saia da Dindinha, que já era a segunda mãe de todos.

As Festas de Agosto, famosas em Maria da Fé, são realizadas até hoje em benefício dos pobres da cidade. Por essa razão todos trabalham com gosto para o seu bom resultado. Participei de algumas destas festas quando morava em Maria da Fé e mesmo depois, quando já estava em Caçapava, fazia o possível para estar lá nesses dias. Essas festas eram realmente grandes e movimentavam muita gente, desde o padre, os festeiros, as rainhas, as doceiras, as floristas, os leiloeiros, os fogueteiros, os músicos e todos os que gostavam de colaborar e assisti-la. Meses antes, todos da família dos festeiros se movimentavam para angariar dinheiro e prendas (galinhas, porcos, vacas etc.) para a grande festa. Contratavam músicos, arrumavam cozinheiras (que vinham até de cidades vizinhas), carpinteiros para fazer as barraquinhas. Começavam as idas e vindas nas roças e nas casas para angariar prendas. Eram quinze dias de festas com barraquinhas, bingo, missas, ladainhas, rezas às seis horas, leilões, comes e bebes, bandas de música, artistas, violeiros, cantores, e o povo participando. Estes vinham das roças, com frio e tudo,

para participar das festas com gosto. Após a missa das dez horas e após a reza das seis da tarde o leiloeiro já se preparava. Tinha muita coisa para leiloar: macarronada, tutu de feijão, leitoa assada, frango assado, bebidas e os famosos "cartuchos da Dona Candinha". Não havia criança que não sonhasse ganhar um daqueles. Dentro deles havia os doces mais gostosos feitos pelas doceiras famosas da cidade (a mais famosa era a Sá Vinina). Eles eram lindos! Feitos com um cone de papel recoberto com crepom das mais diversas cores, enfeitados com flores feitas também de papel crepom pelas mãos de fada da Dona Candinha! E lá saía uma menina com um cartucho de doces arrematado pelo seu querido pai. Saía também alguém com um assado delicioso acompanhado de um tutu à mineira para o almoço do domingo. Todos compravam sem medo, pois os pratos eram feitos sob a supervisão das cozinheiras mais famosas.

A primeira Festa de Agosto de Maria da Fé foi realizada pelo Sr. Chico Vicente e o Sr. Antonio Peralta, português comerciante em Maria da Fé. Contaram também com a marcante colaboração da filha mais velha do Sr. Chico Vicente, a Dindinha. Como podemos imaginar, a casa dos Costa Campos virou um reboliço. Todos trabalhavam, além dos festeiros. Todos tinham a obrigação de ajudar em alguma coisa. Pediam prendas aos amigos. Tudo era aceitável: galinhas, porcos, gado, dinheiro e outras prendas mais. Os festeiros iam para as roças buscá-las, e as prendas eram muitas. Como eram quinze dias de festas, o trabalho era grande para preparar os comes e bebes tradicionais na cidade. Portanto, nos dias de festa, quando se chegava na casa dos Costa Campos encontravam-se mulheres trabalhando, indo e vindo da casa dos fundos para a casa grande, de lá para cá o dia inteiro assando e cozinhando em panelas que resmungavam sobre o imenso fogão a lenha. Que coisa boa era ver aquela "colméia" trabalhando, depenando galinha, lavando, temperando, socando alho no pilão grande e temperando tabuleiros e mais tabuleiros de frangos e leitoas para as festas. Tudo era feito sob a supervisão da Dona Dade, e dela nada escapava. Todos compravam seus assados com gosto, pois sabiam que ela era muito boa nessa especialidade.

Além dessa primeira festa, os Costa Campos participaram de muitas outras. Todos os filhos do Chico Vicente foram festeiros e todos conseguiram bom dinheiro para ajudar os pobres. No final das festas era um orgulho dizer o total arrecadado, como também era motivo de alegria para os festeiros saber se o povo gostou das festanças. Havia concurso de rainhas, shows de artistas famosos e apresentações de gente da casa. Este foi o caso da neta (meio filha, pois foi criada na Casa Grande até os 18 anos) Maria José, mais conhecida por Lilia. Como era festeira e herdou esse dom do seu avô Chico Vicente, minha irmã Lilia participava com gosto das festas. Ia para as roças angariar prendas e estava sempre pronta para ajudar em qualquer coisa.

Houve uma Festa de Agosto, na qual ela participou como atriz, declamando uma poesia. Devia ter uns 15 anos mais ou menos e sua apresentação foi um sucesso. Como o tema da poesia era "o medo que uma solteirona tinha de não se casar", Lilia se vestiu de solteirona, com um conjunto muito sóbrio de cor escura, prendeu os cabelos para trás (gastou uma caixa de grampos), colocou meias grossas e escuras, sapatos ultra-fechados, óculos escuros, bolsa de couro de crocodilo, pintou alguns dentes da frente para simular umas falhas e lá foi, numa noite de muito público, recitar a tal poesia. Na cidade o microfone havia anunciado o dia todo que à noite haveria uma surpresa na praça da estação, onde estava instalada a barraca maior. Seu sucesso foi tanto que pediram bis, mas ninguém reconheceu a artista de tão feia que ficou! Lá pela meia noite ela se vestiu de princesa e foi dançar no clube da cidade...

Todos os anos o Seu Chico se preparava para as festas de junho. Mandava instalar os mastros com as figuras de Santo Antônio, São João e São Pedro. O sanfoneiro era requisitado, os doces e salgados eram preparados e os amigos convidados. A fogueira não podia faltar para aquecer o povo, como também o quentão. Dançavam quadrilha e o arrasta-pé ia até amanhecer o dia.

#### **6.4 - A CASA QUE SERVIU DE MORADIA A MUITA GENTE**

A Casa Grande da chácara sempre foi muito hospitaleira e recebia com frequência muita gente para uma conversa amiga, como também os filhos e outros parentes para uma temporada maior. Muitos dos filhos do Seu Chico e Dona Dade moraram com ele na Casa Grande, que sempre tinha um lugar para mais alguém. Eram empregados que gostavam tanto da hospedagem que resolviam morar de vez com os Costa Campos, ou uma cunhada que vinha da roça para passar uns tempos, uma afilhada, um sobrinho etc. Seu Chico e Dona Dade criaram a menina Margarida, pretinha muito bonita, irmã da Maria Antonia, criada pela Tia Ormindá. Ela foi criada na Casa Grande até os 18 anos.

Os filhos do Seu Chico e Dona Dade que nasceram na Chácara São Benedito foram: Valda Costa Campos e João Costa Campos, assim como os netos: Maria Aparecida da Silva (Nenzinha), Maria José da Silva (Lilia -. criada pelos avós até 18 anos), Francisco da Silva (filho da Dorva), José Carlos e José Tadeu (filhos gêmeos da Dorva), José Raimundo da Silva, Mari-Léa Zaroni D. Campos, Maria do Carmo Silva Soares, José Maurício Zaroni, Luiz Augusto Zaroni, José Carlos Pereira Costa, Maria Lúcia Pereira Costa, Francisco Pereira da Costa. Destes netos, os três últimos viveram muitos anos junto com o pessoal da Casa Grande e seus pais Nilza e João.

Além disso, moraram na Chácara São Benedito os seguintes filhos e genros do Seu Chico e Dona Dade: Lavínia e Joaquim; Almerinda, Waldemar e filhos; Ormindá, José e filhos; João, Nilza e filhos; Dorva, Zezinho e filhos. Dorva, além de morar na Casa Grande, morou também no paiol próximo à chácara, o qual foi reformado especialmente para ela e a família. Residiu ainda em uma das casas de aluguel situadas perto da chácara. A última casa do conjunto dessas residências foi reformada para ela, que ficou ali muitos anos antes de se mudar para a cidade.

Ali nasceram seus filhos gêmeos. Todos são unânimes em afirmar que a Dorva mesmo morando num "paiol" deixava a casa "no capricho" e muito aconchegante. A limpeza e a ordem estavam sempre presentes!

## **6.5 - HOMENAGENS À CASA GRANDE**

Esta casa é amada por todos da família Costa Campos, como também por outras pessoas que lá trabalharam, como é o caso do Sr. Joaquim Carlos Martins e seu filho Francisco de Assis Martins. Os dois trabalharam na chácara e o garoto fazia pequenos serviços, tais como aguar plantas, tratar das galinhas, armazenar lenha seca, etc. Este garoto, poeta de nascimento, quase sem cultura nenhuma, faz poesia e canta junto com seu pai, lavrador simples, que também é músico. Estes dois roceiros, por gostarem da chácara e de seus proprietários, fizeram uma homenagem à Casa Grande da Chácara. O pai toca o violão e o filho canta:

### **Minha Chácara Encantada**

Minha chácara encantada, lá na Minha chácara encantada, lá na beira da cidade,  
Onde viveram meus pais e minha mãe Felicidade,  
Meu pai Chico Vicente, família de boa gente,  
Deles eu sinto saudade.

Tem um quintal bem formado,  
Com plantas que parecem jardins na primavera.

Suas flores resplandecem por entre as lindas florestas,  
Os passarinhos cantam em festa,  
Enquanto o dia amanhece.

O coração da natureza bate no seio da terra quando chega a tardezinha,  
Na hora em que o dia encerra.  
Às vezes fico na janela, lembrando as horas delas,  
Olhando os campos e a serra.

Olhando lá para a cidade, vejo tudo diferente,  
Nada mais é parecido como era antigamente,  
Construções prá todo lado,  
Lembrando o passado, dói no coração da gente!

A Casa Grande foi também homenageada por mais duas outras pessoas. A primeira, uma pintora que estava visitando Maria da Fé. Ficou tão encantada com a Casa Grande que pediu licença para pintá-la. Todos os dias levava suas tintas e apetrechos para lá e começava o seu trabalho. Quando terminou, a família comprou sua obra de arte, que hoje está com a neta do Seu Chico Vicente, Regina Maura Mota Pereira.

Em 1989, a pintora mariense, Niquinha (Ana Goulart Ferraz Corrêa), neta do Coronel Silvestre Ferraz, fez uma pintura da Casa Grande para o neto do Seu Chico, João Ribeiro da Silva. Esta pintura, feita em cerâmica, ilustra a capa deste livro.

Realmente a Casa Grande recebeu várias homenagens, não só essas obras de arte, mas continua recebendo as visitas dos amigos do casal Costa Campos, as quais são consideradas homenagens pelos seus descendentes acostumados a receber amigos.

## 6.6 - OS QUE TRABALHARAM NA CASA GRANDE

Desde que se uniram em casamento em 1905, Seu Chico e Dona Dade trabalharam com a ajuda de muita gente. No início, lá na Fazenda Santa Bárbara, o Seu Chico tinha ajuda para plantar, cuidar dos animais e para trabalhar no engenho. Com o passar do tempo, Seu Chico e Dona Dade foram colocando os filhos para ajudar. No entanto, foram muitos os Josés e as Marias que trabalharam e colaboraram para a construção do patrimônio que hoje a família possui.

Na Fazenda Santa Bárbara tinha o mulato Quintilhano que estava lá rezando e dando uma mãozinha nos trabalhos da fazenda. Nos dias em que o serviço aumentava, tanto os homens quanto as mulheres trabalhavam duro. As mulheres se empenhavam em fazer pão, sabão, doces, costuravam, lavavam, passavam, cozinhavam e ajudavam no trabalho do engenho. A Vovó Dade, muito nova, iniciou a vida de casada com muito trabalho, cozinhando para os empregados, trabalhando no engenho, mas sempre com a ajuda de homens e mulheres dedicados. Foram empregados, amigos, companheiros de luta.

A Vovó Dade ficava grande parte de seu dia no engenho e quando voltava para a casa aproveitava as águas que eram abundantes na fazenda para lavar as crianças em alguma bica d'água. Elas ficavam "meladas" de tanto caldo de rapadura.

Quando a família se mudou para Maria da Fé o casal também teve muita ajuda de gente boa e amiga. Foram mulheres que trabalhavam na Casa Grande ajudando nas tarefas caseiras e também fora da casa na criação de porcos, nas pequenas lavouras (milho, arroz, horta, pomar etc.) e na criação dos animais (porcos, carneiros, cabritos, vacas, galinhas, etc.). Foram tantos como o Seu Zé Firino e outros Josés. Na Casa Grande trabalhavam Marias como a Sá Maria do Pé Grande (morava fora da cidade, na Ilha) que vinha nos finais de semana ajudar no trabalho da casa; a Marica que vinha do Pedrão para trabalhar de vez em quando; a

Maria do Quintilhano, preta, magrinha, que morava nos Canudos e trabalhava na horta; tinha a Crioulinha que cozinhava. Todos eram tratados como amigos, pessoas da casa. Recebiam dinheiro pelo trabalho e a amizade durava anos.

Mais tarde vieram outras mulheres e homens que contribuíram em muito com toda a família, e sem a ajuda deles tudo teria sido mais difícil para o casal. Mais recentemente (1950 mais ou menos) eu me recordo da Inácia, da Terezinha e da Glória, três irmãs que trabalhavam duro junto com a vovó Dade e o Tio Dito na Fecularia São Benedito. Elas torravam farinha o dia todo perto daquelas fornalhas imensas, mas faziam tudo com o maior carinho. Torravam farinha e a secavam em um local apropriado no final do forno, técnica esta aprendida com um amigo do Tio Joaquim que residia na cidade de São José do Alegre.

Até hoje a Dindinha se preocupa com a alimentação dos pedreiros, dos roçadores de pasto, do menino que cuida das galinhas e do quintal.

Foram muitas as pessoas que ajudaram, trabalharam e cooperaram no dia-a-dia dos Costa Campos. Como não temos condições de homenagear cada um nominalmente, queremos agradecer a todos, deixando aqui nosso reconhecimento pelo trabalho que realizaram, que foi de grande importância para a construção do patrimônio da família, como ainda para a formação dos filhos do casal. Lembramos ainda do português que construiu a casa, do Seu Joaquim Carlos e seu filho Francisco, trabalhadores e poetas, do Sr. Barbosa, do pintor Chico Lomônaco, dos que ajudaram na casa, até o pedreiro de hoje, Seu Zé, seus ajudantes e do Seu Zé Galinha que hoje cuida da horta.

A família Costa Campos agradece a todos.

## CAPÍTULO 7

### O VOVOZINHO

Aquele caminhãozinho, que mais parecia um rapaz magricela e fraco, ajudou em muito o trabalho que os Costa Campos desenvolviam. Carregava de tudo, mercadorias para a feccularia, milho, farinha, lenha; arroz para a máquina de arroz; porcos; tijolos; mudanças. Naquela época automóvel era difícil e as pessoas andavam de trem, ônibus, carro e o vovozinho, como era chamado, também servia para transportar pessoas. Tínhamos a impressão que ele era "amoroso" com as cargas e sob o comando do seu primeiro chofer, Benedito Costa Campos (Tio Dito), vencía as distâncias e cumpria a sua obrigação.

A Sá Dade, com o seu conhecimento comercial, não hesitou em aconselhar e encorajar seu filho Dito a comprar o caminhãozinho. O negócio foi realizado e fechado pelo Seu Chico Vicente que veio orgulhoso com a sua aquisição. Isto aconteceu em 1939 e o Tio Dito comprou o Chevrolet 1929 do Sr. Adelmo Pereira Guimarães (filho adotivo do Seu Chico Vicente) que residia em Piranguinho. Os documentos foram passados em nome de Benedito Costa Campos. A Sá Dade incentivou o filho a investir no vovozinho porque sabia que haveria retorno. Ele custou três mil e quinhentos contos de réis e foi o primeiro carro da família Costa Campos, como também o primeiro caminhãozinho de Maria da Fé.

Realmente o danado do magricela fazia de tudo e obedecia muito bem aos comandos do seu chofer. Benedito aprendeu a dirigir com o Tio Paes, chofer de táxi em Itajubá e cunhado da Sá Dade, e depois treinou sozinho até conseguir ser o bom chofer que foi. O bondoso e querido Tio Dito não negava carregar nada e ninguém. A Tia Valda contou com muita ênfase que ele levava as irmãs para passear com a

maior boa vontade. Certo dia, levou-as para um baile no Bairro do Balaio, no município de Santa Rita do Sapucaí. Esta festa aconteceu na fazenda dos Teixeira, cuja dona era esposa do primo Geraldo Mota. Dançaram e se divertiram a noite toda, indo pernoitar na casa da Tia Joaquina de Oliveira Costa. A Tia Valda continua com suas lembranças e por causa do caminhãozinho lembrou-se das panelas pequenas da Tia Joaquina. A comida ficava gostosa, preparada com gordura de porco. O leite era igualmente gostoso, fervido em um caldeirão pequeno colocado em banho-maria. O leite ficava doce e cremoso! uma delícia que recorda até hoje. Amanheceu o dia e eles voltaram para Maria da Fé no caminhãozinho, depois de dançarem a noite toda no bairro do Balaio...

O vovozinho estava sempre cheio de serviços para realizar. Às vezes ia buscar arroz em São José do Alegre, ou na Barra Grande, município de Cristina. O arroz era comprado em casca, bruto e era beneficiado e vendido pelo Seu Chico Vicente. Outro serviço mais ou menos rotineiro do vovozinho era ir buscar lenha no Bairro da Pedra Preta. Ele vinha repleto de paus bem agrupados e encadeados e era dirigido com maestria pelo Tio Dito ribanceira abaixo. É que ribanceira. Vencia serras e estradas de todos os tipos, tudo com muita calma, pois o Tio Dito não facilitava...

O Seu Chico Vicente aventurou-se a dirigir o caminhãozinho somente uma vez. Bateu em uma cerca e não quis mais saber. Deixou este trabalho para os filhos. Depois do Tio Dito os outros irmãos aprenderam a dirigir e o número de carros da família foi aumentando. Vieram as jardineiras, os ônibus e os carros.

O vovozinho carregou muita gente e andava de cá para lá pela cidade. Era por demais conhecido de todos. Há mais ou menos 25 anos atrás levou pelas ruas da cidade um "bloco de melindrosas" que desfilava por ocasião do carnaval. Participaram deste bloco a Nenzinha, Regina da Tia Ormindá, Maria da Dorva (Lília), a Lourdes Lara de Caçapava, a Lourdes do Tio Dito, a Adelaide e outras.

Foi uma ocasião festiva que muita gente se lembra com saudades! Fatos marcantes da família com o vovozinho.

O vovozinho era relíquia da família Costa Campos e ninguém pretendia vendê-lo. Ficava estacionado na garagem dos ônibus dos filhos do Seu Chico Vicente e deveria ficar como relíquia guardado nesta garagem. Um dia apareceu uma pessoa que levou o vovozinho. O Tio Dito presenciou a retirada do caminhãozinho da garagem e não interferiu pensando que um dos irmãos havia dado a autorização. Mais tarde, cada um dos irmãos ficou pensando que o outro havia dado ordens para que o tirassem da garagem. No entanto, o vovozinho estava sendo roubado e na frente dos donos. Ninguém mais ouviu falar do caminhãozinho...Talvez tenha ido para algum ferro velho ou para algum colecionador. O Tio Vivaldi acha que talvez o Vovô Chico tenha autorizado alguém levá-lo e ninguém sabia.

## CAPÍTULO 8

### A BANDA

Fundada em primeiro de junho de 1959, no dia do aniversário de Maria da Fé, a Corporação Musical Feminina Santa Cecília estreou em 17 de abril de 1960. Era composta de 27 moças, das quais 14 eram da família Costa Campos. A idéia da formação da banda foi da Nenzinha (Maria Aparecida Silva Machado) que, apoiada por muita gente, conseguiu realizar o seu sonho e de muitas outras moças. A banda feminina foi um sucesso.

Nenzinha aprendera música com o maestro Sr. Tarquínio e algumas noções de clarinete com o Tio Oswaldo. Daí em diante foi autodidata. Com esforço, persistência e amor, sua luta teve prêmios, muitos prêmios, muitas alegrias não só para ela, mas para todas as componentes da banda, e porque não dizer para a própria Maria da Fé.

Nascida a idéia, o passo seguinte foi partir para as aulas de música. Todas as interessadas foram instruídas nas primeiras notas musicais pela Nenzinha, Valda e Nilza, que já conheciam música. As moças eram assíduas às aulas e dentro de pouco tempo estavam prontas para tocar os instrumentos. Foram então realizadas festas e leilões para a compra dos instrumentos. Conseguido o dinheiro, uma comissão foi a Piquete (SP) para comprar os instrumentos. Quando os instrumentos chegaram, Nenzinha não forçou ninguém na escolha deles. Cada uma se interessou por um, e naturalmente dentro de suas possibilidades, pois uma moça pequena e frágil não suportaria o peso do baixo (ou tuba) ou do bumbo .

A banda estava assim composta:

**Almerinda Costa Zaroni** - Primeira presidenta da banda. Sempre apoiando as moças, incentivando-as, acompanhava a turma em suas viagens também uniformizada. A presença dela dava segurança às moças e tranquilidade aos pais. Almerinda estava presente às aulas, aos ensaios, os quais muitas vezes foram realizados em sua casa.

**Nenzinha (Maria Aparecida Silva Machado)** - Idealizadora e maestrina da banda. Figura pequena, mas de um dinamismo que ninguém duvida. Não tinha tempo ruim para a Nenzinha, tudo ia dar certo, como realmente deu. Conseguiu reger a banda com brilhantismo. Levou a Corporação Musical Feminina Santa Cecília a muitas apresentações e recebeu aplausos de pessoas muito importantes. Seu trabalho frutificou e as moças marienses "fechavam o comércio" quando chegavam nas cidades para tocar!

Nos ensaios, Nenzinha batalhava com todos os instrumentos, instruindo as moças e às vezes tocando os instrumentos para esclarecer alguma dúvida. Seu instrumento preferido era a requinta, com o qual se apresentava. Organizava as músicas que iam tocar, fazia os arranjos musicais, os contratos de trabalho, falava com os empresários por telefone, ajudava na idealização e confecção dos uniformes, comandava os ensaios e os espetáculos. Sempre foi uma pessoa obstinada, otimista e conseguiu realizar seus sonhos. Nenzinha até hoje continua inventando coisas interessantes para fazer.

**Valda (Valda Costa Campos)** - Já conhecia música, e por esta razão, foi uma das instrutoras da banda. Foi escolhida para tocar bombardino por ter bastante experiência musical, como este instrumento exige. Tocava acordeom e cantava no coro da igreja (sua voz encantava as pessoas). Valda foi uma presença constante entre as moças e por ter muita segurança em música as ajudou muito em sua

formação. Havia muita união entre as três que começaram a ensinar música: Nenzinha, Valda e Nilza.

**Nilza (Nilza Costa Silva)** - Também conhecia música, pois cantava no coro da igreja e estes conhecimentos se solidificaram com as aulas da Corporação. Tocava clarinete. Nilza, pessoa muito culta, estava sempre ajudando a banda nas decisões das melhores músicas, no treino das outras moças, na escolha dos uniformes etc. Inspirava muita confiança nas outras moças por ser pessoa ponderada.

**Regina (Regina Moura Mota Pereira)** - Foi escolhida para tocar a tuba (o baixo) por sua altura (1,75m). Este instrumento exige altura e força para carregá-lo. Aprendeu música nas aulas dadas pela Corporação. Com sua alegria constante, espalhava bom humor por onde passava. As horas de longos ensaios ficavam mais leves com as brincadeiras da Regina.

**Ana (Ana Felicidade Mota)** - Tocava Trombone, mas seu sonho era tocar pistom. Obstinação, séria, aprendeu e tocou muito bem seu instrumento.

**Dorotéia (Dorotéia Mota Machado)** - Tocava prato, bombo ou caixa-surdo.

**Mari-Léa (Mari-Léa Zaroni Duarte Campos)** - Tocava Trombone. Já tinha conhecimentos musicais aprendidos no Colégio Sagrado Coração. Era animada e tocava não só nas apresentações, mas em outras oportunidades.

**Linda Mara (Linda Mara Costa Monteiro)** - Tocava saxhorn.

**Piedade (Maria Piedade Costa Consensa)** - Inicialmente tocava bugle (instrumento da família dos saxhorns e responsável pela parte de harmonia da banda). Depois passou para o trombone.

**Eliane (Eliane Costa Ribeiro)** - Entrou para a banda mais tarde, fazendo o papel de mascote, carregando a valise e, posteriormente, tocando instrumentos de percussão.

**Maria de Lourdes (Maria de Lourdes Campos Machado) - Tocava clarinete.**

**Rosa Maria (Rosa Maria Campos Gonçalves) - Inicialmente tocava saxhorn e depois tornou-se baixista.**

**Maria Helena (Maria Helena Costa Ribeiro) - Foi a mascote da banda.**

As outras componentes eram todas marienses e aprenderam tudo na corporação:

**Tereza Carvalho Silva - tocava pistom. Hoje faz parte da família, pois casou-se com Nilson Silva.**

**Leca e Nícia Santos também tocavam pistom.**

**Amélia Gonçalves tocava tarol (de som claro e vibrante).**

**Maria de Lourdes tocava prato.**

**Lurdinha Santos tocava saxhorn.**

**Ilza, Eni, Didita, Maria B. Santos e Iva tocavam clarinete.**

**Cida e Amélia tocavam trombone.**

A banda era sempre convidada para tocar em grandes festividades e as cidades que visitava recebia todas as componentes muito bem. Ficavam hospedadas em casas de família e hotéis e recebiam todas as honras da casa. Tocaram praticamente em todo o sul de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro e São Paulo.

## **Apresentações Importantes**

- 1) Festividades em comemoração ao centenário de Dorotéia Maria de Jesus (bisavó de 12 elementos da banda e avó de duas) - Para a família Costa Campos este foi um acontecimento importantíssimo, e a banda não poderia deixar de participar.
- 2) Posse do Governador Magalhães Pinto em Belo Horizonte - MG - Conseguiram fazer uma apresentação especial na residência do então governador, que não estava no protocolo, mas elas tocaram e foram cumprimentadas uma a uma pelo governador.
- 3) Campanha do Sr. Jânio Quadros para Presidente da República - Tocaram em Itajubá, em praça pública, nessa campanha. Foi um sucesso a banda e o comício. Após o comício, a banda dirigiu-se até a casa de um itajubense que recepcionou o Sr. Jânio Quadros que, na ocasião, estava acompanhado do Sr. governador de Minas Magalhães Pinto. Após outra apresentação da banda, os dois vieram ao jardim cumprimentar as moças. Mais uma vitória para as moças marienses.
- 4) Programa Lira do Chopotó - A Rádio Nacional do Rio de Janeiro tinha um programa famoso que apresentava as bandas que o Brasil possuía. Nenzinha procurou os dirigentes e conseguiu se apresentar na Lira do Chopotó com todas as glórias, depois de um teste. Conseguiu até parar o trânsito em frente à Rádio Nacional, tal foi o sucesso das moças.
- 5) TV Excelsior do Rio de Janeiro - Fizeram uma apresentação, e o Brasil todo pôde vê-las. Suaram sob os refletores, algumas passaram mal com o calor, mas o sucesso estava garantido.

A banda tinha três uniformes e todas se apresentavam impecáveis nas suas audiências. Eram jovens e bonitas e chamavam a atenção pela beleza do conjunto.

Antes de viajar era aquela correria lavando, passando os uniformes, arrumando cabelos, unhas e preparando as malas. Os instrumentos deviam estar limpos e reluzentes. Tudo em ordem. Quando chegavam era aquela correria afinando instrumentos, ensaiando mais um pouco, acertando os detalhes e nunca se esquecendo da aparência...

A banda se apresentou até 1972 com aquele refinamento musical e instrumental exigido pela Nenzinha. Daí em diante as apresentações foram ficando mais difíceis, pois muitas moças foram se casando e saindo da corporação. No entanto, a última apresentação aconteceu em agosto de 1980, na maior festa da cidade. Foi dada uma tarefa para a família Costa Campos que seria animar uma noite na cantina. Foi a reunião dos elementos femininos e masculinos das duas bandas. O saldo foi extremamente positivo.

O Seu Chico Vicente e a Sá Dade tinham o maior orgulho da banda e cantavam aos quatro cantos que tinham duas filhas e doze netas tocando na banda.

Nestas alturas ninguém mais duvida do veio artístico e musical que esta família herdou da Madrinha Téia. Isto sem falar dos filhos Oswaldo e Dito que eram músicos e de outros netos que são dados à música.

Um, dois, três e já: Viva a família Costa Campos...

## CAPÍTULO 9

### AS FESTAS DE AGORA

Que esta família é festeira ninguém discute. Sempre que surge uma oportunidade, ajunta-se o "povo" e faz-se uma festa. Elas acontecem em várias ocasiões e primam pela organização e contribuição de todos da família. Cada um a sua maneira.

Um jeito melhor de entender os Costa Campos é observá-los nas festas de família, onde estão à vontade. Você vai detectar logo neles o prazer de uma boa conversa, da qual se pode partir tanto para a cantoria como para um bom jogo de cartas, bingo etc. Para realizar esse prazer, a família tem muitos amigos. Assim, o proseguidor pode ser da família ou um amigo, que logo acaba entrando naquele clima de cordialidade, alegria, amizade, fazendo parte daquele encontro descompromissado, do bom papo e, sem falsa modéstia, acaba sendo encantado pela mágica da tradição da família que é tratar bem seus hóspedes. Eles vão conversando, contando suas histórias de pessoas comuns que fazem coisas extraordinárias (segundo a ótica particular de cada um) e logo seus efeitos correm de boca em boca, a cada conto ganhando mais um ponto. Está pronta a história, o "causo", a alegria entre aqueles que estão papeando.

Montam a festa preparando o local com todo o carinho e naturalmente com muita bagunça. Mesas, toalhas, flores, cadeiras e espaço, música para todos, inclusive para as crianças. Esta festa poderá acontecer em qualquer lugar, desde que caiba todos. Geralmente acontece nas residências, ou em salões como o da Casa da Criança, do Vicentão, do Restaurante Varanda etc. E no dia combinado

vão chegando os Costa Campos para a festa que, invariavelmente, vai ter comes e bebes e muita alegria.

A turma da organização quase sempre é a mesma: Mari-Léa, Nenzinha, os "meninos do Dito" (Lourdes, Nego, Rosinha, Maria Helena), que não podem faltar para as brincadeiras, como também os criativos e espirituosos Olivério, Linda, Piedade, Eliane, Jean. O Olivério é sempre o mestre de cerimônias. Se precisar de voz grossa, é só chamar o Alaor da Rosinha. Para transportar bebidas, mesas, cadeiras e apetrechos de festa, o pessoal do Tio João providencia tudo. Como a família é grande, existe especialista para tudo, até para o tutu de feijão, que é o Maninho da Tia Ormindá. O frango refogado fica por conta da Regina, a carne assada é o ponto forte das Tias Almerinda, Lavínia, Ormindá e Dindinha, e a bacalhoadá é sem dúvidas a especialidade da Sueli do Zé Maurício.

No dia do encontro, você pode avaliar o conteúdo das travessas e panelas através do cheirinho que invade o local. Os cheiros se misturam. Quando postas à mesa, as comidas demonstram que antigas receitas sofisticadas foram estilizadas para algo mais simples; no entanto, com certeza mais gostosas, pois foram aprimoradas. Não faltarão pratos como leitosa assada, frango assado ou refogado com caldinho grosso, lombo de porco e pernil assados, bacalhoadá, peru assado, maionese, macarrão, lasanha, arroz de forno, arroz simples, feijão do caldo grosso e o famoso tutu de feijão gorduroso. Todos eles feitos com temperos testados há muito tempo, os quais garantem o sabor especial da comidinha mineira. A cozinha dos Costa Campos não se dá bem com comidas insossas; eles fizeram uma opção definitiva pela gordura animal, com algumas concessões aos óleos vegetais. No mais, muito tempero e ervas aromáticas como cebolinha verde, salsa, cebola branca, pimenta malagueta, comari, pimenta-do-reino, alho etc. Existem hábitos, como a simplicidade de enfeites dos pratos; enquanto uma certa agressividade é exigida nos temperos de carnes como cabrito, peru, pernil e lombo de porco. Por exemplo, a carne de cabrito ficará quase doce se não tiver a dose certa de tempero. Todos os pratos têm o seu segredinho, que está no momento de temperar, de

cozinhar, na escolha da assadeira certa, de regular o forno para assar etc. No entanto, em todas as estatísticas, o fogão de lenha é o vencedor, quando se trata de assados. Na feitura dos pratos nada é improvisado. Você perceberá que planejaram tudo antes.

## 9.1 - NATAL

Natal... Esse já é um tema que sugere reuniões festivas, carregadas de emoções, como uma atmosfera comprovadamente diferente. Para os Costa Campos também é assim, o almoço de Natal é de confraternização. Abraços, votos de saúde, paz, felicidade, olhos brilhando de emoção, coração batendo mais forte no peito. Assim, os Natais foram sempre motivo de reunião, apesar da falta dos que já foram. Mas a "turma da alegria" não deixa que o ambiente se esfrie. Sempre tem uma brincadeira preparada para, no momento oportuno, aumentar o nível de alegria do pessoal. A família, atualmente com quase 180 pessoas, se esforça para estar reunida e participar de reuniões e sentir emoções tão particulares.

Todos se sentam à mesa com disposição para estabelecer essa comunhão de emoções. As comidas, como sempre tão gostosas, tiram todos do regime. Nesse dia o regime fica realmente esquecido e as pessoas não se preocupam com os quilinhos a mais, e são perdoados quaisquer excessos. As mesas ficam cheias de pratos de todos os tipos, e as pessoas vão chegando para a escolha deles. Depois da refeição, regada à cerveja, vinhos e outras bebidas mais, vem a sobremesa: naturalmente um bolo para comemorar a data.

Após os comes e bebes, todos recuam suas mesas e cadeiras para preparar o palco improvisado (caso não haja um). Entra em ação o mestre de cerimônias

(geralmente o Olivério ou a Mari-Léa) que inicia a sua missão. Difícil missão de usar o microfone no meio de tanto vozerio. O grito tem de ser mais forte para iniciar o bingo. Têm prêmios para todos. Os números vão sendo cantados um a um, aumentando a emoção e fazendo aparecer os felizardos. Enquanto sorteiam os números, o Pedro Machado, mais conhecido como Canário, não perde um só momento dessa família especial. Desde o início da festa ele está à procura dos melhores lances para a sua câmera. Acompanha o Canário os fotógrafos como o José Maurício da Rita, o Nino e outros.

No Natal de 1989 a turma da organização preparou um presentinho especial para cada tio. Suspense. O Olivério chama um de cada vez. Só havia uma exigência: abrir o presente na frente da câmera e de todos. Aí estava o "gostinho" da coisa e a gozação também. Os presentes eram interessantes e bem bolados: um caderno de receitas básicas de cozinha para a Tia Nair, uma aliança para o Tio João criar coragem e pedir a mão da Filomena em casamento, óculos enormes para a Tia Almerinda etc. Mas o melhor de todos, com certeza foi a auréola de santa para a Tia Lavínia, que foi nessa festa canonizada pela família.

A festa não tem hora para acabar e ninguém está preocupado com isso. Ficam até quando querem.

## **9.2 - FESTA DE SETENTA ANOS DE DURVALINA**

Aos vinte de outubro de 1984 comemoramos, em Maria da Fé, os setenta anos de minha mãe. Meu irmão João foi o principal responsável pelo sucesso da festa, providenciando desde convite impresso, lembrancinhas (feitas em papel vegetal e pintadas uma a uma pelas freiras de Taubaté), enfeites, acróstico, missa, coral etc. A solenidade teve início à noite com uma missa celebrada pelo Padre

Celso, que pronunciou um sermão homenageando minha mãe e sua família. Esta cerimônia contou com a presença de um coral, o que a tornou mais linda e emocionante. Eu, meu marido e meus filhos, minha cunhada e minhas sobrinhas participamos das solenidades da missa. Mamãe, no primeiro banco da igreja, ficou ladeada pelos filhos, irmãos, parentes e amigos.

Sua emoção cresceu quando notou a presença de tantos parentes, amigos que não encontrava há anos, amigos de Caçapava que se deslocaram para Maria da Fé somente para abraçá-la e homenageá-la. Estavam lá as primas Didi e Filhinha Ferraz, Terezinha Ferraz, acompanhadas de outros parentes; Dona Diva Fajarra, marido e filhos; Dona Áurea e afilhado e, como não poderia faltar, a amiga Maria Helena Roveda que ajudou desde o planejamento até a realização da festa. Estavam presentes ainda parentes e amigos de Olegário Maciel, Itajubá, Cristina.

Após a missa, os parentes e amigos foram recebidos no salão de festas do Vicentão, decorado e pronto para receber todos com carinho. Nas mesas espalhadas pelo salão, foram servidos salgadinhos, bebidas e finalmente o bolo e os docinhos. Mamãe teve tudo o que tinha direito. Cantaram-lhe parabéns, abraçaram-na, tendo sido alvo da atenção de todos. Estava feliz. Estava realizado o seu desejo, ela merecia esta festa.

Como mestre de cerimônias, Mari-Léa anunciou que algumas pessoas iriam homenagear a aniversariante. Controlei a emoção e fui prestar minha homenagem a mamãe. Depois foi a vez da sua amiga de infância, Filhinha Ferraz, que lembrou tempos passados, emoções que permaneceram e a amizade duradoura. Todos os seus irmãos também prestaram homenagens a ela.

Esta festa teve um significado especial para minha mãe. Ela se sentiu amada, foi alvo de atenção e ficou lisonjeada com o carinho das pessoas. Naquele dia ela esqueceu tudo, viveu realmente o presente e sentiu o carinho das pessoas que foram abraçá-la. Vibrou como uma criança e até hoje comenta com orgulho sua festa. Ela estava feliz porque sua vida de trabalho e luta era passado. O trabalho foi

feito, o amor foi dado, a dor foi sofrida, ela havia sido fiel a tudo aquilo que estava a seu alcance e naquele momento curtia a alegria daquela festa com toda a intensidade. Ela estava feliz olhando para o rosto dos filhos e netos, dos parentes e amigos e via neles sinceros desejos de paz e felicidade.

Hoje recorda com carinho aquela festa, folheando o álbum de fotografias que registrou a festa. Lá ela guarda uma lembrança de tudo. Uma cópia dos discursos, as lembranças, cartões, telegramas, cartas, fotografias etc. Além disto, sua festa foi toda filmada.

### **9.3 - FESTA DE OITENTA ANOS DA DINDINHA**

Dindinha guarda de sua formação religiosa a recomendação de que é responsabilidade de cada um tornar o lugar em que vive melhor para todos. Por isso, ela sempre se empenhou com que fazia, realizou sua missão da melhor maneira, resguardando o seu espaço e daqueles que lhe são caros. Curtiu todos os momentos de sua vida e naqueles que pôde adicionou o seu bom humor, ingrediente indiscutivelmente importante para uma vida mais longa e leve. É incrível como às vezes não percebemos que o tempo passa. E passa depressa, mas essa tia estava sempre lá na Casa Grande a postos.

Vinte de janeiro, dia de São Sebastião. Por isso ela é Maria Sebastiana. Era seu aniversário de oitenta anos. E não é qualquer dia que se faz oitenta anos. Por isso, seus sobrinhos lhe prepararam uma grande festa. Tudo foi secretamente planejado. Para ela, falou-se pouco sobre o fato, apenas que iam encomendar um bolo para comemorar. No entanto, todas as providências foram tomadas para a grande festa. Foram convidados todos da família, os parentes e os muitos amigos. Cada pessoa da família estava encarregada de levar um prato de salgado e bebidas.

As mesas foram montadas no grande quintal da Casa Grande. As comidas foram as mais variadas e as mais gostosas. Como sempre o exagero dos Costa Campos prevaleceu. A fartura foi grande, as variedades também. Depois do jantar, foi o momento do bolo e dos brindes.

O Olivério, como apresentador e entrevistador, iniciou a filmagem da festa e principalmente da Dindinha. A equipe de reportagem filmou a Casa da Vovó, seus arredores e chamaram a aniversariante para uma entrevista especial no jardim. Fizeram-lhe perguntas sobre a vida e o segredo de ter vivido tanto. Dindinha não titubeou e respondeu que o grande responsável foi o trabalho, o qual enfrentou sempre com disposição. Ela é assim até hoje.

A festa foi realmente surpresa para ela. Vieram os primos do Paraná, os sobrinhos de São José dos Campos e Caçapava, os parentes de Olegário Maciel, Itajubá, amigos de perto e de longe. Aconchego e carinho da família. Todos ao seu redor para lhe cumprimentar. Essa tia é querida por todos. Fizeram discursos (seus irmãos, sobrinhos, parentes, amigos) numa maneira de demonstrar o carinho da família por ela. Recebeu abraços de parabéns, um carinho especial de cada um, presentes, placa comemorativa e um acróstico preparado por um poeta de Taubaté, que sem conhecê-la, fez um poema de sua vida, a pedido de seu sobrinho João.

A casa mãe dos Costa Campos ficou alegre, cheia de bons fluidos, parentes, amigos, música, alegria para comemorar o aniversário da mãe postiça de todos da família.

#### **9.4 - FESTA DE OITENTA ANOS DA TIA ORMINDA**

A próxima a fazer oitenta anos foi a Tia Ormindá. Festeira e muito conhecida na cidade e nos arredores, sua festa teve realmente a sua cara. Chegou

no local da festa ao som dos muitos foguetes. Enquanto os fogos arrebentavam, ela subia as escadarias do Restaurante Varanda do seu sobrinho Waldemarzinho. Depois do foguetório, vieram os cumprimentos da família e dos amigos. No Varanda todos a aguardavam ansiosos para lhe desejar felicidades e lhe entregar os presentes. Todos queriam passar à aniversariante vibrações de amor, carinho e realmente de parabéns por chegar a fazer oitenta anos com tanta energia!

Como a família é cheia de artistas, providenciaram-lhe uma homenagem com música. Seus filhos eram anunciados através de uma música especial, os quais iam ao seu encontro. Foram momentos de muita emoção para a Tia Ormindá que realmente não conteve as lágrimas. Ela se emocionou com a presença de todos, com os abraços, cantorias, brincadeiras etc. Como filha do Chico Vicente, este tipo de coisa lhe atinge muito.

Sua família é a que tem a maior prole entre os Costa Campos. Dos nove filhos, Ormindá chegou a vinte e três netos e onze bisnetos. Ter tantos filhos, netos e bisnetos não a deixou menos elegante, alegre, corajosa e disposta como é. Tia Ormindá parece sempre a mesma. Isso aconteceu porque inconscientemente ela sabia que a única coisa que se pode fazer para não envelhecer é não pensar que se está envelhecendo. É uma técnica que dá certo. Ela fez oitenta anos com o corpo, mas sua cabeça está com a metade dessa idade, o que também afeta seu corpo, sua maneira de ser.

Foi uma festa de arromba. Comidas gostosas, aquelas tão conhecidas entre os mineiros. Muita fartura e alegria.

## **9.5 - FESTA DE OITENTA ANOS DA TIA LAVÍNIA**

Essa bondosa tia sabia que iria ter comemoração pela passagem do seu aniversário e começou a receber os convidados e cumprimentos na véspera. Os

filhos estavam lhe preparando "aquela" festa. À noite ensaiaram as músicas e poesias. Na casa da Nenzinha estavam sendo dados os últimos retoques nos instrumentos, nas músicas etc. Ela sabe como ninguém que a música e a poesia unem as pessoas.

A festa seria realizada na Casa da Criança. As comidas, como sempre, foram preparadas com todo o carinho pela família. A Mari-Léa já havia preparado o ambiente com flores, mesas e um lugar especial para a aniversariante. E tudo estava sendo devidamente registrado pela câmera do seu genro Canário.

Tia Lavínia chegou sob aplausos. A festa começou. Todos se ajeitavam para o almoço. A aprovação foi geral.

Entre um intervalo e outro corremos à sala reservada para ensaiar mais alguns números, idealizados e preparados pela Nenzinha.

Terminado o almoço, abriu-se um espaço entre as mesas e cadeiras e deu-se início ao show. Seus filhos Nilson e Nenzinha e sua nora Teresa encheram de emoção o coração dos Costa Campos recordando os tempos da Banda Feminina, tocando um dobrado com três instrumentos: órgão, saxofone e pistom. Foi de arrepiar, emoção também dobrada. Todos pediram bis, mas o tempo já estava esquematizado com outros números.

Em seguida, sua filha Nenzinha e o Ivan (filho de sua amiga Denize) executaram um peça barroca no órgão e na flauta. Mais emoção!

Chegou a vez de seus netos lhe prestarem uma homenagem. Primeiro o Adriano e a Cristiane, tocando violão e cantando, fizeram uma paródia da música "Minha mãezinha querida" com "Minha Vó Vina Querida". Quanta emoção para o coração da Tia Lavínia, sentadinha em sua cadeira especial. O Denilson e a Sabrina declamaram versinhos relacionados com sua vida de telefonista. Ao final todos os seus netos e mais os sobrinhos netos presentes fizeram um jogral em sua homenagem e em seguida lhe ofereceram flores.

Para aliviar as tensões, preparamos um coral de última hora que, prestando-lhe uma homenagem como se fosse uma santa, cantou uma ladainha. O padre (Waldemarzinho) falava a ladainha e o coral e os presentes respondiam: "A VINA":

- "Quem é que visita todos os doentes, aniversariantes da família..."

- A VINA..."

- "Quem é que faz as bolachas mais gostosas de Maria da Fé..."

- A VINA... etc.

Nesse momento Tia Lavínia sorriu. Tudo foi muito bem bolado. Sucesso. O coral cantou um número especial, "O Uirapuru". As vozes grossas ficaram por conta do Alaor, Waldemarzinho e João Carlos e as finas cantadas pela Tia Valda, Mari-Léa, Rosa Maria, Cristiane, Nilza e eu.

Depois das comemorações, todos passaram para o salão ao lado, onde Tia Lavínia recebeu parentes, amigos para os cumprimentos, presentes, flores (rosas lindas e um buquê de cravos que sua irmã lhe trouxe de Caçapava). O bolo foi cortado e os docinhos alegraram a festa. Houve discursos e outras homenagens. Ninguém vê o tempo passar, apesar da chuva que começou a cair...

Tia Lavínia é uma pessoa digna do seu destino, pois soube desejá-lo. Trabalhou a vida toda e quis com toda intensidade progredir e ver seus filhos bem.

## CAPÍTULO 10

### CRÔNICAS

Relicário

"Que seria de nós nas horas tristes se não nos fosse dado ir da saudade à memória, onde conservamos aqueles que amamos."

#### 10.1 - MENINA

Chácara São Benedito.

Cinco horas da manhã.

*- Acorde, menina. "Tá" na hora.*

Ela resmunga, vira-se e volta a dormir.

Cinco e vinte da manhã. Volta a mãe:

*- Não é possível, ainda dormindo? Você ainda perde o ônibus.*

E desta vez arranca o cobertor. O frio entra por debaixo de sua camisola de flanela e seu corpo se arrepia todo. Não tem outro jeito, de um pulo só, sai da cama.

Esta cena se repete diariamente.

Em poucos minutos ela sai do quarto já vestida com seu uniforme azul e branco, a saia pregueada indo até nos tornozelos, a meia branca três quartos e a blusa branca de mangas compridas. Uniforme de colégio de freira é assim - esconde tudo.

Vai ao banheiro. Ainda sente sono e frio. Nunca vai se acostumar a se levantar cedo. De lá sente o cheiro gostoso que vem da cozinha da avó, o barulho do moinho de parede moendo os grãos de café torrado.

Chega à porta da cozinha. A avó agora coa o café no grande mancebo de madeira com coador de pano que faz tanto barulho quanto o mijo da vaca Maracangalha, lá fora a mugir, pedindo a alguém que a acuda, seu ubre estoura!

- "Bença, vó".

- "Bençoi!" Corre menina, bebe seu café e come o angu doce que vou acudir a pobre da vaca.

Ela pega um pedaço do angu, coroado com canela, ainda quente. Bebe devagar, o café quase lhe péla a língua.

A avó volta com o caldeirão de leite e o coloca sobre a grande chapa de ferro do fogão de lenha, o mais bonito da redondeza. É de ladrilho xadrez, vermelho escuro e branco, com grandes paus de lenha que soltam línguas de fogo, onde todas as noites os netos sentam-se em bancos de madeira para ouvir casos de assombração. Um outro arrepio lhe corre pelo corpo, agora é o medo que a faz lembrar do caso que sua mãe contou noite passada do...

"Oê tá" pensando na morte da bezerra! "Eta" menina lerdal! Corre, o padeiro "tá" chegando, "tá" quase na hora do ônibus!

O padeiro era seu companheiro para a cidade, ele deixava o pão e a levava, pois a avó não permitia menina e moça sair desacompanhada de homem de confiança.

Ela vestiu correndo seu casaquinho azul de lã e saiu, já atrás do padeiro, pisando na geada que caíra há pouco, que trincava a cada passo seu fazendo um barulhinho engraçado.

O frio lá fora nada tinha de engraçado. O terceiro arrepio foi prá valer, o padeiro contou que estava abaixo de zero.

*- Corre menina, o ônibus está no ponto.*

E lá longe ela viu a velha jardineira verdinha, furada de portas por todos os lados, esperando pelas meninas e meninos para levá-los, na maior farra, até o colégio.

Eram seis horas.

Ela correu.

**Mari-Léa Zaroni Duarte Campos**

**11-02-82**

## **10.2 - TIO DITO**

Nasceu Benedito. Aos poucos virou "Dito": - Pai, Chico Vicente. Mãe, Felicidade. Primeiro filho homem depois de três mulheres. Franzino, mal chegou ao metro e sessenta. Medroso, dormia junto com os irmãos, todos medrosos; viravam ao mesmo tempo para o mesmo lado, na cama de colchão de palha, barulhenta!

Infância dura, brincar era perda de tempo. Juventude sofrida, até chegar da carroça ao caminhãozinho Ford apelidado "vovô".

Matriculou-se na escola da vida. Fazia lições às escondidas, em cima de sacos de fubá na feclaria. A carga de primeiro filho varão lhe negou o direito da escola regular.

Companheiro inseparável da mãe na luta pela vida, fazia de tudo um pouco. Trabalhou e sofreu muito, porém com alegria.

Apaixonou-se por Teresa, loira de olhos azuis. Para namorar, saía da chácara com sua irmã Almerinda à garupa da bicicleta. Era a garantia de companhia na volta, já tarde, quando o medo lhe corria a mão gelada pelas costas, se sozinho. Casou-se e foi morar na casa por ele construída aos pés da chácara do pai, na várzea gelada. Enfim, alguém para proteger-lhe as costas do frio e do medo do desconhecido. Teresa, mulher forte e decidida, de nome Guerra, foi eterna paixão. Aos 38 anos ela se foi. Ele ficou procurando por outra Teresa, que jamais encontrou. Virou mãe de três filhas loiras como sua Teresa e de outro Benedito que, de tão branco, ganhou apelido de "Nego".

Distraído, de memória fraca para os nomes de pessoas, deixou-nos lembranças engraçadas, inesquecíveis:

\_\_ Menino ainda, sem coragem de "dedurar" a irmã Maria (Ia) ao pai porque ela fumava, escreveu no muro, com carvão:

\_\_ "A IA PITA, PAI."

De outra feita, lutou todo o dia com a memória para se lembrar do nome de um comerciante de São José do Alegre, fornecedor de arroz de seu pai. Nem seu irmão conseguiu lembrar-se dele. Aquilo já se tornava uma tortura para ambos. À noite, dormindo, é acordado, de repente, com a chegada do nome do fulano à memória. Como a convivência com memória lhe foi sempre penosa e nela não

confiava, levantou-se, tomou do carvão (seu aliado antigo) e rabiscou, em garranchos, na parede do quarto:

\_\_ "O NOME DO HOMEM É JAIME."

Tio Dito não só era esquecido, era único em trocar nomes.

O Brasil todo sabia a escalação do time campeão da Copa de 70. Menos o Tio Dito. Na roda, o assunto era um só: os campeões, e cada um exaltava seu ídolo. Tio Dito diz, então:

\_\_ "Bom mesmo é o Xavier."

Todos se calam, surpresos! Que Xavier?

\_\_ O goleiro", diz Tio Dito.

\_\_ "Mas, o goleiro é o Félix, tio."

\_\_ "É isso aí, Félix! Eu sabia que tinha um "x" no nome."

Gargalhada geral.

Ainda o troca-troca:

\_\_ "Gosto muito de um jogador, diz ele, aquele que tem o nome parecido com alicate."

\_\_ ...

\_\_ Era o Sócrates.

Tio Dito subiu a rua nervoso, assistira à feia briga.

\_\_ "Graças a Deus, chegou a turma do "prálá-prácá" e acabou com a briga.

\_\_ Que turma é essa, tio?

\_\_ Aquela turma que chega e diz: "prálá-prácá. prálá-prácá."

Era a turma do "deixa disso".

Filho da natureza, bebeu da bica, pisou o chão, colheu o trigo. Tocou a terra com os pés quando moleque e acariciou-a com as mãos, por toda sua vida. Estava sempre na horta da chácara; era bonito vê-lo, de longe, curvado nos canteiros, acarinhando as verduras e, depois, de cesta na mão, presenteá-las aos irmãos.

Péssimo jogador de baralho, porém insistente. Seus parceiros perdiam a paciência com sua lentidão porque, ao errar uma jogada, queria voltar atrás. Hoje, junto ao cunhado Waldemar Zaroni, Ari Siqueira e Edi Zaroni, em parceria, jogam buraco nas nuvens. E até dá para ouvir o xingamento de Waldemar, seu parceiro, nas más jogadas dele:

\_\_ Burrego!

Quando operado da próstata piorou o seu jogo, pois, em intervalos cada vez mais curtos, ia ao banheiro. E, cada vez mais curta, também, a paciência dos parceiros.

Às vezes, quem perdia a paciência era Tio Dito. Jurava nunca mais voltar ao jogo. Voltava. Foi seu único vício (e vício bobo, jamais jogou a dinheiro).

Era festeiro como o pai, Chico Vicente, gostava de dançar. E foi dançando que despediu-se da vida.

Era dia 5 de maio, ano de 82, bodas de prata de João e Nilza, seus irmãos. Missa, jantar, bolo, dança no restaurante "Varanda". Tio Dito quis ir para casa. Pouco depois ele se foi. Morreu como um passarinho. Deve estar passeando pelas nuvens, de mãos dadas com Tereza, nos intervalos do jogo.

Todos nós morremos um pouquinho no dia em que ele morreu.  
Renascemos, mãos dadas às lembranças.

**Mari-Léa Zaroni Duarte Campos**

**Maria da Fé, 26/03/90**

## CAPÍTULO 11

### MISSÃO CUMPRIDA

Quando penso em meus avós como pessoas que estiveram neste mundo de passagem, cumprindo uma missão determinada por Deus, não posso deixar de me lembrar dos seus inúmeros exemplos de vida. Neste momento, escrevo sobre eles e no meio das letras vejo os dois numa atitude diária que definia as palavras sem necessidade de pronunciá-las. Foram coerentes com seus propósitos durante toda a vida.

Vovó Dade deixou comigo a imagem de uma mulher corajosa, que corria riscos pelas coisas que acreditava, ligada sempre a uma luta diária de trabalho, fecundo e criativo. Deparou com dores e alegrias, teve sucessos e insucessos. Mas, tudo isto serviu para moldar o seu caráter de ser humano que nunca abandonou a frente de batalha, por mais difícil que ela fosse. Viveu realizando uma interminável sequência de pequenas coisas, que somadas formaram uma vida bonita. Trabalhou com fé e esperança, mantendo sempre o entusiasmo em suas ocupações, o qual a ajudou a ultrapassar obstáculos que muitas vezes pareciam intransponíveis para uma mulher pequena como ela. Não cansou de recomeçar quantas vezes fossem necessárias desde seus anos de mocidade até os seus noventa anos bem vividos. Não tinha pensamentos negativos. Para ela tudo ia dar certo. Sabia da luta para conseguir o seu sonho, mas tinha a certeza de consegui-lo.

A oportunidade de realizar grandes feitos acontece poucas vezes na vida do homem. Pelo contrário, as coisas pequenas são tão frequentes e constantes que a fidelidade em cumpri-las é quase um ato heróico. Na Bíblia encontramos inúmeras passagens relativas a esse trabalho pequeno, realizado no dia-a-dia, com coragem,

sem abandonar a luta. São insignificantes cruzeiros diárias que nos engrandecem no final de tudo. Vovó Dade foi assim. Ela viveu para realizar pequenas e grandes coisas com o mesmo tempero.

Vovó Dade teve seus pecados e suas grandezas como qualquer ser humano e experimentou fracassos que a sua coragem converteu em exemplos. Assim, percorreu seu caminho com coragem, fé. Quando descansava já pensava nas tarefas do dia seguinte. Esta sua "figura" foi sendo esculpida por mim pouco a pouco, conforme ia conhecendo sua pessoa. A fé em seus projetos fez com que fosse mais vencedora do que vencida e que corresse atrás de sua lenda pessoal. Ela nos deu exemplos de sobra de que o trabalho engrandece a criatura e a faz abrir-se aos seus semelhantes, dando significado divino à existência terrena. Vovó Dade, do seu jeito, procurou descobrir a sua própria e singular verdade e confiou em sua capacidade.

Viveu praticamente até seus últimos dias bem de saúde; lúcida, com raros momentos de falha de memória. Enxergava pouco devido aos problemas de catarata, como aconteceu com sua mãe. Com exceção disso, sua saúde foi sempre muito boa, pois esteve sempre ocupada e se exercitando com tarefas sadias e sentindo-se útil. Com relação à catarata, tentou uma cirurgia, com poucos resultados. Não enxergar era um sofrimento para ela que, sendo trabalhadora, dinâmica, sentia-se obrigada a aceitar ajuda para suas mais pequenas atividades.

Vovô Chico dizia que "era feliz porque casou com a Felicidade". Realmente isto aconteceu. Ele se sentia feliz com sua esposa e filhos naquela casa onde se respirava e ainda se respira carinho, atenção, querer bem. Não um querer bem meloso de beijos e abraços, mas aquele da preocupação com as pessoas, da refeição servida quente e pontualmente, dos cardápios variados para agradar aos gostos dos grande e pequenos, da porta que nunca fecha para ninguém, das rosas sempre frescas no jardim junto com o pé de já-te-quis, da grandeza dos corações em curar as feridas e perdoar as falhas e agravos etc. Ele era feliz porque a sua casa

tinha o sabor de lar, porque nela se cuidava de detalhes, esses detalhes que formam a nossa existência. E mais importante ainda, nela estava a sua contraparte, a sua alma gêmea, apesar de suas diferenças.

Vovó Dade estava sempre ao lado do marido, calada, como era seu temperamento, brava às vezes, mas sempre presente. Vovô Chico não se cansava de dizer que era apaixonado por ela. Certa vez ficou chateado quando, por ordem médica, teve de dormir separado de sua querida Dade. Seus problemas de varizes se agravaram e a separação foi provisória. Ficou triste e foi necessária a intervenção das filhas para que a Vovó Dade fosse agradá-lo.

Ela andava pela casa devagar devido à idade e aos seus problemas de visão. Às vezes ficava ao lado do grande fogão de lenha ouvindo e conversando. Já não conseguia mais realizar pequenas coisas como colocar café na xícara, servir-se sozinha, tomar seu banho etc. Davam-lhe apoio suas filhas. Ia muitas vezes ao jardim sentir o cheiro da natureza que tanto amou. Ela foi uma ecologista sem saber. Era comum vê-la feliz cuidando do jardim, das rosas, hortências, margaridas etc. Na época em que podia realizar tais coisas e enxergar bem, a cada primavera se entusiasmava e arranjava novidades para a horta e o jardim. Portanto, no final de sua vida, não "ver" a natureza lhe era doloroso. Via pouco com os olhos, mas muito com a alma.

Um dia Vovó Dade sentiu um mal estar estomacal, seguido de mal estar geral. Era um indício de problemas coronários. Foi internada rapidamente e, lá no hospital, foi constatado que haviam se rompido vasos importantes em seu sistema circulatório, afetando o seu coração. Durou algumas horas. Os filhos sempre ao seu redor. Como católica teve a felicidade de comungar. Deixou-nos de maneira tranqüila e discreta em junho de 1979.

Vovô Chico ficou só. Para ele, que havia convivido com sua esposa aproximadamente setenta anos, o impacto de sua morte foi muito grande. Sofreu muito e perdeu a razão de viver.

Eles dois nos mostraram que a família é uma escola de amor, e nenhum organismo social ou político pode substituí-la devidamente. A possibilidade de amar e ser amado, que está sempre dentro do contexto da família, permite que haja nela uma maior disponibilidade para o sacrifício, para ajudar o outro; o que não é praticamente possível dentro de um outro tipo de instituição. É uma força mágica interior que nos capacita a pensar no outro.

Essa fidelidade presente nos membros de uma verdadeira família sempre existiu com os Costa Campos. Esta família teve como exemplos marcantes a vida de Seu Chico e Dona Dade que foi simples, comum. Alegro-me em dizer que foi através dessa simplicidade, do bem querer, da fidelidade aos seus propósitos de vida e da vontade de chegar ao fim de suas tarefas que esses dois seres humanos tiveram autenticidade.

Aquele meu avô alegre, que tentava ser justo a todo o custo, a dividir o seu amor igualmente entre seus descendentes, tenho certeza me diria (se eu tivesse tido a oportunidade de discutir esse assunto com ele) que tudo o que aconteceu entre nós da família Costa Campos foi coisa divina. Reforçaria dizendo que estamos aqui para uma missão específica, para trilhar um caminho. Cabe a nós reconhecer o nosso caminho. Talvez essas missões não sejam de relevância nacional ou internacional, mas pequenas missões que devemos cumpri-las com amor, compreensão, fidelidade, fé, fazendo render os dons que Deus nos deu.

Vovô Chico pressentia o seu papel na vida da família e sempre nos dava conselhos, como por exemplo: "Fazer o bem e não olhar a quem, é mal a ninguém", "A verdadeira amizade é uma riqueza", "O respeito ao próximo é imprescindível", "Deus é nosso pai", "Quem educa uma mulher, educa uma família" etc. Alguns desses conselhos eram ditos com todas as letras e outros nos foram passados de maneira implícita, discreta, através de seus atos.

Hoje, lembro-me de seus conselhos e imagino que ele me diria algo assim: "Não se esqueçam de transmitir aos seus filhos e netos que a fé é um legado muito

importante. Nós temos de confiar em nossos sonhos e em nossa capacidade e ter fé. Eu a herdei de meus pais. Para se construir algo, o respeito ao próximo, a confiança em nossos atos, a necessidade do trabalho honesto, o compromisso com a fidelidade, com a vida dos próximos que estão ao nosso lado é imprescindível. Não percam de vista isto que eu estou lhes dizendo. Se daqui a algum tempo o mundo enlouquecer com mudanças, mesmo assim, lembrem-se do que o velho Chico Vicente lhes falou. Tenham fé em Deus, em vocês, nas pessoas, no trabalho e principalmente que todos nós estamos aqui para realizar nossas lendas pessoais que, somadas, ao final, nos garantirão o céu. Isto tudo nos levará a experimentar a necessidade de Deus e a procurá-lo sinceramente".

Realmente, Vovô Chico era um homem bom, suave, meio ingênuo, tal era a sua vontade de tratar bem, conhecer e respeitar o próximo. Era tolerante, amável, muito amoroso e emotivo. Trabalhou e lutou muito para conseguir vida melhor para a família. Conhecia o que era bom e desejava o que fosse de melhor para os seus. O seu ponto forte estava no contato com as pessoas, com as quais sabia dialogar, argumentar para apaziguar, para negociar, para aconselhar, animar. Manteve-se como conciliador a sua vida inteira. Trabalhou como grande negociante em Maria da Fé e no Sul de Minas e fez grandes negócios, ganhou e perdeu, mas nunca se esquecendo de sua honestidade e dignidade.

Conviveu muito tempo com os problemas advindos da má circulação sanguínea, os quais foram responsáveis por varizes em suas duas pernas. Suas varizes atingiram uma gravidade tal que ele só conseguia andar apoiado em uma bengala. Não me esqueço dele andando devagar desde a Chácara até a Fecularia, sempre com o seu inseparável chapéu. Chegando à Fecularia, procurava logo um lugar para descansar e ali ficava a conversar com todos que chegavam. Quando sua saúde se agravou mais ele passou a usar a cadeira de rodas para se locomover. Com ela conviveu por longos anos e, mesmo assim, continuou alegre e brincalhão.

Não devia ser fácil ficar cerceado naquela cadeira de rodas, com seu caminho reduzido a poucos metros. No entanto, andava pela casa, pelo jardim e alpendre. Gostava de ler e era comum vê-lo com o jornal (já que era surdo e ver televisão lhe era difícil) ao lado da janela da sala de jantar, de onde tinha visão de parte da cidade. Outras vezes ficava no jardim e alpendre de onde podia ver o caminho, a várzea, parte da cidade, a igreja etc.

Tia Valda era sua enfermeira e responsável pelos remédios, curativos etc. Sabia os remédios, as alergias, as doses, os horários, se devia chamar o médico ou não. Missão sublime. Tenho certeza que receberá as recompensas.

Fora as alergias, as varizes das pernas e a surdez eram seus únicos problemas. De resto ele era saudável. Alimentava-se muito bem e era o primeiro a se dirigir para a mesa no horário das refeições e o último a sair. Antes de ir para a mesa tirava seu inseparável chapéu, com o qual ficava o tempo todo.

Muitas vezes participamos das refeições na Chácara e ele como bom anfitrião nos dizia: " \_\_ Coma mais um pouquinho", " \_\_ Você não experimentou este prato", " \_\_ Você comeu pouco" etc. Procurava nos deixar à vontade. Terminada a refeição, ele invariavelmente dizia: "Louvado seja Deus." Ele era um bom garfo e era comum nos intervalos das refeições pedir para a Dindinha fritar uma linguça, a fazer um viradinho ou esquentar uma carne de panela.

Na última fase de sua vida, permanecia mais na cama do que na cadeira de rodas e, depois da morte da Vovó Dade, só ficava na cama. Sofreu um derrame e já não conseguia mais falar. Comunicava-se através de sinais, perfeitamente entendidos pelas filhas. Nessa época fazia sempre o gesto de colocar as mãos postas, juntas, como se fosse rezar e apontar para o alto, como se quisesse dizer que gostaria de ir logo para Deus.

O velho Chico entristeceu, não queria mais viver, a vida não tinha mais sentido sem a sua companheira. Foi embora aos poucos com noventa e oito anos.

Morreu de parada cardíaca, quietinho, quase dormindo, na madrugada do dia 11 de junho de 1980. Foi se encontrar com a sua namorada Felicidade.

## CAPÍTULO 12

### A VIDA CONTINUA...

Essas memórias são fruto de observações rotineiras e de lembranças fortes, as quais compõem a história de um clã.

Para que nos dediquemos à história e à genealogia de um clã, é necessário concentrarmos naquilo que lhe é peculiar. As sucessivas gerações dos Costa Campos são as mesmas em sua essência, ou seja, nos hábitos e costumes, crenças, vocações, trabalho, qualidades morais e intelectuais. Assim, a identidade entre os elementos do clã é grande, apesar das mudanças pessoais e históricas.

O objetivo deste trabalho, acredito, foi atingido, daqui para frente os descendentes dos Costa Campos têm um referencial, podem conhecer melhor seus ancestrais através destas páginas. Tudo é verdadeiro, porque eu vivi muitos pedaços desta história antes de tê-los escrito. O tema é comuníssimo e as situações são quase sem originalidade. Mas para a família Costa Campos, ele se apresenta com tonalidades novas, através do sentimento de família.

Procurei colocar aqui fatos que julguei merecedores e não registrei outros que a ética não aprova. Segui aquele pensamento que diz que ao historiador cabe contar tudo o que sabe, mas o memorialista conta o que quer.

A minha intenção foi de revelar fatos que aconteceram na família. Quem fala tem certas intenções ao comunicar-se. Assim, declaro que a minha foi de mostrar de maneira simples fatos que vivenciei ou que chegaram a mim por pessoas da família. Trabalhei muito com o passado da família não vivido por mim. E como disse a escritora Cecília Meireles: "A vida só vale a pena ser vivida, se reinventada".

A cada momento temos de reinventar para conseguirmos superar a vida. Os testemunhos que obtive estavam cheios dessa reinvenção, de novas emoções, as quais procurei passar para estas páginas. Há pessoas que acham que só vale a pena viver o presente. No entanto, acho que mesmo não desejando estamos muito ligados ao passado e o futuro. Por isso, a parte mais importante de nossas vidas está no presente, no passado e no futuro. Somos a somatória de tudo isso. Pedacos de muitas vidas, muitas emoções e, por isso, não podemos desprezar uma só parte. Só assim seremos o todo.

Não posso estar sempre presente no meio dos Costa Campos, mas de modo indireto estarei agindo na família através desses relatos. São fatias de vidas, retiradas daqui e dali. Fiz apenas reuni-los. Cumpri também a vontade da Vovó Dade que disse um dia: "Minha vida daria um livro". Ousei contar todas essas coisas, comuns e simples, para que seus descendentes mais novos pudessem também usufruir de seus exemplos.

A lembrança, a emoção dos fatos passados ninguém rouba. As vidas aqui mostradas têm no passado muita retidão de caráter, honestidade, espírito de luta, lealdade, solidariedade, também desenganos, erros e sofrimentos. No entanto, nada do que fizeram pode ser anulado, fazem parte da memória da família.

E a vida continua para honrarmos o nome que recebemos...

## **TOMEI A PALAVRA SENHOR**

**Michel Quoist - Poemas para Rezar**

"A palavra, Senhor, é uma graça, nem tenho o direito de calar-me por orgulho, covardia, ignorância ou medo do esforço.

Os outros têm direito à minha palavra, à minha alma. E ninguém mais, senão eu, Senhor, a poderia dizer. Tenho uma frase a pronunciar, curta, cheia de minha vida. Esquivar-me não posso.

Mas as palavras que lanço têm de ser palavras verdadeiras.

Seria um abuso de confiança captar a atenção do outro, se debaixo da casca das palavras eu não comunicasse a verdade da alma.

As palavras que derramo têm que ser palavras vivas, ricas daquilo que só minha alma apreendeu do mistério do homem.

As palavras que transmito têm de ser portadoras de Deus, pois os lábios que me deste, Senhor, são feitos para dizer minha alma.

E minha alma te conhece e te guarda enleada.

Perdoa-me, Senhor, ter falado tão mal.

Perdoa-me se falei tanta vez para não dizer nada.

Perdoa-me os dias em que prostituí meus lábios, pronunciando  
palavras ocas,

palavras falsas,  
palavras covardes,  
palavras em que não pudeste intrometer-te  
às escondidas.

Quando tenho de tomar a palavra numa assembléia,  
entrar numa discussão, conversar com um irmão,  
dá-me alento.

Faze, Senhor, sobretudo, que minha palavra seja uma semente.

E os que recebem minhas frases possam contar com uma bela seara".